

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Ana Cássia Pandolfo Flores da Rosa

**A INTERNET DOS LEIGOS:
CATOLICISMO MIDIÁTICO E PRÁTICAS DE CONSUMO
COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA**

Santa Maria, RS
2018

Ana Cássia Pandolfo Flores da Rosa

**A INTERNET DOS LEIGOS:
CATOLICISMO MIDIÁTICO E PRÁTICAS DE CONSUMO
COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutor em Comunicação**.

Orientadora: Sandra Rubia da Silva

Santa Maria, RS

2018

Flores da Rosa, Ana Cássia Pandolfo
A internet dos leigos: catolicismo midiático e
práticas de consumo como experiência vivida / Ana Cássia
Pandolfo Flores da Rosa.- 2018.
182 p.; 30 cm

Orientadora: Sandra Rubia Silva
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2018

1. catolicismo midiático 2. midiatização da religião
3. consumo 4. etnografia para internet I. Silva, Sandra
Rubia II. Título.

Ana Cássia Pandolfo Flores da Rosa

**A INTERNET DOS LEIGOS:
CATOLICISMO MIDIÁTICO E PRÁTICAS DE CONSUMO
COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutor em Comunicação.**

Aprovado em 13 de abril de 2018:

Dra. Sandra Rubia da Silva (UFSM)
Presidente/orientadora

Dra. Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronsztein (UFPE)

Dr. Jairo Getúlio Ferreira (UNISINOS)

Dra. Débora Krischke Leitão (UFSM)

Dra. Aline Roes Dalmolin (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

Agradecimentos

Aquele que me chamou à vida e me sustenta no ser, obrigada pelo Amor que enche tudo de sentido e tece a história.

Aos meus pais, Luiz e Maria Isabel, por me ensinarem a gostar dos estudos, da fé, das pessoas e dos sonhos.

Aos melhores irmãos do mundo: Lu, Diego, Cris, e aos irmãos que chegaram depois: Joice, Zé, Júlio. Obrigada por acreditarem sempre em mim e por fazerem a vida mais bonita.

Aos meus sobrinhos Elias, Nicolas, Heitor e Ester. Obrigada por serem o sorriso dos meus olhos e encherem a minha vida de felicidade.

A minha “casa acadêmica” UFSM/ FACOS/POSCOM que me proporcionou a realização de tantos sonhos: graduação, mestrado, doutorado, experiência docente como professora substituta. Professores, servidores e colegas, obrigada pelos conhecimentos, pelos exemplos, pela inspiração, pelos desafios, pela amizade, por toda experiência vivida.

A minha orientadora Sandra, grata surpresa do doutorado. Obrigada por ser exemplo de dedicação, comprometimento e zelo pela pesquisa, pela docência e pelas pessoas. Obrigada pela delicadeza, parceria e sensibilidade de sempre.

Ao Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais que possibilitou que essa jornada fosse muito mais rica, estimulante e coletiva. Obrigada aos colegas que me ensinaram tanto em cada conversa, debate e convivência.

À terceira turma de doutorado do POSCOM pelas parcerias, risadas e incentivos.

A Vivi e ao Alexandre que gentilmente concordaram com essa pesquisa, responderam muitas solicitações, abriram a porta de casa para mim. Obrigada pela generosidade, confiança e bom humor de sempre.

Aos leitores Camila, Gabriel, Letícia, Paulo, Rebeca e Pedro que construíram com suas vivências essa pesquisa. Obrigada pela abertura, confiança e acolhida com que me presentearam em cada conversa.

À Secretária de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande, em especial Andréia, Gabriela e Law, pela acolhida e generosidade tão fundamentais para que essa tese pudesse ser escrita.

Aos amigos que estiveram comigo nas dúvidas e nas certezas. Obrigado por me ajudarem a ser uma pessoa melhor e por me sustentarem com seu amor e oração.

Às pentefinas, por continuarem fazendo a vida-filme cheia de amor purinho e amizade autêntica.

Ao meu esposo Vinícius, escola de candura e verdade, obrigada por continuar sonhando, crendo e remando comigo.

*Sois maior que a palavra que temos sobre Vós,
escapai-nos, graças a Deus!*

(Adélia Prado)

RESUMO

A INTERNET DOS LEIGOS: CATOLICISMO MIDIÁTICO E CONSUMO DE CONTEÚDO COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA

AUTORA: Ana Cássia Pandolfo Flores da Rosa
ORIENTADORA: Sandra Rubia da Silva

A pesquisa apresenta como temática a atuação do leigo católico na internet no contexto da midiaticização da religião. A problematização se constrói na tentativa de pensar a inserção do leigo nas dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet e seus desdobramentos para a experiência religiosa do sujeito. Dessa forma, a pergunta-problema que guia a pesquisa é a seguinte: como as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet se constituem em experiência vivida por leigos católicos? Para tanto, a análise parte do blog O Catequista, projeto criado e mantido por leigos para tratar de assuntos doutrinários e abordar temas atuais a partir de uma visada católica. O estudo se constrói como uma análise de inspiração etnográfica que se baseia nos pressupostos metodológicos da etnografia para internet de Hine (2015) e que contou com a participação de oito informantes privilegiados, a saber, o casal de blogueiros responsáveis por O Catequista e seis de seus leitores. O trabalho de campo foi realizado a partir da observação participante on-line no blog e na página de O Catequista no Facebook, de troca de e-mails, conversas por meio de aplicativos de bate-papo, entrevistas por telefone e duas visitas presenciais aos blogueiros. A convivência com os blogueiros estendeu-se por quase quatro anos, de maio de 2014 a janeiro de 2018 e o contato com os leitores ocorreu no período de setembro de 2017 a fevereiro de 2018. Os resultados apontam para a articulação de contextos on-line e off-line que confirmam o alinhamento do projeto de O Catequista com a ideia de catolicismo midiático (CARRANZA, 2011) que se caracteriza por um projeto de reinstitucionalização católica efetivado pela atuação na mídia, pelo conservadorismo moral e doutrinário e pela oposição aos movimentos e ideias consideradas marxistas/socialistas/comunistas. A atuação dos blogueiros, apesar da liberdade de iniciativa, ao se firmar na ideia de fidelidade aos posicionamentos da Igreja é tomada como um protagonismo oficioso. A constante necessidade de renovar sua adesão a instituição é entendida como uma “fidelidade tática”. Já a ideia da internet dos leigos sugere que a vivência católica da internet pode ser caracterizada pela experiência de reafirmação da catolicidade do leigo. Na experiência vivida pelos leitores na internet, a reafirmação da adesão a Igreja se dá a partir de disputas de autoridade, moralidade e ativismo realizadas por meio de dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso.

Palavras-chave: Catolicismo midiático. Midiaticização da religião. Consumo. Etnografia para internet.

ABSTRACT

THE INTERNET OF THE LAITY: MEDIA CATHOLICISM AND CONSUMPTION PRACTICES AS LIVED EXPERIENCE

AUTHOR: Ana Cássia Pandolfo Flores da Rosa

ADVISOR: Sandra Rubia da Silva

The research presents, as a theme, the action of the Catholic layman on the internet in the context of the mediatization of religion. The problematization constructs itself in the consideration of the insertion of the layman in the dynamics of the production and consumption of religious content on the internet and its impact on the religious experience of the subject. Thus, the problem question that guides the research is: how are the dynamics of production and consumption of religious content on the internet experienced by lay Catholics? To this end, the analysis arises from the blog *The Catechist*, a project created and maintained by lay people to deal with doctrinal issues and to approach current issues from a Catholic perspective. The study constructs itself as an analysis of ethnographic inspiration that is based on the methodological assumptions of the ethnography of the internet by Hine (2015) and that relied on the participation of eight privileged informants, namely the couple of bloggers responsible for *The Catechist* and six of its readers. The fieldwork was carried out through the observation of online participants on the blog and on the *Catechist's* Facebook page, e-mail exchanges, conversations via chat applications, telephone interviews and two face-to-face visits with the bloggers. The interaction with the bloggers extended for almost four years, from May 2014 to January 2018 and the contact with the readers was carried out from September 2017 to February 2018. The results point to the link between online and offline contexts, confirming the alignment of *The Catechist's* project with the idea of mediatic Catholicism (CARRANZA, 2011) that is characterized by a project of Catholic reinstitutionalization carried out by the media, which is characterized by a project of Catholic reinstitutionalization made effective by the media, moral and doctrinal conservatism and by the opposition to movements and ideas considered marxist / socialist / communist. The action of the bloggers, despite the freedom of initiative, to be firm in the idea of fidelity to the positions of the Church is taken as an unofficial protagonism. The constant need to renew their adherence to the institution is understood as a "tactical fidelity". The internet idea of the laity suggests that the catholic experience of the internet can be characterized by the experience of reaffirmation of the catholicity of the layman. According to the experience of internet readers, the reaffirmation of the Church's adherence is based on disputes of authority, morality and activism carried out through the dynamics of production and the consumption of religious content.

Keywords: Media Catholicism. Mediatization of religion. Consumption. Ethnography for the internet.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Página inicial do blog em maio de 2014.....	41
Figura 2 - Página inicial de O Catequista em janeiro de 2018.....	44
Figura 3 - Rodapé do site O Catequista	45
Figura 4 - Montagem com memes de O Catequista e camiseta “Não jujubeis”..	86
Figura 5 - Mobilização contra bloqueio de páginas católicas no Facebook.....	98
Figura 6 - Montagem com memes de O Catequista.....	106
Figura 7 - Meme de O Catequista sobre palmas na missa.....	160

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Escolaridade respondentes Facebook.....	49
Gráfico 2 – Escolaridade respondentes blog	49
Gráfico 3 –Tipo de envolvimento com a Igreja dos respondentes do Facebook	50
Gráfico 4 - Tipo de envolvimento com a Igreja dos respondentes do blog.....	50
Gráfico 5 - Frequência de acesso de respondentes do Facebook	51
Gráfico 6 - Frequência de acesso de respondentes do blog	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Distribuição dos leitores de O Catequista por faixa etária	48
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONSTRUINDO UM OLHAR ETNOGRÁFICO	22
2.1	DA INSTITUIÇÃO PARA AS PESSOAS: APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA E O CONTEXTO DAS ESCOLHAS DE PESQUISA	23
2.2	ETNOGRAFIA COMO TEORIA E MÉTODO	25
2.3	ETNOGRAFIA PARA A INTERNET	30
2.4	DINÂMICAS DE UM OBJETO DE PESQUISA	40
2.5	LEITORES E INFORMANTES	47
3	CATOLICISMO MIDIÁTICO: IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E CONTEXTOS	55
3.1	MIDIATIZAÇÃO E MIDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO	56
3.1.1	Religião digital?	60
3.1.2	Midiatização da religião como experiência vivida	64
3.2	CATOLICISMO MIDIÁTICO: UM PROJETO DE REINSTITUCIONALIZAÇÃO	65
3.2.1	Catolicismo midiático e uma cultura da mídia religiosa	69
3.3	MOVIMENTOS E LEIGOS	73
3.3.1	Geografia eclesial	73
3.3.2	De fiéis a leigos	77
4	PRÁTICAS DE CONSUMO NA INTERNET E EXPERIÊNCIA DOS LEIGOS	81
4.1	CONSUMO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	81
4.1.1	Teorias do consumo e midiatização da religião	81
4.1.2	Usuário, fiéis, leigos: consumo como instância criativa	87
4.2	PRODUÇÃO E CONSUMO DE CONTEÚDO RELIGIOSO NA INTERNET	95
4.2.1	Internet como gênero cultural	95
4.2.2	Mídias sociais e cultura da participação	101
4.2.3	Práticas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet	107
5	UM BOTEÇO CATÓLICO NA INTERNET, O LEIGO ATRÁS DO BALCÃO: A ATUAÇÃO DOS BLOGUEIROS CATÓLICOS EM O CATEQUISTA	114
5.1	QUEM SOMOS NÓS	116
5.2	UM PÚLPITO PARA OS CATEQUISTAS: O FAZER DOS LEIGOS NA INTERNET	125
5.3	NO RIO E NA REDE: LÓGICA E CONTEXTO DO PROTAGONISMO LEIGO	133
6	A INTERNET DOS LEIGOS	143
6.1	TRAJETÓRIAS DE FÉ	143
6.2	A INTERNET QUE ENSINA A SER CATÓLICO: CONSUMO DE CONTEÚDO RELIGIOSO NA DISPUTA POR AUTORIDADE E MORALIDADE	148
6.3	A INTERNET QUE ENSINA A SER ATIVISTA	163
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
	REFERÊNCIAS	177

1. INTRODUÇÃO

Discursos religiosos têm ocupado lugar de destaque em diversos debates públicos na sociedade brasileira. Das discussões sobre a descriminalização do aborto a polêmicas sobre exposições de arte e discussões sobre as bases curriculares de ensino das escolas públicas, a identidade religiosa de grupos cristãos tem sido mobilizadora de reivindicações e embates acalorados, os quais tomam a internet como arena privilegiada de visibilidade e articulação. Se, institucionalmente, a Igreja Católica possui posicionamentos historicamente conhecidos sobre várias questões sociais, no contexto da internet, as mobilizações em prol dos “interesses católicos” não partem tanto de membros do clero, mas dos leigos.

A evolução da internet e de suas plataformas digitais disponibilizaram cada vez mais recursos para que a atuação dos leigos ganhasse mais alcance e visibilidade. Em ambientes como sites e portais mantidos por entidades ligadas à hierarquia da Igreja Católica (paróquias, congregações, comunidades, santuários), a experiência ofertada é majoritariamente devocional (FLORES, 2010; SBARDELOTTO, 2012). O fiel é interpelado a praticar a fé com cliques e comentários que movimentam os conteúdos religiosos ali ofertados. Já em contextos como blogs e sites de redes sociais, o que se observa são as pessoas apropriando-se do sistema para formatarem, elas mesmas, suas próprias ofertas de conteúdo religioso, assim como interagirem entre si e oferecerem novos sentidos e significados às mensagens.

Contudo, essas novas formas de atuação do leigo não se constituem apenas como uma apropriação de recursos tecnológicos e comunicacionais, mas se dão em contextos mais amplos de alterações do entorno social e comunicativo, pela presença estruturante da mídia nos modos de ser e agir de sujeitos e instituições, processo conhecido como midiatização (FAUSTO NETO, 2012; VERÓN, 2014; GOMES, 2016). Dessa forma, ao indicar a alteração do contexto social e cultural em que a religião é definida e praticada na contemporaneidade, o conceito de midiatização da religião não diz respeito apenas às instâncias institucionais midiáticas e eclesiais, mas abarca o fazer e a experiência dos sujeitos.

Ao encabeçarem iniciativas on-line que promovem, divulgam, comentam e discutem conteúdos referentes à doutrina, à tradição e à atuação da Igreja Católica, os fiéis adquirem uma postura mais ativa em relação à midiatização da religião. A

partir do posicionamento e do interesse de cada iniciativa, os conteúdos são formatados, ganhando ressignificações e transparecendo filiações eclesiais, sociais e políticas. A postura dos católicos, ao protagonizarem tais iniciativas na rede, parece evidenciar uma visão sobre o papel do leigo católico no mundo contemporâneo marcado pelas novas potencialidades trazidas pelas tecnologias digitais e também por tensões entre diferentes projetos de catolicismo. Dessa forma, busco desenvolver uma pesquisa que apresenta como temática a atuação do leigo católico no contexto da midiatização da religião na internet.

Diante desse contexto, a problematização do tema se constrói na tentativa de pensar as dinâmicas envolvidas na produção e consumo de conteúdo religioso na internet como experiência religiosa vivida por leigos católicos, que articula contextos on-line e off-line. A atuação dos leigos na rede, além de produzir conteúdo, também cria comunidades em que esse consumo religioso e a experiência de testemunhar a fé na internet são vividas através de complexas redes de relações, de disputas de interesses e de diferentes posicionamentos em relação à instituição Igreja Católica e à sociedade como um todo. Tal contexto dá margem a novas formas de protagonismo para o leigo, com novas dinâmicas de sociabilidade e pertencimento. Esse protagonismo leigo na internet parece se configurar em uma novidade no panorama da midiatização da religião, que fica mais coletiva, criativa, participativa e socialmente engajada com a atuação desses múltiplos atores religiosos.

Considerando que a internet está cada vez mais imbricada nas práticas cotidianas da maioria das pessoas, em diferentes modalidades de uso e com diferentes motivações, os fiéis constroem suas trajetórias religiosas lendo a bíblia por meio de aplicativos no smartphone, acompanhando o papa no Twitter, informando-se sobre doutrina em blogs, discutindo moral através de memes no Facebook, articulando mobilizações de católicos por grupos de Whatsapp. Independentemente do tipo de uso ou da ferramenta escolhida, o que chama a atenção é o fato desse tipo de vivência religiosa se articular tendo a internet em vista, o que evidencia a continuidade, e não a ruptura ou separação, cada vez maior entre as realidades e experiências digitais em rede e as demais esferas da vida. Pois, como afirma Hine (2015) a internet pode ser entendida como um fenômeno incorporado, que articula conexões entre o on-line e o off-line, e cotidiano, que tem presença tão comum na rotina das pessoas que passa a ser visto como natural.

Sendo assim, pensar a produção e o consumo de conteúdo religioso dos leigos e pelos leigos na internet é levar em consideração a existência de demandas que não são supridas pela instituição e nem pelos formatos tradicionais de engajamento eclesial. A compreensão sobre as conjunturas eclesiais em que se desenvolvem as iniciativas dos leigos parece contribuir para um entendimento mais próximo dos impactos efetivos que esse tipo de atuação gera na vivência religiosa dos fiéis, na Igreja, na internet e na sociedade como um todo. Como afirma Miller (2007), as relações entre produção e consumo não podem ser pensadas linearmente e nem de forma causal, mas devem levar em conta os contextos sociais em que estão inseridos.

E é nessa busca por não perder os contextos eclesiais de vista que a ideia de catolicismo midiático (CARRANZA, 2011) se mostra relevante como chave de leitura que permite entender os enquadramentos sociais e institucionais, os quais fazem de um certo tipo de protagonismo do leigo na internet, continuidade de um projeto de catolicismo que vê a mídia como principal ferramenta para recatolizar a sociedade.

Assim, a proposta de problema de pesquisa se configura na seguinte questão: **como as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet se constituem em experiência vivida por leigos católicos?**

Para tanto, o ponto de partida da pesquisa é o blog O Catequista¹, iniciativa criada e mantida por um casal de leigos católicos com uma proposta de catequese bem-humorada construída por meio da exposição de conteúdos doutrinários e da busca pela “visada católica” sobre questões sociais, comportamentais e morais.

Em relação aos objetivos, o estudo apresenta como objetivo geral: analisar as práticas socioculturais e simbólicas de leigos católicos a partir do blog O Catequista. E como objetivos específicos: mapear as rotinas de produção de conteúdo de O Catequista; mapear a relação dos leitores com O Catequista; analisar como as apropriações do catolicismo geram dinâmicas e tensões entre os leigos e a instituição; identificar qual a percepção dos leigos sobre o seu papel na internet e compreender qual o papel da internet da vivência religiosa dos leigos.

Ao buscar privilegiar a percepção dos atores sobre suas próprias práticas, a contribuição desse trabalho é delineada pelo entendimento das dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet como uma experiência de

¹ www.ocatequista.com.br

reafirmação da catolicidade do leigo que, a partir de disputas de autoridade, moralidade e ativismo, busca firmar a sua adesão à instituição, ao mesmo tempo em que toma a sua condição de leigo católico como estruturante da forma de se relacionar com a internet. Assim, entendo ser possível falar de uma internet dos leigos, tentativa de caracterização da experiência de midiatização da religião experimentada e exercida pelos leigos e que atualiza o projeto de reinstitucionalização católica pela mídia.

Com este trabalho, pretendo contribuir com os estudos desenvolvidos na linha “Mídia e Estratégias Comunicacionais” do POSCOM/UFSM que justifica-se pela busca em aprofundar o entendimento da midiatização da sociedade pelo estudo de suas processualidades no campo religioso. Entendo que os estudos da relação entre mídia e religião são historicamente importantes para o entendimento das transformações da ordem social abarcadas pela tecnologia e a comunicação, como aconteceu na época do surgimento da imprensa, no século XV. A relação da instituição Igreja com as mídias impressas teve reflexos em questões sociais, tais como a estruturação de países em estado-nação (STRATE, 2011). Dessa forma, estudar os imbricamentos entre religião e mídia, em tempos de ambiência midiatizada, não ajuda apenas a pensar a midiatização de um determinado setor da sociedade, mas faz avançar todo o campo de estudos dos processos comunicacionais realizados pelos meios de comunicação.

O contexto social e político brasileiro também coloca em evidência a importância de se compreender mais os complexos fenômenos comunicacionais da atualidade, nos quais a religião tem figurado cada vez mais como um aspecto relevante, haja vista o papel central que expressões religiosas têm ocupado em diversos debates sociais e políticos que se levantam na esfera pública brasileira, principalmente tendo a internet como grande arena de discussão. Além disso, estudar as ressignificações e sociabilidades advindas do catolicismo é atentar para um universo de sentido poderoso e cotidiano, que mobiliza milhões de brasileiros em diferentes níveis de engajamento.

O contexto eclesial brasileiro também parece confirmar a pertinência da discussão aqui proposta, já que nos últimos anos a Conferência dos Bispos do Brasil tem proposto a reflexão sobre a participação dos leigos na Igreja. Em 2014, a Conferência lançou um documento de estudos centrado na discussão sobre os leigos. Em 2016, a versão definitiva do texto, o Documento 105 “Cristãos Leigos e

Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo”, foi aprovada durante a 54ª Assembleia Geral da CNBB. Como cume desse processo, em 26 de novembro de 2017 iniciou o Ano do Laicato, iniciativa que pretende, através da reflexão e de celebrações em todas as dioceses estimular o protagonismo leigo.

Outro argumento que justifica a realização deste trabalho é o estado da arte - o panorama dos estudos em Comunicação sobre mídia e religião no Brasil. Apesar dessa temática não ser novidade, pois há importantes livros sobre a relação entre Comunicação e Igreja Católica que datam da década de 1980, pode-se considerar que, atualmente, tais estudos estão em consolidação e expansão, já que atualmente se verifica um pequeno aumento nas pesquisas que abordam outras religiosidades fora do contexto cristão. Ao explorarmos os anais dos sete últimos Encontros da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, a COMPÓS, sete trabalhos sobre religião foram publicados. Em relação às revistas científicas brasileiras com maior índice de avaliação, qualis A2 segundo a CAPES, apenas seis artigos com a temática da religião foram encontrados em seus sistemas de busca no período 2010-2015. Se analisarmos os trabalhos sobre o tema apresentados em congressos nacionais e regionais da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – também no período 2010-2015, encontramos um número significativo de artigos, 55 no total. Entretanto, a maioria deles refere-se a pesquisas de Iniciação Científica, isto é, pesquisas que ainda estão em fase inicial ou que são pontuais.

Levando em consideração o número relevante de trabalhos encontrados nos congressos da INTERCOM, é propícia uma análise mais detalhada de tais artigos. Sobre o enfoque religioso desenvolvido, apenas seis não eram sobre cristianismo e apresentavam temáticas como umbanda, *wicca*, religiosidade indígena, ceticismo e ateísmo. Os demais 49 trabalhos, dividem-se entre os seguintes focos temáticos: evangélicos (24 trabalhos), religião em geral e/ou cristianismo (14 trabalhos), católicos (11 trabalhos).

Em relação ao enfoque midiático, os trabalhos sobre evangélicos e católicos ficam assim divididos: 12 trabalhos sobre televisão (10 evangélicos, 2 católicos), 10 trabalhos sobre internet (7 evangélicos e 3 católicos), três sobre rádio (todos evangélicos) e dois sobre jornal impresso (1 evangélico, 1 católico). Ainda foram encontrados oito trabalhos que estudavam a interface das igrejas com o marketing, a cultura popular e o entretenimento.

Analisando as produções acadêmicas mais complexas como teses e dissertações - já levando em consideração o recorte temático de estudos sobre religião e internet, percebemos as lacunas que podem ser preenchidas com essa proposta de pesquisa. Das sete teses defendidas sobre mídia e religião de 2010 a 2016, apenas duas estudam a religiosidade na internet tendo como objeto empírico a fé católica. Outras quatro teses estudam o fenômeno religioso na televisão, dois trabalhos sobre emissoras católicas, uma sobre emissora evangélica e um trabalho sobre revistas católicas. Já uma das pesquisas se dedica a analisar as leituras do fenômeno religioso na opinião pública contemporânea.

Já sobre as dissertações apresentadas sobre religião e internet nos últimos seis anos, foram contabilizados 17 trabalhos. Desse total, sete apresentam objetos empíricos católicos, cinco exploram sites e redes sociais de denominações evangélicas e uma pesquisa tem como foco o cristianismo de forma mais ampla, sem diferenciar católicos e evangélicos. Apenas quatro trabalhos saem da seara cristã e se dedicam a diferentes matrizes religiosas como candomblé, xamanismo e, ainda, um trabalho que explora o tema da religião de forma mais ampla, com corpus de análise formado por sites de diferentes religiosidades, além de uma pesquisa sobre ateísmo.

Apesar do catolicismo figurar como foco do maior número de trabalhos, percebemos lacunas que a nossa proposta de pesquisa ajuda a preencher. Uma delas é o pouco entendimento sobre o papel dos fiéis no processo de midiatização, já que a maioria dos trabalhos publicados analisam sites, portais e perfis institucionais da Igreja Católica e apenas uma tese aborda iniciativas mantidas por leigos. Além disso, a oportunidade de inovação também se dá no uso de uma metodologia com caráter etnográfico para pesquisar o tema.

Internacionalmente, a pesquisa sobre religião e mídia parece bem mais consolidada. Em nossas explorações recentes, temos descoberto importantes grupos de pesquisadores que se dedicam a estudar uma gama bem mais vasta de religiões (islamismo, hinduísmo, judaísmo, budismo dentre outros) e com bons aportes teóricos. Dentre esses, vale destacar os trabalhos do Centro para Mídia, Religião e Cultura coordenado por Stewart Hoover da *University of Colorado Boulder* e Heidi Campbell, professora da Texas A&M *University* e fundadora da Rede de Estudos em Novas Mídias, Religião e Cultura Digital. Como periódicos internacionais, destacamos o *Journal of Religion, Media and Digital Culture*, do St

John's College, da Universidade de Durham do Reino Unido e o *Journal of Religion in the internet* da Universidade de Heidelberg na Alemanha.

Em relação à abordagem metodológica, a proposta é desenvolver uma pesquisa de inspiração etnográfica. Essa escolha é feita com o objetivo de atentar para a complexidade da atuação do leigo e, principalmente, levar em consideração a visão dos agentes sociais sobre suas próprias práticas. Para tanto, terei como base a proposta de Hine (2015, p.1) de uma etnografia para a internet que “diz respeito a complexa e complicada tarefa de adequar a busca por uma etnografia de descrição densa às condições contemporâneas da sociedade saturada no seu cotidiano por comunicação mediada por computador”. Para a autora, apesar do contexto da internet e das tecnologias digitais possibilitarem mudanças nas estratégias etnográficas, os princípios do método etnográfico devem ser mantidos. Dessa forma, é preciso refletir sobre como as tecnologias são adotadas e adaptadas em nossas vidas, sem perder de vista que o compromisso com a visão holística e a descrição densa.

O corpus de análise é formado pelas postagens e comentários no blog e no Facebook, de anotações em um diário de campo sobre as dinâmicas encontradas no campo de estudo e de entrevistas realizadas com o casal de blogueiros e seis de seus leitores. Assim, foi através da observação participante on-line no blog e na página de O Catequista no Facebook, do mapeamento de postagens e comentários, de troca de e-mails, conversas por meio de aplicativos de bate-papo, entrevistas e conversas presenciais com os principais informantes que chegamos até os dados etnográficos aqui apresentados.

Este trabalho foi estruturado a partir das orientações do Manual de Dissertações e Teses – MDT/UFSM (2015) e, por isso, segue a numeração de capítulos sugerida pela publicação. Dessa forma, a tese é constituída de sete capítulos, sendo que o capítulo 1 corresponde à introdução e o capítulo 7 às considerações finais.

O capítulo 2 intitulado “Construindo um olhar etnográfico” objetiva explicitar o enquadramento metodológico da pesquisa e refletir sobre a etnografia como teoria e método, com base em autores como Malinowski (1984), Geertz (2012), Travancas (2002), Caiafa (2007) e Peirano (2008). O texto traz também o aporte teórico e metodológico desenvolvido por Hine (2015, 2016) acerca de uma etnografia para a internet. Levando em consideração a natureza do método etnográfico, o capítulo traz também reflexões sobre as escolhas e técnicas empregadas no desenvolvimento da

pesquisa. Por fim, apresento o objeto empírico da pesquisa, o blog O Catequista e os seus desdobramentos, o casal de leigos responsável pelo projeto, alguns dados quantitativos sobre o perfil de leitores de O Catequista e, finalmente, a descrição dos seis informantes privilegiados do estudo.

O terceiro capítulo “Catolicismo midiático: contextos e implicações teóricas” aborda alguns dos conceitos que sustentam o trabalho. O primeiro deles é a ideia de catolicismo midiático, formulado por Carranza (2011) que nomeia não apenas uma inovação tecnológica e comunicacional da Igreja Católica, mas também se refere a um projeto de catolicismo que busca recatolizar a sociedade. Nessa perspectiva, o texto traz reflexões acerca dos contextos eclesiais que sustentam o projeto, discorre sobre diferentes movimentos e setores da Igreja Católica (ALMEIDA, 2006) e entende as iniciativas católico-midiáticas como parte de uma cultura da mídia religiosa (HOOVER, 2014). Nas últimas seções do capítulo, busca-se acomodar conceitualmente a ideia do catolicismo midiático, tendo em vista o panorama de estudos em midiatização da religião, outro conceito de base para a pesquisa. Dessa forma, são retomadas as contribuições de autores como Verón (1997,2014), Hjarvard (2014), Fausto Neto (2008), Gomes (2016) e Martino (2012). Buscando atender para as especificidades do digital no fenômeno religioso, resgato as discussões internacionais sobre o tema a partir das contribuições de Campbell (2013,2016) e as recentes formulações de Sbardelotto (2016) sobre a midiatização digital da religião. Frente a esse panorama, proponho a compreensão da midiatização da religião como experiência vivida, no sentido de chamar a atenção para a implicação desse fenômeno na prática e vivência dos sujeitos.

Já o capítulo 4 “Práticas de consumo de internet e experiência dos leigos” é dedicado a inserir na discussão sobre experiência religiosa midiatizada, os aportes das teorias do consumo e da antropologia digital. Primeiramente, busco compreender o consumo como prática de construção de sentidos e não de esvaziamento da experiência religiosa (ROCHA, 2004; DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004). Depois de trazer uma retomada das pesquisas sobre midiatização da religião na internet, atento para as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso como instâncias interligadas, complementares e criativas (DE CERTEAU, 2013) construídas atualmente num contexto de cultura da participação (JENKINS, 2009). Num segundo momento, com base no aporte teórico construído por Miller em parceria com outros autores (MILLER e SLATER, 2000; MILLER e HORST, 2015;

MILLER et all 2016), busco refletir sobre a natureza cultural da internet, das mídias digitais e dos seus usos, com vistas a pensar as implicações das questões tecnológicas na experiência dos leigos por um viés antropológico e não tecnicista.

Os capítulos 5 e 6 são dedicados à análise de inspiração etnográfica dedicando-se respectivamente, ao entendimento dos contextos, práticas e sentidos imbricados na constituição e na manutenção do projeto de catequese digital de O Catequista e a experiência dos leitores do blog ao inserirem o consumo de conteúdo religioso na internet como parte integrante de suas vivências religiosas. Dessa forma, o capítulo “Um boteco na internet, o leigo atrás do balcão: a atuação de blogueiros católicos” se constrói pela narrativa acerca dos cenários, contextos e rotinas dos blogueiros, buscando caracteriza-los de forma que seus posicionamentos e modos de ser possam ser mais compreensíveis. A análise também atenta para a trajetória do projeto O Catequista e descreve sua atuação com vistas a entender o blog como agente que ajuda a moldar a internet dos leigos, além de desentranhar as lógicas e contextos locais, eclesiais, políticos e comunicacionais que sustentam O Catequista.

Por fim, o capítulo “A internet dos leigos” busca entender como seis leitores de O Catequista vivenciam a midiatização da religião no contexto digital a partir de suas práticas de consumo de conteúdo religioso na internet. A análise se dedicou a compreender a percepção dos leitores sobre os sentidos e visões de mundo imbricados nesse conteúdo e o impacto desse consumo nas posturas e concepções dos leigos em relação à Igreja e a sociedade. Para tanto, as ideias de autoridade, ativismo e moralidade foram tomadas como categorias analíticas, objetivando evidenciar sentidos na experiência vivida pelos leigos.

2 CONSTRUINDO UM OLHAR ETNOGRÁFICO

Pesquisar é sempre um desacomodar-se. Pesquisar com uma metodologia nova é ainda mais desafiador. Dessa forma, esse texto é um relato sobre as inquietações que me levaram a querer estudar a atuação dos leigos católicos na internet e o desenrolar dos contatos com os participantes da pesquisa. Assim, a redação se qualifica na sua maior parte como uma descrição das circunstâncias dos fatos e das descobertas mais gerais sobre o objeto empírico.

Mais do que uma simples introdução, essa narrativa é apontada como essencial para que a autoridade do etnógrafo seja construída e possa embasar todo o desenrolar da pesquisa. Para Hine (2004) tais relatos dão autoridade pessoal para o pesquisador porque ajudam a separar o perfil do etnógrafo, do perfil do nativo e do leitor. Mesmo quando se trata de uma etnografia para a internet, em que não são necessárias viagens até um campo de estudo geograficamente distante, para Hine os relatos dessa chegada ao campo dão ao etnógrafo uma experiência ampla e sustentada. Ao contar as maneiras pelas quais os acessos às pessoas e às informações foram negociados e ao descrever as interações com os participantes da pesquisa, o etnógrafo consolida sua experiência particular com o campo, o que dá a ele uma relação e um olhar diferenciado sob seu objeto de estudo e que dificilmente será comparável com o conhecimento prévio que outras pessoas também possam ter da realidade estudada. Ainda segundo a autora, “a etnografia age para construir um espaço analítico em que apenas o etnógrafo realmente estava lá” (HINE, 2004, p. 46, tradução nossa).

Nessa perspectiva, as próximas seções do texto buscarão, primeiramente, descrever as escolhas e os caminhos metodológicos trilhados para se construir o campo de pesquisa dessa tese, discorrendo sobre as mudanças de foco de pesquisa na minha trajetória acadêmica e detalhando o objeto de pesquisa escolhido e seus desdobramentos. Já nas duas últimas duas seções, são abordados os aspectos teóricos e metodológicos da etnografia, dando destaque para as particularidades dos estudos desenvolvidos em contextos de internet.

2.1 DA INSTITUIÇÃO PARA AS PESSOAS: A APROXIMAÇÃO COM A ETNOGRAFIA E O CONTEXTO DAS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Com o objetivo de adensar a reflexividade metodológica, essa primeira parte do texto busca descrever o contexto que justifica as escolhas que estruturam esta pesquisa. Como é sabido, uma tese de doutorado se constitui do entrecruzamento dos interesses de pesquisa do aluno, da trajetória acadêmica do orientador e da seara em que se localiza o programa de pós-graduação que os acolhe. Pensando sobre o entrecruzamento desses vetores de força, a abordagem etnográfica emerge como a uma novidade que merece atenção na minha trajetória de pesquisadora em formação.

Para iniciar as justificativas, começarei pelo vetor de força que me compete, as trajetórias pessoais que me trouxeram até esse problema de pesquisa. Meu interesse sobre a relação mídia e religião se dá de forma mais concreta e sistemática desde o final da minha graduação (2006-2007). Já o interesse pela atuação dos fiéis na internet foi despertado em 2013, quando estava me preparando para concorrer a uma vaga no doutorado no Programa de Pós-Graduação da UFSM. Por já ter realizado o mestrado na temática de internet e religião católica e por já ter atuado profissionalmente na área, tais questões faziam parte dos meus interesses há alguns anos. Principalmente depois de ter terminado o mestrado (em 2010, nesse mesmo programa de pós-graduação) em que estudei a midiatização da religião em um portal católico e, logo após o término da dissertação, começar a atuar profissionalmente como responsável por um outro portal católico², sempre tentei unir os questionamentos profissionais de “como construir uma presença relevante do catolicismo na internet?” a questionamentos acadêmicos sobre “que sentidos estamos mobilizando? Que mudanças na experiência religiosa essa atuação na internet pode causar?”.

Nesse contexto de questionamentos, foi que conheci o blog católico “O Catequista” o qual se destacava como uma proposta interessante do uso do humor e da linguagem da internet para falar de fé. Ao observar tais características e, a partir delas, repensar a minha prática profissional, foi que percebi como a “liberdade” que os fiéis tinham na internet, abria espaço para o surgimento de facetas interessantes

² www.rccbrazil.org.br

da midiaticização da religião. Isso porque, como responsável pelo portal oficial da Renovação Carismática Católica³, entre 2010 e 2013, percebia que as responsabilidades institucionais engessavam a atuação na rede. Enquanto os fiéis se posicionavam com memes e hashtags aos “assuntos do momento”, o portal precisava de um pronunciamento oficial de alguma autoridade, o que demorava bem mais tempo para se efetivar. Ao perceber que assim como O Catequista, multiplicavam-se iniciativas de fiéis em blogs e páginas no Facebook para falar sobre catolicismo, é que cheguei a questão de pesquisa sobre o possível protagonismo do fiel nesses contextos.

Contudo, apesar do foco da pesquisa parecer claro, fazer o deslocamento do olhar da esfera institucional, a qual sempre foi meu foco, para a esfera das pessoas, não era - e ainda não é - uma tarefa muito simples. Entendo que tal característica é herança da minha graduação em Relações Públicas e também dos anos de estudo e reflexão junto ao Grupo de Pesquisa Comunicação Institucional e Organizacional, liderado pela professora Eugenia Barichello, que me capacitaram a pensar as relações com os públicos, sempre tomando como ponto de partida a instituição. Diante desse contexto, a metodologia etnográfica surgiu e tem se consolidado como elemento fundamental, principalmente por não se constituir apenas em um método de coleta e análise dos dados, mas em uma forma de olhar e uma sensibilidade que ajudam a pensar e organizar toda a pesquisa.

E o que me oportunizou essa descoberta foi minha orientadora. Como discorre Gilberto Velho:

Como orientador e orientando se escolhem? É preciso ficar muito claro que se trata de uma negociação que implica avaliações e intuições que podem aproximar ou afastar, como em qualquer outro tipo de relação humana. Em termos que pretendem ser estritamente objetivos, a grande motivação para uma possível parceria são interesses temáticos comuns. (VELHO, 2004, p. 140)

Muito mais que evidentes interesses comuns, o motivo do início da minha parceria com a professora Sandra Rubia tenha sido uma intuição, dela e do corpo de professores do POSCOM, os quais tiveram a sensibilidade de enxergar em meu

³ Movimento leigo da Igreja Católica iniciado em 1967 nos Estados Unidos e presente no Brasil desde os anos de 1970. Conhecido por sua identidade carismática, de origem no pentecostalismo protestante, atualmente possui cerca de 500 mil membros no Brasil e atua em paróquias, universidades e hospitais através de grupos de oração, sua forma de organização básica.

projeto, o potencial para uma convergência de interesses academicamente produtiva.

Sendo assim, a orientação e o rico ambiente de trocas do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais funcionaram como indicações de novos caminhos e possibilidades de pesquisa não conhecidas por mim anteriormente. Não apenas a abordagem etnográfica, mas também os arcabouços da cultura material e dos estudos de consumo também são frutos da construção dessa parceria em que a orientadora tem atuado como “um ‘fiador’, um ‘padrinho’ que “garante e banca a entrada de jovens neófitos neste mundo” (GROSSI, 2004, p.220).

Por fim, o papel do POSCOM/UFSM nesse contexto é de incentivo e desafio. Com a notável consolidação do Programa nos últimos anos, o crescimento dos quadros docentes e discentes e da sua produção fez com que as linhas de pesquisa se expandissem e oportunizassem novos horizontes de investigação. Nesse sentido, essa pesquisa de doutorado se insere num panorama de novas possibilidades, em que o enquadramento na linha “Mídia e estratégias comunicacionais” também abarca o fazer dos sujeitos como atores estratégicos da ambiência midiaticizada.

2.2 ETNOGRAFIA COMO TEORIA E MÉTODO

A origem da etnografia, está ligada ao relato dos viajantes que depois de passarem um determinado tempo convivendo com grupos geograficamente e culturalmente diferentes dos seus, relatavam suas vivências para os então etnógrafos que, a partir do que era contado, escreviam suas monografias. Era a chamada ‘antropologia de gabinete’. Contudo, no início do século XX, Malinowski marca definitivamente a história da antropologia ao postular que a etnografia se realizasse pelo convívio direto e prolongado entre pesquisador e pesquisados. Para tanto, seria necessário fazer como o próprio Malinowski, viajar até o campo de pesquisa para conviver de forma prolongada com aqueles que se deseja estudar. Da sua viagem e estada prolongada com os nativos das Ilhas Trobriand, Malinowski escreve sua clássica obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. Na introdução desse texto, “sem dúvida a obra mais citada da literatura sobre o método etnográfico” (FONSECA, 1999, p.67), o autor descreve os princípios que dão à etnografia características de investigação científica e método. Sendo assim, a

observação participante e a atividade de trabalho de campo intensiva passam a caracterizar, de modo geral, a ideia de etnografia e do fazer do antropólogo.

Na etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos (MALINOWSKI, 1984, p.19).

Ao chamar a atenção para a complexidade das fontes, o autor ressalta a importância da “descrição dos métodos utilizados na recolha do material etnográfico” e da “informação relativa às experiências que conduziram os autores às suas conclusões” para que a pesquisa etnográfica não produza “generalizações por atacado” (MALINOWSKI, 1984, p.18).

Ao escrever essas breves linhas, vislumbro tanto o fascínio quanto a responsabilidade implicada na escolha da etnografia para a essa pesquisa. O fascínio fica por conta da ideia da etnografia como um “mergulho” (TRAVANCAS, 2011) no objeto de estudo, com a possibilidade de uma escuta desarmada do outro, além da proposta de uma análise intensiva de poucas pessoas que comporte a subjetividade do pesquisador como componente de análise (FONSECA, 1999, p.59-61). A responsabilidade fica por conta do cuidado em não reduzir a etnografia a uma metodologia de coleta de dados subjetivos, mas tomá-la como teoria e método. Para tanto, a ideia de uma “teoria vivida”, proposta por Peirano (2004, 2008), foi fundamental. Em conjunto com a minha orientadora, a estruturação teórica do trabalho se deu a partir da indagação sobre como aquele aporte teórico que embasava a tese e como aqueles fenômenos nomeados academicamente eram vivenciados pelas pessoas. Com isso, buscamos que ao longo do doutorado a etnografia não fosse apenas um método, “mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação” (PEIRANO, 2008, p.3).

A etnografia muitas vezes é entendida como um conjunto de técnicas e processos determinados: estabelecer relações, selecionar informantes, manter um diário de campo. Entretanto, como destaca Geertz (2012, p.4) essa não é uma questão de método, pois o que define o empreendimento etnográfico é o tipo de esforço intelectual que ele representa. Esse esforço é chamado de descrição densa

na qual o etnógrafo busca construir leituras de uma cultura a partir do estudo de casos particulares.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem de, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 2012, p.7).

Nesse processo de apreender as múltiplas estruturas conceituais complexas, a imersão do etnógrafo nos universos culturais que constituem o seu objeto de estudo é condição fundamental para que a descrição construída não seja apenas a narração de ações e fatos, mas uma descrição densa capaz de produzir conhecimento aprofundado, imersivo e criticamente engajado, tanto sobre comunidades isoladas como sobre grupos urbanos.

Se, primeiramente, a abordagem antropológica possuía ligação direta com estudos de sociedades exóticas, normalmente localizadas em lugares remotos, a partir da década de 1930 e das pesquisas desenvolvidas pela chamada Escola de Chicago, esse tipo de pesquisa também passou a ser realizado em ambientes urbanos, direcionada a grupos ou locais específicos. Dessa forma, outras áreas do conhecimento como a comunicação e a psicologia também passaram a se apropriar da etnografia como metodologia e postura de pesquisa. Para realizar uma pesquisa etnográfica em comunicação, por exemplo, Travancas postula que é fundamental um movimento de deslocamento do pesquisador dentro de sua própria sociedade. É preciso buscar enxergar a sociedade em que se vive com olhos de um estrangeiro em busca de significados. Além disso, é preciso também ouvir e entender a verdade dos “nativos” sem questionar, apontar equívocos ou tentar determinar verdades. Ela ressalta ainda, a relevância de se atentar para os sentidos do mundo da comunicação de massa e da indústria cultural, pois “não é mais possível pensar e estudar nossas sociedades contemporâneas de maneira dicotômica em relação ao universo da comunicação de massa, como se ainda fosse possível separá-los” (TRAVANCAS, 2012, p. 100).

Nessa pesquisa, a imersão no campo e a escuta desarmada mostraram-se princípios articulados entre si, pois o fato de eu acompanhar as atividades do blog por quatro anos e ter oportunidades pontuais de interlocução com os blogueiros durante todo esse período, permitiu que várias percepções e interpretações feitas

por mim, a priori, fossem modificadas. Considero que a minha “entrada no campo” iniciou em maio de 2014 com o meu primeiro contato com os blogueiros por e-mail. Naquela mensagem me apresentei a eles como doutoranda em Comunicação, expus a ideia da pesquisa e pedi o consentimento para realizar o estudo. Com o retorno rápido e positivo da mensagem, realizamos nossa primeira “entrevista” por meio de um questionário enviado por e-mail que foi respondido separadamente pelo casal. A partir daí, considero que mesmo que o meu envolvimento com os blogueiros e com a atividade do blog tenha variado bastante, meu trabalho de campo já estava iniciado pois eles já tinham conhecimento da minha presença como observadora de O Catequista. Depois desse primeiro contato, segui acompanhando as atividades do blog periodicamente e quando tinha alguma necessidade específica de informação, entrava em contato por e-mail. Em setembro de 2015 tive a oportunidade de ter meu primeiro encontro presencial com Viviane e Alexandre na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Essa primeira visita, apesar de ter durado apenas um dia, foi de grande importância para o estreitamento dos laços de confiança. Depois de nos conhecermos presencialmente, trocamos contatos telefônicos e nos adicionamos mutuamente no Facebook e no Whatsapp. Mais recentemente, em outubro de 2017, fiz outra visita aos blogueiros no Rio de Janeiro, podendo conviver com eles por uma semana. Já no caso dos leitores, por diversos motivos que serão descritos na seção 1.5 desse texto, meu contato direto com eles iniciou-se apenas em setembro de 2017, estendendo-se até fevereiro de 2018. Diante das diferenças entre o tempo de duração de meu relacionamento com os blogueiros, de quase quatro anos, e com os leitores, de apenas cinco meses, e levando em consideração que tais contatos nem sempre mantiveram a regularidade exigida para a qualificação de um trabalho como etnografia, opto por considerar essa pesquisa como sendo de inspiração etnográfica. Contudo, essa “modulação” em relação a aderência do trabalho à etnografia não significa uma falta de compromisso com os seus princípios que, dentro de minhas possibilidades de iniciante, busquei observar.

Sendo assim, outra noção central para a etnografia e que orientou o desenrolar desse trabalho é o estranhamento, entendido como o ato de se distanciar daquilo que é familiar e deixar-se afetar pelas diferenças e rupturas do trabalho de campo. Caiafa (2007) ao descrever o processo de estranhamento o compara a uma ruptura no andamento regular do pensamento e da vida do pesquisador que se abre à alteridade em sua inserção do campo de pesquisa. “É assim que se pode,

portanto, dizer que o trabalho de campo é um tipo de viagem – pela inquietação com outras experiências, pelo desejo de encontrar desconhecidos, pela disponibilidade para se expor a esse tipo de dificuldade, à novidade, à diferença” (CAIAFA, 2007, p.149).

Em relação a esta pesquisa, o estranhamento é sempre um ponto que gera questionamentos. Como pesquisar os católicos sendo um deles? Como garantir o estranhamento? Difícil responder. Entretanto, mais do que respostas prontas, o que tento construir é a consciência dos riscos assumidos com a proximidade para, a partir disso, fazer também um processo de construção do estranhamento em todas as etapas da pesquisa. Pois, como ressalta Caiafa (2007, p. 174), o estranhamento não pode ser garantido de antemão nem pelo distanciamento geográfico, nem pelo distanciamento cultural. Ele é um processo de abertura de pensamento que se constrói durante toda a pesquisa, das entradas no campo à escrita do texto. Dessa forma, o estranhamento necessita de uma disponibilidade do etnógrafo em se deixar afetar pelos acontecimentos. E foi apostando nessa processualidade do estranhamento que tentei, durante esses quatro anos de doutorado, ir construindo em mim uma prática que envolveu esforços de desnaturalização da minha própria experiência como católica até a busca por diversificar minha gama de contatos em redes sociais como estratégia para “furar a bolha” de opiniões concordantes. As leituras acadêmicas e de opinião sobre temas que envolvem religião, tendências de uso da internet e debates públicos que envolvem questões morais também foram importantes ferramentas de estranhamento.

A fase seguinte da etnografia é a escrita do texto, uma descrição densa que deve ser fruto de uma enunciação coletiva entre os informantes, o etnógrafo e os autores que embasam teoricamente a pesquisa (TRAVANCAS, 2002). Entretanto, o texto etnográfico não é uma simples transcrição ou tradução da fala dos nativos, nem nega seu caráter de construção pela escrita do pesquisador. Ele também não é pura interpretação do etnógrafo, como se esse tomasse uma postura mais elevada do que seus informantes e fosse capaz de desvendar a verdade absoluta por traz dos fatos. A escrita etnográfica é um processo complexo que, pela conjugação das vozes do autor e dos informantes, de discursos diretos e indiretos, busca descrever a densidade da alteridade sobre a qual se debruçou o estudo. Essa difícil, mas sedutora etapa de pesquisa é descrita de forma rica por Caiafa:

Se há um uníssono, e a voz do etnógrafo também é colorida e tenta se desprover de autoritarismo, a alteridade não se apresenta na forma do exótico para ser consumida e, portanto, alimentar o esquema familiar, se encaixar nas expectativas. Diz respeito, ao contrário, a uma diversidade efetiva de presenças no campo e na escritura, não é um produto de interpretação ou generalização, é assim, que se produz estranhamento, diferença, que se realiza a viagem que não é só do etnógrafo, embora ele a tenha iniciado, mas também de todos os que participam dos agenciamentos, inclusive o leitor. É assim que entendo que a alteridade resiste. A pesquisa pode então trazer algo novo, elucidar em algum grau as questões que recortou, produzir pensamento e fazer o leitor pensar (CAIAFA,2007, p 170).

Para haver uníssono, não é preciso haver mistura, mas alteridade entre vozes particulares, sem que nenhuma se torne universal ou seja dominante sobre as outras. Esse princípio tem aplicação direta em pesquisas como a que relatamos aqui onde produtores e consumidores são pensados como elementos equivalentes de uma mesma dinâmica. Blogueiros e seus leitores, apesar das especificidades comunicacionais e midiáticas que os marcam e os constroem, devem ser tomados em pé de igualdade. Dessa forma, as preocupações etnográficas colaboram para que a tendência a achar que os blogueiros, por serem produtores, devem ter prioridade de fala no texto da pesquisa e, seus leitores, por serem tipificados como consumidores, devem falar apenas repercutindo o que os blogueiros já anunciaram tenta ser evitada.

2.3 ETNOGRAFIA PARA INTERNET

O desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica no contexto da internet exige do pesquisador reflexão e aporte teóricos adicionais àqueles vinculados a etnografia que se desenvolve em sociedades geograficamente localizadas, nas quais a interação se dá primordialmente de forma presencial. Nesse sentido, diversas nomenclaturas e propostas metodológicas foram desenvolvidas buscando adaptar a etnografia para “o virtual”, como explicam com propriedade Frago, Recuero e Amaral (2011).

Opto aqui pela abordagem desenvolvida por Hine (2015, 2016) de uma etnografia para a internet. A autora, que em seu livro publicado no ano 2000, nomeou sua proposta metodológica de “etnografia virtual”, em sua obra mais recente de 2015, abandona essa nomenclatura e passa a adotar a expressão “etnografia para a internet”. A mudança se dá, tendo em vista que a internet contemporânea é

muito diferente daquela descrita e experimentada no início dos anos 2000, o que evidencia o caráter sempre inacabado e em construção da rede. Frente a isso, a etnografia precisa de uma abordagem adaptativa que possa dar conta das circunstâncias proporcionadas pela internet ao longo do tempo. Assim, Hine (2015, p.5) explica que a sua proposta é de etnografia para a internet ao invés de uma etnografia da internet, porque a internet não pode ser apreendida como uma entidade completa, a qual pode ser estudada em sua totalidade. Ela também pontua que não se trata de uma etnografia através da internet, porque na aplicação do método também são consideradas outras formas de interação além daquelas mediadas pelo computador.

Ao propor uma etnografia para a internet, Hine (2015; 2016) destaca algumas características contemporâneas da rede que colaboram para a definição das estratégias metodológicas de pesquisa. Para a pesquisadora, a internet é atualmente um fenômeno incorporado, corporificado e cotidiano. A internet incorporada diz respeito às múltiplas e imprecisas conexões entre o on-line e o off-line. Cada vez mais a internet é uma rede de interconexões entre contextos on/off-line e não um conjunto de espaços on-line separados dos demais aspectos da vida. Assim, pensar a internet incorporada é destacar que o seu uso adquire sentido nas contextualizações fornecidas pelas instituições, locais de trabalho, escola, redes de amizade, lares, entre outras.

Já a internet corporificada chama a atenção para a complementariedade entre a experiência on-line e as outras formas de atuar no mundo. Essa característica também ressalta a presença das emoções nas experiências on-line – prazeres e frustrações - já que nosso corpo responde emocional e sensorialmente a um estímulo na internet como a qualquer outro. A internet corporificada ainda ajuda a refletir sobre a corporeidade do etnógrafo durante a pesquisa, no sentido de estimular a sua presença engajada e ativa junto ao seu campo atuando e interagindo como em qualquer etnografia, e não apenas como observador “encoberto” e “não-participativo” que coleta dados sem deixar rastros.

Um terceiro aspecto da internet contemporânea é a sua cotidianidade. A internet tem se tornado um aspecto tão comum na vida cotidiana que, frequentemente, é tomada como uma estrutura transparente, não percebida, naturalizada. Na maior parte do tempo, as pessoas não percebem mais a internet, apenas a usam para realizar atividades diárias. Pensar sobre em que circunstâncias

a internet é imperceptível e em que momentos ela é tematizada também podem ser questões interessantes para o etnógrafo e fornecer pistas significativas sobre o campo estudado.

No contexto social contemporâneo em que as tecnologias são parte cada vez mais intrínseca da vida cotidiana e as fronteiras entre a mídia e a vida social são cada vez mais borradas, a realização de estudos de mídia com abordagem etnográfica contribui para a construção de análises que não sejam demasiadamente focadas apenas na mídia em si. Para tanto, segundo Hine (2016), é preciso buscar desentranhar os significados mais profundos da mídia como parte da vida cotidiana, procurando “engajamento com os detalhes confusos daquilo que as pessoas realmente fazem com a mídia na prática” (HINE, 2016, p. 12). Com isso, a abordagem etnográfica pretende evitar: entendimentos da mídia como uma realidade separada dos demais contextos da vida, julgamentos sobre significados e usos que seriam inerentes às mídias e análises restritas aos textos midiáticos em si, sem considerar as relações que antecedem e resultam do engajamento com o texto midiático. Dessa forma, nos estudos de internet, a etnografia mantém compromisso com seus princípios basilares de descrição densa, imersão e estranhamento, mas adapta-se principalmente em relação às técnicas, no sentido de dar conta das especificidades do contexto digital.

Pensando nessas especificidades do digital, um dos primeiros questionamentos que surgem é sobre a definição do campo de pesquisa. Se, a ideia mais corrente sobre o local do trabalho de campo na etnografia remete a um lugar geograficamente localizado, Hine (2015, p.60) chama a atenção para o fato da noção de campo ser cada vez menos entendida como algo pronto a ser achado, e cada vez mais compreendida com algo construído na medida em que o etnógrafo vai conhecendo os participantes da pesquisa, entendendo como suas práticas fazem sentido e, por isso, sendo levado a explorar lugares e conexões. Com isso, fica evidente a agência do pesquisador sobre seu campo, na medida em que é ele quem escolhe quais conexões seguir ou não.

Sendo assim, parte do desafio de se ter como objeto de estudo a internet incorporada, corporificada e cotidiana é não ser possível concebê-la como um ente singular contido em um site ou como uma entidade objetivamente existente, já que a internet encontra significados dentro de diversos aspectos da existência, tem seu conteúdo circulando muito além das conexões on-line e, como tecnologia, adquire

diferentes significados devido aos diferentes usos. Frente a isso, construir um sítio de campo na internet diz respeito a fazer escolhas sobre quais conexões e quais aspectos da rede são interessantes para serem explorados no estudo em questão.

No projeto inicial que embasou esse estudo, o campo de pesquisa era definido apenas como o blog O Catequista. No decorrer do doutorado, percebi que não era possível entender a dinâmica de atuação do blog, principalmente seu alcance e impacto entre os leitores, sem levar em consideração a página homônima no Facebook, por isso, essa plataforma também passou a fazer parte do campo, incluindo os perfis pessoais dos blogueiros e demais informantes privilegiados nessa rede social. Apesar de O Catequista ter páginas em outras plataformas como Twitter e Instagram, não avaliei como primordial a inserção dessas plataformas na pesquisa, pois não eram locais de muita interação entre blogueiros, leitores e demais atores da rede. Entretanto, se estamos na rede, não é possível compreender a experiência dos participantes da pesquisa isolando-a em apenas um site. Por isso, considero que o meu campo de pesquisa também inclui, de maneira contextual, outras páginas católicas que atuam no mesmo “nicho de mercado” de O Catequista, a saber, utilizam humor e se caracterizam pelo conservadorismo moral e doutrinário.

Em relação a outro princípio etnográfico, a imersão no campo, as considerações de Hine (2015) falam mais sobre a necessidade de se inserir no campo de forma que se possa interagir com os outros que lá estão, que em relação ao tempo de duração do trabalho de campo. O etnógrafo de contextos digitais não alcança uma “presença efetiva como raciocínio etnográfico” (HINE, 2015, p. 71) apenas acessando sites periodicamente e observando o que ali acontece de forma “encoberta e não-participativa” (JOHNSON, 2010), sem deixar rastros. É preciso que o pesquisador construa uma presença no campo que permita-o desenvolver conexões com informantes apropriados para a sua pesquisa. Para isso, se faz necessário, negociar acessos e aprender o que é um comportamento aceitável ou não naquele contexto.

Com a importância cada vez maior de sites de redes sociais na internet, outra escolha que se faz necessária ao etnógrafo diz respeito a criação de um perfil digital exclusivo para uso de pesquisa ou a utilização do seu perfil pessoal já existente nas plataformas. Se a primeira opção garante privacidade ao pesquisador, a segunda traz como principal vantagem a coerência de trajetória pessoal do etnógrafo que, ao permitir que todo o seu histórico de publicações em uma plataforma seja acessível

aos participantes do campo, pode inspirar mais confiança aos seus informantes e, assim, conseguir construir interações mais interessantes para a pesquisa.

Como já descrevi anteriormente, considero que a minha entrada no campo aconteceu em maio de 2014 quando fiz contato direto com os blogueiros pela primeira vez. Não foi preciso nenhum tipo de negociação explícita para o meu acesso como pesquisadora. Os catequistas sempre se mostraram abertos e solícitos às minhas perguntas e nunca questionaram a minha condição de pesquisadora e nem de católica. Entretanto, confesso que existia uma certa apreensão da minha parte em relação a sustentação dessa aceitação. Meu temor era que visões e opiniões em torno da Renovação Carismática Católica, movimento do qual faço parte, e do sistema universitário brasileiro, interpretado por muitos como um lugar hostil ao cristianismo, gerassem desconfianças sobre o meu interesse no blog ou sobre minha conduta e valores. Diante desse contexto, sempre que eu ia publicar algum comentário no blog, minha ação levava em consideração o desejo de firmar meus laços com os catequistas e não gerar nenhum tipo de desconforto com os demais comentaristas, tendo em vista que eles podiam se tornar meus futuros informantes privilegiados. Essa preocupação, juntamente com a minha característica pessoal de não ser dada a polêmica, fez com que meus comentários fossem ponderados e curtos, mais argumentativos e testemunhais que opinativos, e pouco frequentes. Com isso, nunca tive nenhum tipo de embate ou tensão no campo, mas também não consegui participar ativamente da conversação que se dava nos comentários, tanto no blog como no Facebook.

Apesar da polêmica, das críticas e dos diferentes posicionamentos serem comportamentos aceitáveis naquelas conversações, entendi que não “tomar partido” nas discussões era mais proveitoso para a análise. Julgo essa minha decisão como uma tentativa de construir estranhamento com o campo, já que, pela minha proximidade com o catolicismo, muitas dos debates que aconteciam em O Catequista, aconteciam também em meus círculos de convivência e entre meus contatos pessoais nas plataformas digitais. Avaliei que se eu me engajasse nas discussões, tentando defender o ponto de vista que mais me agrada, os debates e os diferentes posicionamentos seriam mais facilmente naturalizados. Entretanto, essa postura menos ativa nas discussões, não significou que a minha imersão no campo tenha sido fria ou indiferente. Pelo contrário, em várias situações, as opiniões e os posicionamentos que eu encontrava ali afetavam meu humor, me forneciam

novas perspectivas, acrescentavam novas informações e novas dúvidas ao meu repertório. Entre concordâncias e discordâncias, alegrias e decepções, fui aproveitando minha presença discreta, mas também participante - feita de comentários esparsos, visualizações e “curtidas”, para tentar compreender as dinâmicas próprias da experiência construída a partir de O Catequista.

Sobre o uso de perfil pessoal do Facebook para a pesquisa, em nenhum momento cogitei usar outro diferente. Prevendo que o fato de eu me apresentar como pesquisadora e católica praticante pudesse despertar curiosidade nos “nativos do campo”, entendi que dar acesso ao meu histórico de publicações aos futuros informantes seria um elemento importante de coerência e na construção de laços de confiança.

Outra técnica do método etnográfico que possui caráter fundamental para garantir a reflexividade no trabalho de campo são as chamadas notas ou diário de campo. Assim como acontece na etnografia tradicional, na etnografia para a internet também se faz necessário que o etnógrafo registre suas atividades, observações, ideias, impressões e preocupações no decorrer do trabalho de campo. Hine (2015) ressalta que na internet essa prática ganha novos significados, devido ao grande volume de dados a que se tem acesso e a aparente facilidade em arquivar tais informações.

As notas de campo também provocam a reflexão sobre o significado e encorajam uma interpretação ativa que protege o etnógrafo de uma forma passiva de presença. Isso pode ser particularmente importante em contextos on-line onde o grande volume de dados em potencial pode tornar-se esmagador e a tentação é simplesmente baixar e arquivar documentos para analisar mais tarde (HINE, 2015, p.74, tradução nossa).

Dessa forma, as notas de campo ajudam o etnógrafo a não perder o rico contexto dos dados e assim, garantir que as interpretações da análise não sejam feitas sobre suposições.

Na minha experiência como pesquisadora, pude experimentar bem esses desafios pontuados por Hine. A cada publicação de um novo conteúdo de O Catequista, sem muita demora, um grande número de dados era gerado: comentários no blog, comentários no Facebook, curtidas, compartilhamentos do conteúdo pelos informantes da pesquisa, compartilhamento do conteúdo por pessoas da minha rede pessoal de contatos, reações e comentários frente a esses

compartilhamentos. Num primeiro momento, minha tendência foi a de tentar registrar os detalhes de como aconteciam essas dinâmicas de comentários aos conteúdos postados. E nesse ponto, duas atitudes eram recorrentes: ao mesmo tempo em que aquele grande volume de informações on-line dava a sensação de disponibilidade e acesso fácil aos fatos do campo de pesquisa, pois bastaria retornar àquela publicação em outro momento e realizar a análise, o ímpeto de me apropriar dos dados me levava a salvar inúmeros arquivos no computador com recortes desses comentários, que logo em seguida se mostravam muito fragmentados e pouco úteis. Ao avançar nas leituras e no entendimento de etnografia, em agosto de 2016 comecei a manter um diário de campo por meio de um arquivo de texto no meu computador no qual registrei periodicamente sobre as minhas atividades e impressões sobre o campo. Ali escrevi sobre as postagens de O Catequista e suas consequentes repercussões, registrei sobre os contatos com os informantes e pontuei questões mais contextuais sobre a atuação dos católicos na internet. Manter um diário de campo como arquivo digital facilitava as anotações, já que, normalmente meus acessos mais longos ao conteúdo de O Catequista aconteciam no computador. A única desvantagem foi o fato de ter perdido algumas anotações devido a um erro de arquivo. Meu diário de campo também contou com anotações e reflexões acerca de atividades antigas dos informantes tanto no espaço de comentários do blog como em suas páginas pessoais no Facebook. Segundo Hine (2015, p. 78) arquivos antigos encontrados on-line podem ser muito úteis, principalmente para se interrogar sobre o presente com informações do passado.

Nesse sentido, outra técnica central na construção do trabalho de campo são as entrevistas. Apesar das interações de uma etnografia na internet acontecerem basicamente por meio de conversas, Hine (2015, p. 78) pontua que existe uma continuidade e uma diferença entre “conversas amigáveis” e entrevistas formais. Normalmente, a entrevista é uma oportunidade de aprofundar experiências e entendimentos, esclarecer fatos, tirar dúvidas. As entrevistas mais formais também possibilitam que o etnógrafo experimente suas análises do campo, ao dar oportunidade para o informante comentar as interpretações que o pesquisador está fazendo sobre os fatos.

Tendo em vista a pluralidade de ferramentas on-line de comunicação, para a autora, o meio escolhido para a entrevista deve ser confortável e conveniente para o entrevistado e permitir uma interação livre e abrangente. Em determinadas ocasiões

e levando em consideração as diferentes características das tecnologias de conversação on-line, a escolha da mídia para a entrevista pode ter diferentes significados em relação aos laços que se está construindo no campo. “Em uma etnografia para a internet, o meio de entrevista não é apenas escolhido de acordo com a forma como os entrevistados responderão ‘melhor’, mas como um componente da construção da compreensão etnográfica em si e como parte da ocupação do campo” (HINE, 2015, p.79, tradução nossa). Quer dizer, se a entrevista é feita por e-mail ou de forma síncrona, com áudio, vídeo ou apenas com texto, cada fator desses tem relação com o tipo de interação que se está constituindo com os participantes, desde seu recrutamento como informantes privilegiados.

O trabalho de campo dessa pesquisa foi fortemente marcado pela conversação on-line devido a distância geográfica entre os participantes e a pesquisadora, além da facilidade da prática, tendo em vista a natureza da experiência pesquisada. Com os catequistas, as conversas on-line aconteceram individualmente e em grupo. A primeira entrevista aconteceu por e-mail, com respostas individuais. Depois vieram as conversas por meio de aplicativo de bate-papo no Facebook e WhatsApp. No Facebook, eu criei uma conversa em grupo com o casal; esse foi o local preferencial das nossas conversações até quase o final da pesquisa. Contudo, em diversas ocasiões, acabei conversando apenas com Alexandre pelo WhatsApp. Devido a carona que ganhei deles no nosso primeiro encontro presencial no Rio de Janeiro, fiquei apenas com o contato de Alexandre no WhatsApp. Como notei que as respostas nesse aplicativo eram mais rápidas que na conversa privada no Facebook, em alguns momentos, foi por ali que mantive contato, perguntei, tirei dúvidas. Apenas em outubro de 2017, antes da minha segunda ida ao Rio de Janeiro, é que Viviane sugeriu a criação de um grupo no WhatsApp e me passou o seu contato telefônico. Assim, criei o grupo “A tese” que se tornou nossa principal forma de comunicação. Com essa dinâmica, as conversas amigáveis, quase todas on-line, diferenciaram-se bastante das entrevistas formais realizadas nos encontros presenciais e por e-mail.

Com os seis leitores que se constituíram em informantes privilegiados desse estudo, a conversação aconteceu totalmente através de ferramentas on-line. Como já descrevi anteriormente, minha observação participante no blog e no Facebook não conseguiram gerar conversações recursivas, muito menos laços com os demais leitores. Tentando reverter esse quadro, em setembro de 2016, motivada por um

artigo do blog que discutia a importância dos leigos na Igreja, resolvi escrever um comentário no qual me apresentava como pesquisadora e convidava os demais leitores para interação. Como o blog possuía vários comentaristas frequentes, imaginei que meu apelo motivaria alguém a se interessar pela pesquisa. Entretanto, não obtive nenhum tipo de resposta. Depois dessa experiência frustrante, insisti ainda na ideia de adentrar na conversação dos comentaristas do blog, mas continuei tendo pouco resultado.

Diante disso, comecei a buscar outras alternativas que pudessem me ajudar a entrar em contato com a comunidade de leitores e recrutar aqueles que seriam meus informantes privilegiados. Foi assim que surgiu a ideia de formatar um formulário online anônimo sobre o perfil do leitor de O Catequista e, ao fim desse questionário, convidar os interessados a seguir colaborando com a pesquisa a deixarem seu contato de e-mail. Felizmente, os catequistas concordaram com a ideia e eles mesmo compartilharam o formulário no Facebook de O Catequista e no blog em abril de 2017. Em cerca de dois dias, já se somavam 1384 respostas ao formulário compartilhado no Facebook, e 138 respostas ao formulário publicado no blog. Apesar da rapidez de retorno ao questionário, a fase de análise dos dados se mostrou mais demorada que o esperado devido a inconsistências na estruturação dos formulários. Além disso, nessa fase, também acabei fazendo a tentativa de incluir outros blogueiros católicos no grupo de informantes privilegiados da tese. Consegui iniciar algumas conversações, mas depois dos primeiros contatos, todos demonstravam não ter mais interesse em participar da pesquisa. Tais tentativas, acabaram atrasando o início dos meus contatos com os leitores.

Ao analisar os dados dos respondentes, selecionei alguns perfis variados e comecei a enviar os convites formais para a participação da pesquisa por e-mail. Sem saber de antemão se a resposta a esses convites seria frequente ou não, optei por enviar mensagem para grupos de aproximadamente cinco pessoas de cada vez e esperar os retornos. Meu objetivo com isso foi evitar que o número de pessoas dispostas a participar da pesquisa fosse maior que a minha capacidade de trabalho com os informantes. Como era de se esperar, essa preocupação se mostrou demasiadamente otimista, já que o índice de retorno ao convite foi baixo. Além disso, como verifiquei que entre os dados coletados pelo questionário, não existia o contato de nenhum dos comentaristas mais frequentes do blog, acabei solicitando alguns e-mails específicos para os catequistas.

Assim, enviei convites formais de participação na pesquisa por e-mail para 25 pessoas. Cinco responderam. Para fechar um número equivalente entre homens e mulheres, acabei convidando a participar da pesquisa uma pessoa que já fazia parte da minha rede de contatos no Facebook, e que, devido às suas atividades nessa plataforma, eu sabia que acompanhava O Catequista, e ela aceitou. Dessa forma, apenas em setembro de 2017 fiz a primeira entrevista padrão com todos os seis leitores por e-mail e depois segui com o contato pessoal através da ferramenta escolhida por eles. Um dos informantes preferiu que nossas conversas acontecessem sempre por e-mail, duas informantes escolheram o WhatsApp e os outros três elegeram o bate-papo do Facebook.

Dessa forma, a conversação com cada um dos leitores foi seguindo frequências e temáticas particulares. Julgo relevante pontuar que tais conversações, em muitas ocasiões, tinham certa semelhança a uma entrevista pelo fato de serem iniciadas e mantidas, normalmente, a partir de perguntas realizadas por mim e respondidas pelos informantes. Obviamente que com o desenrolar da conversação, novas perguntas surgiam e a dinâmica ficava mais recursiva. Contudo, quando a conversa terminava, alguns dias depois, eu tentava reatar a comunicação por meio de um comentário ou com uma pergunta novamente. No andamento do trabalho de campo, optei por realizar outra entrevista padrão por e-mail com todos os seis leitores e uma entrevista individual, na qual cada um escolheu a ferramenta de comunicação, a qual preferia usar. Em vários casos, frente às dificuldades técnicas de conexão com a internet ou de equipamentos, as entrevistas acabaram acontecendo por telefone. Assim, as entrevistas por e-mail se caracterizam em entrevistas estruturadas e as entrevistas feitas por outras ferramentas de comunicação como semi-estruturadas. Quer dizer, no primeiro tipo existia um roteiro pré-definido de questões a serem respondidas e no segundo, alguns tópicos e perguntas guiavam a conversação, mas se no decorrer do processo outras questões ou temas surgissem, o pesquisador e o entrevistado tinham liberdade para discorrer sobre isso.

Depois das reflexões acerca da etnografia para a internet e dos relatos sobre como o método foi aplicado no trabalho de campo desse estudo, é possível perceber a relevância das técnicas acima explicitadas para que se alcance dois princípios do método exposto por Hine (2015) a integração entre on-line e off-line e o relativismo cultural. Uma grande parcela do esforço desempenhado pelos etnógrafos é para que

seja possível compreender como os fragmentos de dados coletados ou a própria experiência da internet são vivenciados pelas pessoas dentro dos quadros de sentido em que elas já se inserem em contextos off-line. Como afirma Hine, mais trabalhoso que fazer uma etnografia em ambientes digitais é compreender como as realidades on-line fazem sentido off-line. Nessa perspectiva, o comprometimento do método etnográfico com o relativismo cultural também é fundamental. Ao tomar como princípio a busca por conhecer o que as pessoas realmente fazem na internet, aceitando as práticas dos nativos do campo em seus próprios termos, ou seja, sem buscar julgá-las tomando como parâmetro práticas, condutas e valores externos aquele grupo social, a etnografia para internet, além de possibilitar análises mais próximas dos quadros de sentido que realmente moldam a vida das pessoas, colabora diretamente para que a internet cada vez mais deixe de ser vista como uma entidade fechada e acabada e seja entendida por meio dos usos que os diferentes grupos fazem dela.

2.4 DINÂMICAS DE UM OBJETO DE PESQUISA

O blog O Catequista foi lançado em agosto de 2011. O projeto é encabeçado por Alexandre Varela⁴, 39 anos, formado em matemática e Ciências da Computação, e Viviane Varela, 35 anos, formada em relações públicas. O casal reside no bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro, são pais de cinco filhos com idades de 9 a 0 anos. Como o nome do blog deixa transparecer, o impulso para o início da iniciativa possui estreita relação com a função já desempenhada pelo casal na catequese de jovens e adultos nas Paróquias Nossa Senhora de Copacabana, Santa Rosa de Lima e Santa Cruz. A ideia do blog surgiu como alternativa para sanar dúvidas dos catequizandos sobre temas que não conseguiam ser trabalhados no tempo de duração dos encontros na paróquia. Foi assim que os catequistas Alexandre e Viviane deram início ao blog com a colaboração de dois de seus catequizandos: o historiador Paulo Ricardo e o designer Ricardo que até hoje fazem parte da equipe, atuando de forma pontual em suas funções específicas. Paulo Ricardo é responsável pelos textos sobre questões históricas e Ricardo é o

⁴ O nome próprio será utilizado sempre que a pesquisa se referir a alguém com atuação pública.

responsável pelo design da marca O Catequista, pelo layout do site e também pelas ilustrações mais complexas.

A proposta do blog se caracteriza pelo conteúdo catequético-moral-doutrinário apresentado com uma abordagem que privilegia o humor e a referência à cultura popular. A apresentação dos temas normalmente se dá em um tom explicativo e/ou provocativo. As questões são colocadas em pauta utilizando-se de documentos da doutrina e tradição católica para elucidar, advertir e corrigir entendimentos sobre assuntos que, segundo o texto de apresentação do blog "hoje botam caraminholas na cabeça dos católicos". Já o tom provocativo pode ser entendido em relação à postura de defesa da fé incentivada nas postagens. Ainda no texto de abertura do blog, tal preocupação também é sinalizada. "A ideia é muito simples: ser um blog católico que discuta como ser Cristão dentro do cotidiano. Queremos discutir como ser o Rosto de Cristo na faculdade, colégio, futebol com a galera ... porque ser católico na paróquia é muito fácil e todo mundo sabe!", afirmam os catequistas.

Figura 1: Página inicial de O Catequista em maio de 2014

O CATEQUISTA PREMIADO COMO O MELHOR BLOG DE RELIGIÃO DO BRASIL

episódio: 08
ABORTO NÃO

Papa Júlio II – Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Por Paulo Ricardo em 28/05/2014

O PAPA JÚLIO II ENTÃO O HINO DE GUERRA ANTES DE PARTIR PRO CAMPO DE BATALHA...

DESEJO A TODOS INIMIGO! VIDA LONGA PRA QUE ELE VEJAM CADA DIA MAIS NOSSA VITÓRIA BATEU DE FRENTE É SÓ TIRO, PORRADA E BOMBA AQUI DOU PAPOJINÃO E CRIA E NEM FAZ HISTÓRIA...

Seções

- Atitude Católica (87)
- Catecast (17)
- Catequese sem sono (108)
- Católico #FAIL (45)
- Crente #FAIL (21)
- Dicas culturais (36)
- Equipe do Blog (1)
- Especial Heresias (2)
- Especial Lutero (9)
- Estudo Bíblico (5)
- Fantasminha #FAIL (9)
- História da Igreja (39)
- Liga (14)
- Papitcho (17)
- Saiu na Imprensa (65)
- Sékiso & Pegação (13)
- Série Os Papas (34)
- Vidas de Santos (11)
- Vídeos (14)

Mais Comentados

- Padre Fábio de Melo: "foi sem querer querendo?" (235)
- Cristãos com Piercing e Tatuagem: #QueimaEles3eovã? (206)
- Sexo oral: legal ou imoral? (199)
- Avós do Mumm-Ra esculhambam Santa Missa em BH (196)
- A RCC e sua origem em meio protestante. Algum problema? (161)
- Quem não gosta de Madre Teresa, bom sujeito não é (135)
- A Salvação em Copos de Plástico (126)
- No Reino de Sauron, nem tudo são rosas (123)
- O Papa Francisco mandou uma indireta sobre Medjugorje? (116)
- "Ei, católicos, vocês adoram imagens!" (111)
- "Ah tá. Fale com a minha mão." (111)
- Quem critica a dança na Missa é intolerante, obscuro e hipócrita, diz leitora (110)
- Oração em línguas deu medinho no Papa (101)

Meu primeiro contato com o blog se deu por indicação de um amigo. Os textos que mais nos chamavam a atenção naquela época e nos faziam comentar sobre O Catequista com outras pessoas eram sobre comportamento e moral. Lembro que o texto “Cristãos com piercing e tatuagens #queimaElesJeová?” foi o primeiro post que fez eu me dar conta do alcance do blog entre pessoas do meu círculo de convivência. Normalmente, as impressões eram positivas quanto ao estilo descontraído e a argumentação direta e sem puritanismo dos artigos. A partir daí, não perdi mais O Catequista de vista. Apesar de acessar o blog esporadicamente e de não costumar comentar os textos, fui criando com O Catequista uma relação de referência.

Outros diferenciais do blog, principalmente em sua fase inicial, eram a busca por uma estética jovial e uma linguagem atraente, assim como o uso de novos formatos de conteúdo. Nesse sentido, diversas iniciativas foram sendo incorporadas ao blog como formas de dinamizar o acesso ao conteúdo de O Catequista e de conquistar mais audiência. Em fevereiro de 2012, foi lançado o Catecast, o podcast de O Catequista, em que os membros da equipe do blog, acompanhados de convidados, debatiam sobre temáticas atuais em arquivos de áudio que podem ser escutados on-line. Outra iniciativa parecida foi a Liga dos Blogueiros Católicos, videoconferências que reuniam vários blogueiros católicos para discutir temáticas variadas. Os catequistas desempenhavam o papel de âncora do programa, enquanto os demais blogueiros eram comentaristas convidados a cada episódio. As videoconferências eram transmitidas ao vivo pela internet e depois esses vídeos eram disponibilizados no canal do YouTube de O Catequista. A primeira transmissão da “Liga” foi ao ar em 2 de novembro de 2013 e o projeto contou com 26 episódios. Tanto o Catecast quanto a Liga dos Blogueiros Católicos pararam de ser realizados em 2015.

Em minhas conversas com os blogueiros, a justificativa apresentada para a descontinuidade desses dois produtos foi a falta de tempo do casal. Segundo eles, os formatos de áudio e vídeo são bem mais trabalhosos de produzir do que os textos. Conforme relatou Alexandre, os problemas técnicos devido à falta de equipamentos e de habilidade para as edições de áudio e vídeo, assim como a dificuldade de coordenar um trabalho conjunto com outros blogueiros, os quais nem sempre demonstravam o grau de comprometimento esperado com a proposta, foram

fatores que influenciaram diretamente na descontinuidade dos podcasts e videoconferências.

Já a presença de O Catequista nos sites de redes sociais tem se consolidado como uma das principais estratégias do projeto. Enquanto o perfil no Twitter segue funcionando basicamente apenas como um canal de distribuição do conteúdo do blog, no Facebook e no Instagram os catequistas investem em conteúdos exclusivos para cada plataforma. Nesse sentido, o Facebook é o ambiente em que O Catequista apresenta desempenho mais significativo. Com mais de 500 mil “fãs” da página, é no Facebook que ocorre o maior número de interações e a maior diversidade de opiniões em cada discussão proposta.

Quase no caminho inverso do Facebook, em relação ao alcance e diversidade nas interações, O Catequista chegou a lançar sua própria plataforma de rede social. A “Área Católica” entrou em funcionamento em 29 de abril de 2015 como espaço de interação entre pessoal com fé e interesses semelhantes. O projeto foi viabilizado por meio de parceria entre O Catequista e uma empresa de tecnologia que era responsável por todas as questões técnicas da plataforma, em troca da receita gerada pelo sistema de anúncios e dos dados dos usuários. O site possuía cadastro gratuito e funcionava basicamente através de comunidades, chamados grupos, e fóruns, que agrupam pessoas em torno de assuntos específicos além de possibilitar a criação de um perfil com fotos, descrições e vídeos. Os laços sociais eram formados através das solicitações de amizade que, ao serem aceitas, permitem que os usuários recebessem informações atualizadas uns dos outros em um *feed* de notícias como o do Facebook. As postagens também possuíam as funcionalidades de curtir e comentar.

Apesar do número considerável de pessoas cadastradas e de grupos nos primeiros meses de funcionamento, mais de 12 mil pessoas e de 200 grupos, a pouca interação e os problemas técnicos acabaram inviabilizando o projeto que foi encerrado em 2017.

Mesmo com a importância das redes sociais, é possível inferir que O Catequista continua mantendo o seu próprio site como plataforma primordial a partir da qual se constroem todas as formas de atuação. Mesmo que muitos de seus leitores, atualmente, possam ter contato com O Catequista primordialmente por meio de memes e compartilhamentos no Facebook, por exemplo, é no site que a proposta é disponibilizada de forma mais completa. Assim, o site passou por uma grande

reformulação em fevereiro de 2017 com o objetivo de melhorar questões técnicas e visuais, principalmente em relação ao acesso por meio de dispositivos móveis.

Figura 2 – Página inicial de O Catequista em janeiro de 2018.

The image shows the homepage of the website 'O Catequista' as of January 2018. At the top, there is a navigation bar with the site's logo and a search icon. Below this is a main banner for 'NOVO CONTEÚDO APARECIDA' featuring a book by Rodrigo Alvarez. The main content area is divided into several sections: a featured article titled 'Grupo jovem como berço de vocações, e não clubinho fútil' with a date of '30 DEZ' and a post by 'A Catequista'; a video player for 'RPG e Ensino Religioso | OS CAÇADORES DE TRETA #8'; and a section for 'ÚLTIMOS POSTS' featuring an article titled 'Eucaristia e canibalismo são muito diferentes! Resposta a uma'. There are also sections for 'MAIS VISTOS' and 'SIGA-NOS' with social media icons for Facebook, Twitter, Instagram, and YouTube.

Fonte: www.ocatequista.com.br

No meu relacionamento com os blogueiros percebia como era grande a expectativa deles pelo lançamento do “site novo” e todas as negociações que envolveram a mudança de um blog totalmente formatado pela equipe de O Catequista, para um site mais profissional e complexo construído por terceiros. Inicialmente, o projeto do novo site ia ser desenvolvido através de parceria dos catequistas com outros profissionais católicos. Como o trabalho não se desenvolveu de acordo com o esperado, os blogueiros optaram por contratar uma empresa

especializada para realizar a parte técnica do site enquanto as questões gráficas continuaram sendo criadas por Ricardo. Entre elogios a nova plataforma e comentários sobre a adaptação dos leitores mais assíduos, os quais se sentiram “perdidos” na nova interface, o que mais me chamou a atenção foi que o novo site deixava para trás os ares de blog quase anônimo” e passava a ser o site da Vivi e do Alexandre. Na primeira versão do site, o artigo de apresentação da equipe não tinha muita visibilidade e os posts eram na sua maioria assinados apenas por “O Catequista” e “A Catequista. Na versão atual, a seção “Sobre” passou a ficar em destaque no menu principal da página. Além disso, no rodapé do novo layout, há uma foto do casal e novamente, o link para o artigo explicativo sobre os membros da equipe do blog. Outra questão interessante é a presença banners de divulgação de alguns dos cinco programas de rádio em que Alexandre participa como comentarista. Cada vez mais o projeto vai ficando personificado na imagem do casal e a proposta vai se distanciando de abordagens mais amadoras, inclusive porque no novo site há a comercialização de espaços publicitários.

Fig.3 – Rodapé do site O Catequista.



Fonte: www.ocatequista.com.br

Essas mudanças vêm na esteira de outros acontecimentos que fortalecem a busca pela profissionalização da atuação de O Catequista. O primeiro deles foi o

lançamento do programa “Os Caçadores de Treta”, no canal de O Catequista no site de vídeos YouTube em maio de 2016. Em um formato que mistura referências a filmes da saga Indiana Jones e programa de perguntas e respostas, a série de vídeos tem abertura de tom épico em que as “tretas”, aqui entendidas como questões controversas sobre a moral e a doutrina católica, são resolvidas pela “força” do Catecismo da Igreja Católica. Na sequência, Viviane e Alexandre entram em cena para “caçar” as “tretas” respondendo as dúvidas enviadas pelos leitores por e-mail. Nos oito episódios que foram disponibilizados até agora, além de temas doutrinários e morais, assuntos relativos a questões sociais e políticas também foram pauta do programa.

Outro fato relevante foi a edição do primeiro livro assinado pelo casal. Como já se tornou frequente na trajetória de influenciadores digitais dos mais diferentes nichos, o lançamento de um livro parece adquirir papel de validação do sucesso alcançado. A obra “As grandes mentiras sobre a Igreja Católica” foi lançado em 14 de outubro de 2016 e é formado por uma compilação de artigos já publicados no blog. Depois de mais de um ano de trabalho de negociações com editoras católicas, o livro, que inicialmente seria intitulado “Os caçadores de treta”, com base no mesmo conceito que acabou sendo utilizada na série de vídeos, o livro foi publicado por uma editora não confessional, a qual solicitou a troca do título. A partir do material de divulgação da obra, que trazia fotos dos autores, esse tipo de abordagem também passou a ser usada de forma mais ampla nas plataformas e perfis de O Catequista.

Em março de 2017, o credenciamento de Alexandre à sala de imprensa do Vaticano coloca a atuação de O Catequista em destaque no cenário nacional. Pela primeira vez, o Vaticano concedeu esse tipo de credencial, normalmente direcionada a jornalistas profissionais e religiosos, para alguém não residente na cidade de Roma. O fato do credenciamento ser para um blogueiro leigo também não é muito costumeiro. Com a credencial, o catequista tem acesso em primeira mão aos discursos papais e entrada diferenciada a alguns eventos no Vaticano.

Esse encadeamento de fatos vai complexificando a atuação de O Catequista e exigindo cada vez mais dedicação dos blogueiros para dar conta de todas as frentes de trabalho. Com isso, notei que, a partir de 2017, a frequência de postagem de textos no blog diminuiu consideravelmente, assim como o número de comentários e a recursividade dos mesmos dentro do site. Em contrapartida, o

número de seguidores de O Catequista no Facebook e a conversação nessa plataforma são sempre crescentes.

Percebo tais movimentos como indicativos da consolidação de O Catequista como um negócio em que as estratégias, o posicionamento de marca e o público-alvo são pensados de forma racional e não amadora. Apesar da motivação principal do projeto não ser comercial, em nossas conversas os blogueiros nunca demonstraram restrições a ideia de ter algum tipo de retorno financeiro com o seu trabalho. Ao contrário, já haviam comentado comigo sobre várias possibilidades de produção de materiais exclusivos e a comercialização em uma possível loja virtual. Entretanto, a única iniciativa que se efetivou nesse sentido foi a publicação do livro.

Contudo, em dezembro de 2017 fui surpreendida por aquilo que considero o passo mais ousado de O Catequista até aqui: o lançamento de uma campanha permanente de financiamento coletivo na plataforma digital Catarse. Por meio de um sistema de cotas de colaboração, que variam de quinze a mil reais, os leitores são convidados a colaborar mensalmente para que O Catequista possa aumentar e diversificar a sua produção de conteúdo. O argumento utilizado por Viviane e Alexandre é que com essa ajuda financeira eles poderão terceirizar alguns trabalhos técnicos e assim terão mais tempo livre para a produção de textos, áudios e vídeos. Em contrapartida, os catequistas oferecem uma série de recompensas, que vão de menção ao nome do colaborador no site até palestras, notícias e produtos exclusivos, de acordo com a cota de colaboração.

O objetivo dessa breve descrição é proporcionar uma visão geral sobre O Catequista, visando apresentar a dinamicidade do objeto que, apesar de ser chamado de blog na maior parte desse texto, diz respeito a um projeto de comunicação e presença digital bem mais complexo. Dessa forma, parece que o interessante não é tentar enquadrar O Catequista, mas como diz o seu slogan, deixar-se levar por essa “nova onda católica”.

2.5 LEITORES E INFORMANTES

Essa seção do texto objetiva descrever brevemente alguns dados sobre os leitores de O Catequista. Como já exposto anteriormente, essa tese é um esforço de reflexão sobre a experiência religiosa na internet com foco mais nas pessoas que nas questões institucionais da religião e Igreja Católica. Para tanto, buscar se

aproximar dos leitores do blog, para além da mera observação de suas manifestações on-line foi tarefa fundamental e nem sempre simples de ser realizada. Principalmente, tendo em vista que para a construção de uma abordagem etnográfica de pesquisa, é fundamental que se desenvolva um relacionamento com pessoas “nativas” daquele campo para que essas possam se constituírem em informantes privilegiados do trabalho.

Nesse sentido, minhas primeiras tentativas de aproximação dos leitores não foram bem-sucedidas. Diante disso, a saída encontrada foi a proposição de um formulário on-line anônimo com questões que formavam uma espécie de perfil do leitor. Esse formulário foi compartilhado pela própria página de O Catequista no Facebook e no blog. No total foram 1522 respostas: 1384 no questionário publicado no Facebook e 138 no formulário publicado no blog. Apesar desse instrumento metodológico não ter pretensões representativas do universo total de leitores de O Catequista, entendo que os dados coletados ajudam a localizar no contexto em que se insere essa pesquisa. Além disso, esclareço que a distinção de nomenclatura apontada no título desse texto “leitores e informantes” é apenas formal, no intuito de deixar marcado que a seção trata de uma visão panorâmica sobre o universo de milhares de leitores do blog do qual foram selecionados os informantes privilegiados.

Os dados coletados revelaram equilíbrio de gênero entre o número de leitores do blog, 54,3% dos leitores do sexo masculino e 46,7% feminino. Em relação a faixa etária dos respondentes, a maioria dos leitores encontra-se com idades entre 21 a 30 anos, como se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição dos leitores de O Catequista por faixa etária

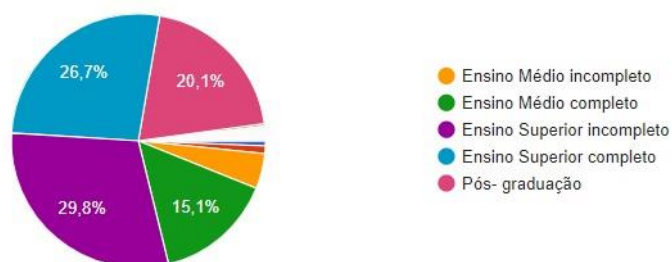
Faixa etária	Percentual
Até 20 anos	20,9%
De 21 a 30 anos	46,8%
De 31 a 40 anos	21,9%
De 41 a 50 anos	6,8%
Mais de 50 anos	2,9%

Fonte: autora

Já em relação ao grau de escolaridade, a maioria dos leitores respondentes oscila entre ensino superior completo e incompleto. Logo após, o maior grupo é daqueles que possuem pós-graduação e o quarto grupo, de pessoas com o ensino médio completo. Outros níveis de escolaridades foram registrados, mas por representarem grupos muito pequenos, não aparecem visualmente no gráfico, conforme pode ser conferido nas imagens abaixo, referente às respostas coletadas no Facebook e no blog:

Gráfico 1- Escolaridade respondentes Facebook.

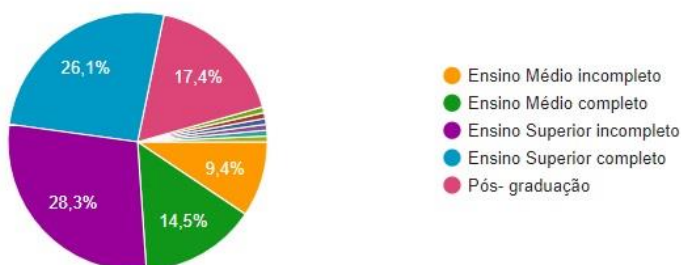
Escolaridade



Fonte: Autora

Gráfico 2 - Escolaridade respondentes blog.

Escolaridade



Fonte: Autora.

Em relação ao engajamento dos respondentes nas atividades da Igreja Católica, observa-se que a maioria dos leitores afirma participar ativamente das atividades de uma paróquia, frequentando missas e participando de grupos ou eventos. O segundo grupo mais numeroso é daqueles que afirmam participar apenas da missa. Vale ressaltar também que no questionário publicado no Facebook, um número significativo de respondentes declarou viver a fé de forma particular, sem vinculação com nenhuma paróquia. Outras formas de engajamento foram registradas, mas por representarem grupos muito pequenos, não aparecem visualmente nos gráficos, como é possível conferir nas imagens abaixo:

Gráfico 3 – Tipos de envolvimento com a Igreja dos respondentes do Facebook

Como você avaliaria seu nível de envolvimento com a Igreja Católica?



Fonte: Autora.

Gráfico 4 – Tipos de envolvimento com a Igreja dos respondentes do blog

Como você avaliaria seu nível de envolvimento com a Igreja Católica?



Fonte: Autora.

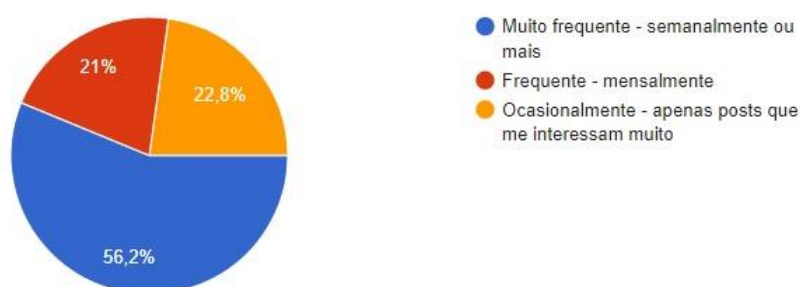
Dentro desse percentual de leitores que se declaram como engajado em alguma comunidade católica, outro dado relevante para a análise aqui proposta diz respeito ao envolvimento dessas pessoas com movimentos, pastorais e outros serviços eclesiais. Nesse sentido, os números levantados contrariaram minha expectativa, pois a minha suposição era de que a maioria dos leitores do blog possuísse vinculação a algum movimento eclesial. Contudo essa opção não correspondeu ao grupo majoritário, sendo mencionada por 25,9% dos respondentes. Em contrapartida, o total de pessoas que declararam ter sua participação ligada ao chamado catolicismo paroquial (CARRANZA, 2011) totalizou 47,4 % dos leitores. Nesse grupo, estão incluídos aqueles que estão vinculados a alguma pastoral, 15,2%, aos serviços de liturgia 11,6%, e os que exercem atividade de catequese 20,6%. Além desses grupos, outras formas de vinculação foram registradas, mas por representarem grupos muito pequenos, não foram contabilizadas.

Em relação ao consumo de O Catequista, a grande maioria dos respondentes, 85%, declarou acessar o conteúdo preferencialmente por meio do Facebook. Os leitores que costumam acessar O Catequista diretamente pelo blog somaram 14%, e os que mencionaram o YouTube, 1%. A plataforma Twitter não foi mencionada por nenhum respondente.

Quando questionados sobre a frequência em que acessam O Catequista, a maioria dos respondentes sinalizou o consumo de conteúdo do blog como uma prática muito frequente, conforme é possível observar nos gráficos abaixo:

Gráfico 5- Frequência de acesso de respondentes do Facebook

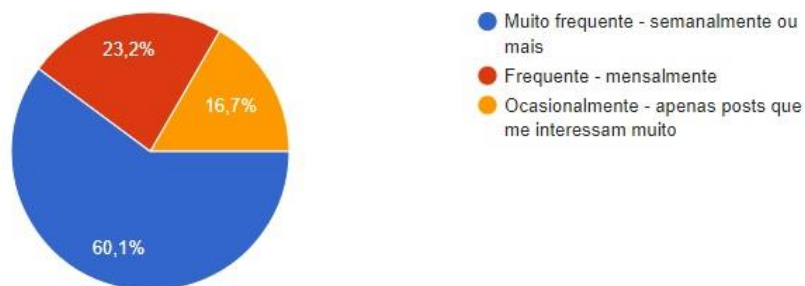
Com que frequência você acessa o conteúdo de O Catequista?



Fonte: Autora.

Gráfico 6 - Frequência de acesso dos respondentes do blog

Com que frequência você acessa o conteúdo de O Catequista?



Fonte: Autora.

Se a frequência de acesso se mostra alta entre os respondentes, a participação nas discussões que ocorrem nos comentários parece menos atrativa. Quando perguntados sobre o hábito de comentar os textos do blog, 58% dos leitores afirmam nunca terem comentado, enquanto 40% admitem terem comentado poucas vezes e apenas 2% se consideram comentaristas frequentes. Outro indício sobre o pouco interesse de participação nos debates on-line é sinalizado pelo fato de 56% dos respondentes declararem que nem sempre se interessam pela conversação nos comentários por considerarem os debates pouco produtivos, e de 8,6% assumirem que nunca leem os comentários por falta de interesse ou por considerarem as discussões desnecessárias. Entretanto 35,4% dos leitores disseram gostar dos debates entre diferentes pontos de vista.

Além do levantamento dos dados quantitativos que colaboram para uma visão mais panorâmica sobre os leitores de O Catequista, a utilização do formulário on-line foi decisiva para que se conseguisse chegar até os informantes privilegiados da pesquisa. Com as informações levantadas, foi possível ter acesso a vários endereços de e-mails de leitores que se declaravam interessados em continuar participando da pesquisa e também foi possível inferir algumas tendências no perfil dos respondentes, que se mostraram úteis para fim de generalizações sobre a realidade estudada.

Nesse sentido, a escolha dos seis informantes privilegiados da pesquisa não consegue ser representativa da diversidade do campo. Partindo dos aspectos levantados acima, os informantes se encaixam nos grupos majoritários em relação à escolaridade (cinco tem no mínimo ensino superior completo, um possui ensino médio) e nível de engajamento na Igreja (três são catequistas e dois participam de movimentos eclesiais). Contudo, em relação a idade, temos uma concentração na faixa etária entre 31 a 40 anos (cinco leitores), sendo que apenas um leitor se encaixa na faixa etária majoritária de leitores do blog que compreende o intervalo de 21 a 30 anos. Além disso, uma das informantes se enquadra como exceção dentro do universo total de leitores por não se declarar como católica. Quando perguntados sobre a qual religião pertenciam, apenas 12 respondentes, do total de 1522, declararam opção diferente do catolicismo.

O fato dos informantes privilegiados não poderem ser considerados “sujeitos totalmente típicos do campo”, não inviabiliza a pesquisa, mas evidencia particularidades a serem levadas em conta para que a análise construída possa ser bem dimensionada. Para tanto, apresento abaixo o perfil de cada informante privilegiado⁵:

Paulo – possui 40 anos, é morador de Taió/SC, casado, pai de um filho, professor de educação física da rede pública estadual. Participa de um movimento paroquial.

Camila – mineira da cidade de Ubá/MG, tem 32 anos, é solteira, e possui graduação e pós-graduação em Administração. Trabalha como funcionária pública. Atua como catequista.

Gabriel – tem 30 anos, é solteiro e mora em Jaboatão dos Guararapes/PE, na região metropolitana da capital Recife/PE e é catequista. Possui graduação e pós-graduação em Redes de Computadores e atualmente trabalha em um órgão público estadual como analista de suporte.

Rebeca – tem 33 anos, é paulista e reside em Florianópolis/SC. Atualmente trabalha com o marido em projetos de arquitetura de interiores. É batizada na Igreja Católica, mas não se considera filiada a nenhuma religião.

Pedro – tem 50 anos, é casado, pai de dois filhos, professor de português da rede pública de ensino. Reside em Santa Fé do Sul/SP onde é catequista.

⁵ Os nomes dos informantes privilegiados são fictícios.

Letícia - gaúcha de 36 anos, casada, mãe de três filhos, dona de casa e residente na cidade de Florianópolis/SC. Ligada a uma Nova Comunidade, ou seja, uma associação privada de fiéis que teve origem no movimento da Renovação Carismática Católica e que atualmente, mantém a espiritualidade carismática mas tem autonomia organizacional.

3 CATOLICISMO MIDIÁTICO: IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E CONTEXTOS

Ao pensar os conflitos entre religião e modernidade advindos da relação da Igreja Católica com a mídia no Brasil, Carranza (2011) apresenta o conceito de catolicismo midiático como uma tentativa de encapsular o contexto que leva a uma diversidade de iniciativas católicas, as quais se multiplicaram e ganharam visibilidade na mídia nas últimas duas décadas. Apesar de se referir originalmente a empreendimentos midiáticos encabeçados ou tutelados pelo clero - como programas de televisão e rádio, shows de evangelização e padres cantores, o conceito se mostra promissor para o entendimento de iniciativas autônomas de leigos na internet quando essas também comungam da certeza de que “a mídia é o caminho mais eficaz para reinstitucionalizar os afastados e recuperar a maioria social e moral de um Brasil que até pouco tempo atrás se reconhecia majoritariamente católica” (CARRANZA, 2011, p. 19). Para a reflexão aqui apresentada, o interesse está em entender a continuidade de projeto de catolicismo entre as diferentes propostas midiáticas que se esforçam para ser inovadoras no formato e tendem a ser conservadoras no conteúdo.

A ideia do catolicismo midiático como ferramenta explicativa tem sua força na capacidade de desentranhar os contextos institucionais e políticos que modulam a relação entre Igreja Católica e mídia no Brasil. Contudo, na construção de uma análise sob a perspectiva da Ciência da Comunicação, também é preciso desentranhar as articulações entre a mídia e os processos sociais que sustentam essa proposta de recatolização da sociedade. Para tanto, apoio-me nas discussões acerca da midiatização da religião na tentativa de explicar o contexto de midiatização da sociedade no qual se desenvolve o catolicismo midiático. Levando em consideração as especificidades dessa pesquisa, focada na atuação dos leigos católicos na internet, buscamos pensar a midiatização da religião, não apenas como um metaprocessos social, mas como experiência vivida cotidianamente pelas pessoas.

3.1 MUDIATIZAZÃO E MUDIATIZAZÃO DA RELIGIÃO

A midiatização é uma das perspectivas teóricas mais frequentes na pesquisa sobre mídia e religião. A grande penetração de tal conceito nos estudos atuais de comunicação deve-se, inferimos aqui, ao seu potencial de explicação sobre o complexo contexto sociocomunicacional da atualidade no qual se inscrevem as demais esferas de experiência. O conceito de midiatização diz respeito às modificações nos processos comunicacionais e sociais trazidas pela sua articulação com dispositivos midiáticos. Ao compreender a mídia como o conjunto de práticas socioculturais realizadas a partir, sobre e para além dos meios de comunicação (VERÓN, 1997, p. 12), a midiatização se refere a mudanças no entorno comunicativo das práticas e interações sociais.

Como explica Fausto Neto (2012), a presença da mídia e de suas lógicas afetam - técnica, social e discursivamente, o funcionamento e a prática das instituições de todos os campos sociais gerando negociações entre práticas, discursos e sentidos. Ao destacar que as afetações das lógicas e operações midiáticas se dão nos tensionamentos com os demais processos sociais e institucionais, o autor busca superar a ideia de que a midiatização é resultado apenas da institucionalização da mídia ou do crescimento de suas corporações. Mais que se pensar em uma sociedade dos meios, em que a mídia é instrumento intermediário que organiza a interação entre os demais campos sociais, o entendimento que se consolida nos estudos recentes é “aquele no qual o funcionamento das instituições e de suas práticas são diretamente afetadas pela presença dos meios e de suas lógicas e operações” (FAUSTO NETO, 2012, p. 300). Nesse sentido, estaríamos diante de uma “sociedade em midiatização” constituída pelo conjunto de tecnologias e processos sociomidiáticos que complexificam a circulação de mensagens e configuram práticas e interações tidas como referência na forma de ser da própria sociedade.

Martino (2016, p. 32), num esforço pedagógico de explicação da ideia de midiatização, chama a atenção para a definição de alguns conceitos importantes para o entendimento do processo. O primeiro deles é o termo “processos sociais” que, de forma geral, pode ser entendido como a maneira com que as pessoas interagem entre si. O outro termo é o “ambiente midiático”, tomado como o ambiente formado pela presença de dispositivos tecnológicos que são incorporados no

cotidiano comunicacional de grande parcela da sociedade. Com isso, o autor objetiva frisar que a mídia não transforma e não tem efeitos sobre os processos sociais e instituições por si só, mas, pela ação humana, pode se articular a esses processos. Não basta que as tecnologias de comunicação e os dispositivos midiáticos existam, eles precisam ser incorporados às relações humanas e práticas sociais para, só assim, poderem fazer parte dessa trama. Nessa perspectiva, quando se pensa em midiatização da religião não está se referindo ao simples “uso” que as religiões fazem de dispositivos midiáticos, mas a um processo mais complexo em que igrejas e grupos religiosos passam a organizar suas práticas a partir de lógicas próprias das mídias, dentro de “uma aparente reestruturação, mais ampla, dos significados do que é ‘sagrado’, ‘religioso’ e da ‘experiência religiosa’ em uma sociedade em midiatização” (Martino 2012, p.237).

Hjarvard (2014), ao teorizar sobre a midiatização da cultura e da sociedade, também dedica atenção a questões específicas da relação entre mídia e religião. Ele postula que na atualidade, instituições e esferas sociais tornam-se cada vez mais dependentes da lógica da mídia entendida como o “fato de possuir a mídia um *modus operandi* próprio e características específicas capazes de influenciar outras instituições e a cultura da sociedade em geral, à medida em que estas se tornam dependentes dos recursos que ela controla e disponibiliza” (2014, p.36). A lógica da mídia não quer indicar a existência de uma única racionalidade global a reger todas as instâncias midiáticas, mas destacar que há regras formais e informais a operar de maneira institucional, estética e tecnológica os recursos materiais e simbólicos dos meios de comunicação. Sendo assim, a midiatização é entendida como um processo de transformação social a longo prazo e a mídia, compreendida como um agente de mudança social e cultural.

Ao se voltar para o campo religioso, o autor localiza o processo de midiatização da religião na esteira da gradual secularização da sociedade pós-moderna, no qual historicamente as religiões tradicionais têm perdido seu lugar de representação e mediação social. Nesse contexto, a própria mídia passa a assumir para si diversas funções sociais que eram exercidas pelas igrejas tradicionais como orientação espiritual e moral, além do sentido de comunidade.

Contudo, apesar de reconhecer as abrangentes transformações que a mídia acarreta nos textos, práticas, relações institucionais e, em última análise, na própria natureza da fé nas sociedades modernas – a visão de Hjarvard parece dar mais

peso aos aspectos processuais e contextuais da midiática da religião. Ao afirmar que o resultado desse processo “não é o surgimento de um novo tipo de religião propriamente dita, mas de uma nova situação social e cultural em que o poder de definir e praticar a religião foi alterado” (2014, p.137), o autor ressalta o caráter histórico da midiática da sociedade e da religião, evidenciando que esse processo não é fruto apenas do desenvolvimento tecnológico como afirmam algumas visões mais tecnicistas.

Outra contribuição importante do autor é a categorização apresentada por ele de três formas de religião midiática. A chamada “mídia religiosa” diz respeito às experiências midiáticas que são geridas e executadas por atores religiosos, individuais ou coletivos. Já o “jornalismo religioso” é entendido como sendo as coberturas que o campo jornalístico realiza sobre eventos e fatos do campo religioso. Por fim, a “religião banal” se refere a todo o outro tipo de produção midiática que ao tratar de temas religiosos ou espirituais “introduz o imaginário religioso no domínio da cultura” (HJARVARD, 2014, p.147).

Cada uma dessas três categorias coloca em evidência processualidades e especificidades da midiática da religião. Por exemplo, Hjarvard considera que a categoria de mídia religiosa seria como um primeiro nível de midiática já que, por ser controlada por agentes confessionais, teria a possibilidade de garantir os fins religiosos do projeto mesmo com as adequações inerentes ao imbricamento do *modus operandi* dos dois campos. Mesmo com essa seletividade nas escolhas dos gêneros midiáticos e das estratégias a serem utilizadas, são evidentes as transformações acarretadas pela midiática, já que, ao se valer de formas, conteúdos e performances próprias da mídia se alteram as relações entre a religião e os fiéis e questões de autoridade. Sobre esse último item, a reflexão leva em consideração tanto a pluralidade de vozes que ganham projeção com a mídia religiosa, de forma mais considerável na internet e redes digitais, como o fato de atores midiáticos religiosos passarem a desempenhar grande influência sobre sua audiência, podendo questionar autoridades institucionalizadas e incentivar uma vivência de fé mais individualizada.

Entretanto, ao discorrer sobre o jornalismo religioso, o autor destaca o fato da religião ficar refém do enquadramento dado a ela pelas narrativas jornalísticas. A relevância desse fato se justifica pela importância que essas narrativas possuem na construção da representação social. Na tentativa de se adequar às regras do

jornalismo e conseguir garantir sua presença nesse discurso é fundamental que os atores religiosos se encaixem nos padrões de noticiabilidade da imprensa, além de saberem agir como fontes jornalísticas. Nesse processo, as organizações religiosas precisam também se adaptar às convenções seculares do jornalismo, pois dificilmente gêneros de comunicação como sermões e orações e critérios de credibilidade como citações bíblicas ou revelações divinas serão aceitos pela imprensa. Assim, o jornalismo religioso “desafia a capacidade dos atores religiosos (organizações e indivíduos) de definir a religião e enquadrar as questões religiosas na esfera pública, na medida em que os deixa muito expostos a críticas baseadas nos critérios sociais e políticos da sociedade secular” (HJARVARD, 2014, p.145).

Já a ideia de religião banal lança luzes para uma faceta de conteúdo religioso/espiritual midiático que muitas vezes é esquecido. Por mais que alguns tipos de narrativas espirituais, mágicas, de autoajuda ou transcendentais presentes em filmes, séries, programas de variedades e demais produtos midiáticos sejam bem distantes das religiões tradicionais, seria falho não considerar que tais conteúdos também constroem imaginário religioso no domínio da cultura. Pensar em religião banal também evidencia a disputa de poder e legitimidade entre as representações religiosas. Muitas vezes, elementos religiosos mais folclóricos, supersticiosos (e, por que não, mercadológicos) são marginalizados por serem considerados incompletos e rudimentares. Entretanto, tanto representações religiosas banais como as institucionalizadas colaboram com a criação e manutenção da fé individual e do imaginário religioso coletivo.

As contribuições de Hjarvard, embora muito pertinentes para a compreensão da midiaticização como um processo de longo prazo em andamento, se configuram em uma perspectiva de análise que destaca a “prepotência midiática sobre a religião” (SBARDELOTTO, 2014, p.75). Quer dizer, a religião parece não ter alternativas diante das lógicas midiáticas que a impactam e modificam suas práticas, minando a autoridade institucional. Segundo Sbardelotto (2016, p.120-122), ao se estruturarem a partir de perspectivas que focam a dependência/subserviência da religião frente a mídia, ou vice-versa, e/ou a influência/prepotência de uma sobre a outra, tais pesquisas se limitam a reflexão sobre os efeitos midiáticos na religião ou sobre os usos religiosos da mídia.

Diante disso, o interessante seria complexificar ainda mais a análise e pensar as processualidades das articulações/hibridações/integrações entre mídia e religião

em abordagens que abram mais espaço para a atuação dos sujeitos. Sbardelotto (2016) apresenta promissoras caracterizações sobre as especificidades da midiatização digital do catolicismo. A partir de características das próprias redes digitais: sintetização (recombinação de conteúdo facilitado pelo processo de digitalização), ubiquização (superação de limites espaço-temporais), autonomização (liberação do polo emissor) e conectivização (possibilidade de articulação em rede), o autor apresenta práticas e dinâmicas que moldam a experiência católica digitalmente midiatizada:

A midiatização nos permite compreender mais especificamente uma crescente reconstrução de sentidos em torno do catolicismo (sintetização), um rompimento com espaço-temporalidades tradicionalmente centrais para as práticas católicas (ubiquização), uma nova forma de participação a partir da autonomia sociotécnica e da emergência da figura do amador nas práticas comunicacionais em torno do catolicismo (autonomização), complexa formação de redes comunicacionais entre membros da Igreja, para além dos vínculos tradicionais que constituem a Igreja Católica (conectivização) (SBARDELOTTO,2016,p.100).

Ao refletir sobre as categorias apresentadas por Hjarvard e Sbardelotto vemos um avanço nas formulações propostas em direção a compreensão sobre a vivência da midiatização da religião. De uma visão mais generalista e que visa fornecer grandes enquadramentos para a religião midiatizada, como a proposta do pesquisador dinamarquês, chega-se mais perto das processualidades da midiatização digital experimentadas pelos indivíduos com as formulações cunhadas pelo autor brasileiro. Tal comparação sugere que o elemento que possibilitou esse movimento de análise dos fenômenos macros para os micros na pesquisa de Sbardelotto foi o foco na própria internet e suas potencialidades participativas e de compartilhamento. O avanço mais significativo, em termos da discussão aqui proposta, fica por conta dos esforços em “religar teoricamente processos midiáticos digitais e práticas religiosas, buscando entender os vínculos que unem, hoje, os universos simbólico-religiosos e os ambientes comunicacionais em mudança no tempo, no espaço e em suas materialidades” (SBARDELOTTO, 2016, p. 127)

3. 1. 1 Religião Digital?

Nessa busca por se aproximar da experiência vivida pelos sujeitos, trago para a discussão as contribuições de estudos que apresentam o foco mais ajustado às

especificidades da relação entre religião e internet. Apesar de tais pesquisas não tomarem o conceito de midiatização como referencial, esses trabalhos compartilham de um entendimento em comum: a internet, ou qualquer outra mídia, não deve ser tomada apenas como ferramenta ou inovação tecnológica, mas ser encarada como um ambiente em que o social e o cultural são negociados. Com essa visão em comum, o diálogo entre as correntes de estudo se torna possível.

Pesquisadores como Hoosjgaard e Warburg (2005) e Campbell (2013) tem sistematizado tais estudos em três correntes ou ondas que mostram a evolução da pesquisa e acompanham o próprio desenvolvimento da web. A primeira onda dos estudos pensava de forma entusiástica sobre as novidades que a cibercultura traz para a religião. A capacidade da internet de conectar pessoas de mesmo credo e de inspirar novas práticas religiosas e novas religiosidades, aplicava à religião o imaginário inicial da cibercultura do “faça você mesmo”. Também falava-se muito também de dilemas éticos da religião on-line e sobre a natureza das práticas religiosas e das comunidades virtuais. Os estudos tinham um caráter descritivo que buscava documentar aquilo que acontecia on-line.

Na segunda onda de estudos, a visão já é mais realista e menos ligada a dicotomias entre o “real” e o “virtual”. Nesse sentido, começou-se a afirmar que a internet por si só não gera religião, são as pessoas que o fazem. Mesmo as experiências religiosas que são “nativas” da web e que não possuem qualquer vínculo com instituições off-line, também são produzidas e utilizadas por pessoas. Aqui, os estudos se concentram mais na categorização das tendências das práticas religiosas on-line.

Já a terceira onda, é caracterizada por contribuições de diversas áreas do conhecimento, buscando maior detalhamento em questões como ritual, identidade e comunidade. Com a popularização da internet, problemáticas sobre a influência do uso cotidiano da web nas práticas religiosas digitais e a relação entre líderes religiosos tradicionais e novas lideranças, foram trazidos à tona.

Com o intuito de identificar temas e questões comuns nas pesquisas sobre religião digital, Campbell (2011) realizou um mapeamento das principais produções acadêmicas sobre o tema que incluiu capítulos de livros e artigos publicados em coleções e edições especiais de periódicos especializados em religião e internet na primeira década dos anos 2000. Segundo a autora, como questões recorrentes é possível considerar como a internet influencia na construção de identidades

religiosas, na organização de novas formas de comunidade, muda questões de autoridade, transforma práticas ou rituais ao incentivar a mistura de ações tradicionais e com novas formas de agir, além de reconhecer a relação entre religião on-line e off-line. Assim, o fenômeno religioso construído digitalmente é definido por cinco traços principais: comunidade em rede, identidades estratificadas, autoridade deslocada, prática convergente e realidade multilocalizada.

Comunidade em rede sugere mudanças nas questões de filiação religiosa e compromisso que deixam de estar tão ligadas à adesão fixa a comunidades geograficamente localizadas, e ressaltam laços mais diversificados e fluidos com diversas redes sociais, resultando em um sentido de pertença com diferentes graus de profundidade e altamente personalizado. Com essa fluidez nas relações é compreensível que as identidades não se apresentem mais de forma fixa, mas maleável. Os recursos digitais e a rede trazem novas formas de experiência comum e refletem mudanças nas percepções do eu dentro da sociedade em geral. Assim identidades estratificadas emergem como uma nova forma de construção do *self* religioso.

Na religião em rede outra característica é o deslocamento da autoridade religiosa. Lideranças tradicionais e novos líderes passam a disputar poder e legitimidade tanto dentro das estruturas institucionais como na própria rede. Essas novas dinâmicas de relações e autoridade fomentam mudanças e levantam questões sobre legitimidade, autenticidade e *status* dentro da esfera social.

Já a ideia de práticas convergentes fala das possibilidades inovadoras que a rede e as tecnologias digitais trazem para as práticas religiosas. Com acesso facilitado tanto às informações e ritos tradicionais como a outras fontes de informação, os fiéis ao invés de apenas se ligar a uma tradição religiosa, podem ressignificar costumes e ações. Assim, a religião em rede se dá com possibilidades de práticas individualizadas e espiritualidades autodirigidas.

A partir disso, observa-se que as experimentações e bricolagens possíveis na rede, em sua maioria, se dão com base nas práticas tradicionais, o que traz à tona a característica da realidade multisituada. Ou seja, para que se compreenda a religião em rede é preciso levar em conta a forte ligação entre os contextos on-line e off-line e não os pensar de forma separada ou até dicotômica.

Toda essa caracterização é construída com o objetivo de refletir não apenas sobre o fenômeno específico da religião em rede, mas as mudanças mais amplas da

sociedade em geral. Campbell (2011, p.21) ressalta que alguns traços de prática religiosa on-line não são uma novidade trazida pela internet, pois já eram encontrados dentro da ampla cultura religiosa ocidental. Por exemplo, a religião sempre foi uma prática negociada entre o indivíduo e o grupo, entre as preferências e liberdades pessoais e as expectativas da tradição. As tensões, negociações e hibridismos sempre aconteceram devido as variadas fontes de informação e interação social. Da mesma forma, a organização em rede também não é novidade, visto que a maioria das religiões possuem grande nível de capilaridade em sua estrutura. Nesse contexto, a internet é um novo recurso que vem complexificar dinâmicas já existentes.

É interessante notar que essa caracterização é muito próxima daquela apresentada por Sbaderlotto (2016), e já discutida na seção anterior desse texto. Contudo, o elemento que mais diferencia as duas propostas diz respeito ao que Campbell (2017) entende como sendo uma quarta tendência na pesquisa sobre religião e internet: as negociações dos atores religiosos entre seus contextos de vida on-line e off-line.

Essa busca por entender o fenômeno religioso numa visão de articulações entre o on-line e off-line e não de oposição ou de total fusão entre as duas realidades é tão contundente na proposta de Campbell, que a pesquisadora destaca tal articulação como característica principal da pesquisa recente sobre religião e internet:

o termo religião digital descreve o espaço tecnológico e cultural que é evocado quando falamos sobre como as esferas religiosas on-line e off-line se tornam misturadas ou integradas. Podemos pensar em religião digital como uma ponte que estende e conecta espaços e práticas religiosas on-line a contextos religiosos off-line e vice-versa (CAMPBELL, 2013, p.15, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o termo religião digital não indica um conceito explicativo, nem a completa fusão do religioso com as redes digitais, mas a tentativa de nomear um campo de estudos e organizar as linhas gerais de pesquisa, na busca por colaborar para que os pesquisadores entendam melhor o tipo de fenômeno que estão analisando.

Assim, ao trazer para o centro da análise a interação entre os contextos on-line e off-line, e não as modificações mais práticas acarretadas pela articulação entre

religião e as mídias digitais, a definição de Campbell se aproxima da experiência vivida pelos sujeitos e se distancia das formulações mais amplas sobre negociações de contextos institucionais e tecnológicos.

3.1.2 Miatização da religião como experiência vivida

Diante do panorama apresentado, é possível afirmar que o projeto do catolicismo midiático só encontra meios de se desenvolver porque está inserido em um contexto mais amplo de miatização da própria sociedade. Sendo assim, busco entender como o projeto do catolicismo midiático e como o processo de miatização da religião podem ser experimentados pelos leigos católicos.

Contudo, percebo a miatização como um aporte teórico que privilegia a compreensão de um metaprocessos de transformação social em suas processualidades, pois o mais evidente no desenvolvimento dessa conceituação são as descrições e explicações sobre as dimensões sociais, culturais e tecnológicas de mudança social. Mesmo que Verón (2014) tenha afirmado haver também os aspectos antropológicos da miatização, as considerações sobre sua implicação na prática e vivência dos sujeitos nem sempre ficam evidentes. Nessa perspectiva, questiono, se a miatização é um “novo modo de ser no mundo” pelo qual “os meios não são mais utilizados como instrumentos possibilitadores das relações pessoais, mas fazem parte da autocompreensão social e individual” (GOMES, 2016, p.18) como pensá-la enquanto uma experiência vivida?

Além do entendimento de que o indivíduo passa a incluir na compreensão que tem de si próprio as relações e conexões possíveis através de sofisticados meios tecnológicos de comunicação (GOMES, 2016), a outra pista que encontro para trilhar um itinerário até uma possível resposta para esse questionamento é postulada por Campbell (2017) com a ideia de religião digital. Ao buscar entender as continuidades entre contextos on-line e off-line das experiências e práticas religiosas, a autora pensa a rede para além de uma metáfora sobre a tecnologia digital e a internet, mas como uma forma de relacionar os contextos sociais e mobilizar elementos de análise que constituem esse campo de pesquisa.

Sendo assim, proponho que pensar a miatização da religião como experiência vivida, corresponde ao esforço de entender como as pessoas naturalizam o midiático na sua vivência religiosa. Quer dizer, ao incluir a mídia como

recurso sempre disponível para o seu ser e agir e ao encarar realidades midiáticas e históricas, on-line e off-line, como constituintes de uma só experiência, os sujeitos naturalizam a presença da mídia em suas vivências religiosas. Assim, para compreender como a midiatização da religião é experimentada pelos fiéis é preciso entender quando a mídia se torna “transparente” nas vivências religiosas.

Nesse sentido, a busca por pensar a midiatização da religião como uma experiência vivida se delinea como uma contribuição mais metodológica que conceitual. A reflexão aqui proposta confirma sua adesão aos pressupostos teóricos do conceito de midiatização como tem sido trabalhado pelos pesquisadores sul-americanos, buscando contribuir no sentido metodológico, por entender que uma das características do fenômeno midiático digital, a maior participação dos fiéis, tem sido pouco explorada pela área.

Para tanto, na presente pesquisa as contribuições de Hine (2015) sobre a internet como uma realidade incorporada, corporificada e cotidiana e o arcabouço da etnografia como teoria e método se mostraram muito produtivos e, quem sabe, tal evidência pode servir de indício para uma maior convergência entre tais filiações teóricas. Da mesma forma, a ideia de catolicismo midiático de Carranza (2011) ao expor um projeto de catolicismo que, não apenas é operacionalizado na mídia, mas traz a perspectiva midiática em sua própria compreensão, também sinaliza a relevância de não se abdicar de considerar as conjunturas eclesiais na análise da midiatização da religião.

Por fim, como afirma Campbell (2017, p.3) enquanto os estudos em religião digital estão consolidando seu aporte teórico, conceituações como as da midiatização, que já foram largamente empregadas para o entendimento das articulações da religião com outras mídias anteriores à internet, continuam sendo um embasamento seguro para o desenvolvimento de análises pertinentes. Sendo assim, a busca por pensar a midiatização da religião como experiência vivida não diz respeito a proposição de algo novo, mas a tentativa de conectar esse arcabouço teórico mais diretamente com as especificidades desse trabalho, principalmente no que diz respeito a experiência dos leigos no catolicismo midiático.

3.2 CATOLICISMO MIDIÁTICO: UM PROJETO DE REINSTITUCIONALIZAÇÃO

Ao tomarmos o catolicismo midiático como conceito explicativo do esforço deliberado da Igreja Católica na contemporaneidade em prol de sua

reinstitutionalização, conseqüentemente, assumimos como pressuposto a existência de um processo de secularização da sociedade que, segundo Weber, resulta na distinção irreversível entre a dimensão religiosa e a vida civil, passando a religião a ser relegada à esfera privada. Esse deslocamento do religioso para o privado, aumenta diretamente a distância entre os valores atuantes na ordem social e o arcabouço de valores da religião, além de acarretar que as igrejas percam sua força de integração e plausibilidade.

Diante desse cenário, Carranza (2011) argumenta que o catolicismo modifica sua forma social buscando criar um meio cultural próprio. “A essa redução de lugar, o cristianismo moderno reage criando uma morfologia social própria dentro da sociedade, com formulações filosóficas e teológicas à margem dos processos de modernização, dentro da modernidade” (CARRANZA, 2011, p 252). Se delinea assim um processo de exculturação que se constrói apesar dos investimentos de modernização, através da tecnologia, da mídia e do catolicismo intransigente.

Frente a condição secularizada da modernidade, os investimentos comunicacionais e midiáticos do catolicismo são entendidos como tentativas de manter sua penetração cultural, política e espiritual na contemporaneidade. Carranza (2011, p 254), afirma que o tripé de sustentação do cristianismo institucional na sociedade burguesa, constituída da metade do século XIX até a metade do XX, é formado por três movimentos: o esforço da romanização, a proposta do catolicismo social e a criação dos movimentos eclesiais.

A romanização diz respeito aos movimentos de hierarquização e burocratização da instituição eclesial e da prática do catolicismo. No aspecto administrativo e organizacional, observa-se a crescente centralização das decisões em Roma, com interferência nas nomeações de autoridades e decisões referentes aos seus territórios espalhados por todos os países e dioceses. Já no aspecto pastoral, o papa ganha cada vez mais destaque como figura de veneração dos fiéis pelo seu papel de pontífice, como assegura o dogma da infalibilidade papal promulgado pelo Concílio Vaticano I (1870). Sendo assim, a Cúria Romana, concentra em si funções pastorais referentes ao anúncio do evangelho, difusão da caridade, unidade inter-religiosa e dos cristãos; além de funções de administração e governo, tudo a partir de um mesmo epicentro.

A segunda base de sustentação do projeto de reinstitucionalização, é o chamado catolicismo social, proposto pelo papa Leão XIII na encíclica *Rerum*

Novarum em 1891. Esse documento, base da Doutrina Social da Igreja, se constrói sob a premissa de que o ideal católico de civilização deveria estar presente em todas as estruturas da sociedade. Carranza (2011, p 256), destaca que o catolicismo social vislumbra um novo papel para a Igreja, não mais ligado a utopia de ressacralização do mundo, mas baseado na ideia de uma cristandade profana, na qual a Igreja realiza plenamente sua missão salvífica, também de forma humanitária, adentrando nas relações e estruturas da sociedade.

Já o terceiro elemento do tripé, diz respeito aos movimentos eclesiais, responsáveis por colocar em prática a perspectiva do catolicismo social. Formados essencialmente por leigos, os movimentos eclesiais mostraram grande capacidade de penetração nas estruturas sociais se constituindo em importantes estratégias de contato dos ideários civilizatórios católicos com o mundo e de mobilização e ação social para a Igreja.

Concomitante ao potencial de inserção social dos leigos e de articulação nacional e internacional dessas iniciativas, os movimentos eclesiais também foram (e são) mobilizadores de controvérsias entre leigos e clero e entre diferentes correntes do catolicismo. Os leigos, formados e incentivados a ação no seio dos movimentos, nem sempre apresentam consonância com os posicionamentos da hierarquia e com a divisão do trabalho religioso na prática missionária e ação temporal da Igreja. Tais tensões evidenciam as disputas entre autonomia de ação e pensamento e as posições oficiais da Igreja. Nesse sentido, os movimentos também evidenciam as diferentes correntes ideológicas dentro do catolicismo, de maneira geral, polarizadas entre setores progressistas, com seus postulados sociorreligiosos de transformação social, e conservadores e liberais, com ideais de uma neocristandade.

Sendo assim, o tripé romanização, catolicismo social e a emergência dos movimentos sociais coloca em curso um projeto de reinstitucionalização que se desdobra em anseios de recatolização do mundo, de formação de uma neocristandade. Para tanto, a Igreja se acomoda à modernidade por meio da incorporação seletiva de elementos sociais, conforme as proposições da *Rerum Novarum*, e busca, por meio de seus leigos, cristianizar as estruturas da sociedade.

Tudo isso sob uma crescente centralização de poder na Cúria romana, na fiscalização dos recursos humanos e econômicos no Vaticano e no insistente discurso da responsabilidade da Igreja como uma instituição total,

capaz de significar e ressignificar as ações humanas e sociais do mundo moderno (CARRANZA, 2011, p.261).

Outro importante fator na formação dessa conjuntura eclesial é o pontificado de João Paulo II (1978 – 2005) durante o qual se deflagram grandes investimentos na recristianização do mundo e, ao mesmo tempo, em recursos tecnológicos e midiáticos, que resultaram no que Carranza (2011) chama de modernização antimoderna desenvolvida num contexto mundial globalizado.

Com a emergência da ordem social globalizada, no final do século XX, o catolicismo, segundo Casanova (2010), se organiza cada vez mais como uma entidade transnacional: com estrutura capilarizada pelo mundo, mas com processos administrativo e, institucionais centralizados. Para o autor, a globalização trouxe oportunidades de expansão do catolicismo por favorecer o ressurgimento e o fortalecimento de características transnacionais da cristandade medieval como a soberania da figura papal, a centralização e internacionalização do comando da Igreja; a convocação de concílios ecumênicos; a articulação de núcleos religiosos transnacionais; a atividade missionária por meio de escolas, centros de aprendizagem e redes intelectuais transnacionais; a consolidação de santuários como centros de peregrinação e a organização de movimentos religiosos transnacionais (CASANOVA, 2010, p 19).

A partir dessa organização global articulada. João Paulo II construiu seu pontificado dando vésão a um catolicismo intransigente que impõe linhas doutrinárias e orientação moral para a sociedade. Tal rigidez, segundo Carranza (2011), pode ser compreendida no sucessivo lançamento de documentos pelo Santa Sé que buscam instruir a Igreja do mundo inteiro a caminhar para o mesmo lado. No campo teológico, foram editadas diretrizes de orientação do fazer teológico na Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo (1990) e na encíclica *Fides et ratio*, Fé e Razão (1998), bem como a adoção de medidas disciplinares contra determinadas correntes de pensamento. A formação sacerdotal e o funcionamento dos seminários também foram objeto de uma exortação apostólica, a *Pastores dabo vobis* (1992), que se delineava a partir da ideia de um clero disciplinado e virtuoso, com reafirmação da valorização do sacerdócio.

Contudo, é com a publicação do Novo Catecismo da Igreja Católica, em 1993, que as bases doutrinárias do catolicismo são reforçadas. Com o Catecismo, tanto o clero quanto os leigos, mesmo espalhados pelas mais diversas realidades, passam

a ter acesso a uma mesma fonte uniformizada de referência doutrinal. Do ponto de vista moral, a publicação das encíclicas como *Veritatis Splendor*, Esplendor da Verdade (1993) e *Evangelium Vitae*, Evangelho da Vida (1995) são marcos da orientação moral da Igreja na virada do milênio, com posicionamentos contrários ao aborto, uso de métodos contraceptivos artificiais, eutanásia, adultério e homossexualidade. Dessa forma, o ideal de unidade disciplinar da doutrina e da moral se consolida cada vez mais como força atuante no catolicismo contemporâneo.

Além dessas dinâmicas de centralização, a atuação transnacional de João Paulo II também abarcou discursos universalizantes de defesa dos direitos humanos, de causas e projetos sociais. Com a crítica à racionalidade instrumental e ao progresso contemporâneo, o papa consegue popularidade entre jovens, intelectuais e agentes culturais. Tais fatores somados à prática de realizar inúmeras viagens internacionais, ser recebido por chefes de Estado e ser a atração principal de grandes eventos, reforça a imagem do papa como um cidadão universal. Já a presença constante da mídia nessas ações, além de fazer do papa uma figura “pop”, também consolidou a ideia da atuação midiática como uma forma de missão pastoral.

Diante desse panorama, a autora propõe o termo catolicismo midiático na tentativa de explicar o projeto que sustenta grande parte das investidas midiáticas católicas das duas últimas décadas. Assim, apesar de sua aparência tecnológica e inovadora, o catolicismo midiático se aproxima dos setores conservadores ao manifestar seus ideais de reinstitucionalização e de reforço das questões doutrinárias e morais e “ergue-se em zeloso guardião do intransigentismo, ou melhor dizendo, ele é a face modernizadora do catolicismo intransigente, responsabilizando-se por dar uma resposta certa às preocupações dos processos de descatolização sofridos pela Igreja” (CARRANZA, 2011, p.279).

3.2.1 Catolicismo midiático e uma cultura da mídia religiosa

Apesar do reconhecer o processo de secularização na sociedade como uma premissa para o projeto de reinstitucionalização acima descrito, também se faz necessário admitir a persistência da religião como capaz de mobilizar sentidos na contemporaneidade, como argumenta Hoover (2014). Mesmo com as previsões que

o progresso e o desenvolvimento científico viriam solapar o interesse e a necessidade por crenças institucionalizadas, a religião segue fazendo parte da vida das pessoas seja para o entendimento de importantes fatos globais, como os eventos de 11 de setembro de 2001, seja pela presença de temáticas espirituais em uma grande gama de produtos midiáticos.

O autor credita à mídia importante papel nesse processo ao configurar-se como um verdadeiro mercado de símbolos religiosos, para o qual os indivíduos se voltam na busca por espiritualidades que façam sentido. Por isso,

devemos dizer, então, que as mídias podem ao mesmo tempo ser uma fonte de religião e de espiritualidade, um indicador de mudança religiosa e espiritual e articulada em tendências religiosas e espirituais – transformando a religião por meio dessas interações e também sendo transformada por esse relacionamento (HOOVER, 2014, p. 48).

Nessa lógica de mercado, os indivíduos assumem mais a autonomia sobre suas próprias crenças e a religião passa a ser vista mais como resultado de escolhas pessoais que de filiações institucionais. Essa tendência denota um notável enfraquecimento das autoridades religiosas e um fortalecimento do papel cultural da mídia que é “a fonte dominante e definitiva do que é social e culturalmente importante na modernidade” (HOOVER, 2014, p.51).

É na mídia que circulam os discursos e os valores que mobilizam a sociedade, é através dela que se dão os debates mais abrangentes e é ela a fonte cultural compartilhada entre a maioria das pessoas. Diante desse poder da mídia sobre a cultura comum, a religião, normalmente, age de duas formas: se utiliza das potencialidades comunicacionais para difundir sua mensagem e critica os valores midiáticos e suas tendências antirreligiosas. Nessa postura ambígua de afastamentos e aproximações é que se mostram as contradições e tensões do relacionamento entre mídia e religião. Pois ao mesmo tempo em que as iniciativas religiosas na mídia se justificam pela tentativa de se reaproximar dos fiéis e recuperar a autoridade perdida, os formatos e protocolos midiáticos exigem adaptações as quais o discurso religioso precisa ceder para ser veiculado e entendido pelo público.

Para Hoover (2014), na maioria das vezes, as iniciativas midiáticas das instituições religiosas têm como foco demarcar fronteiras, evidenciando sua doutrina e tradição e diferenciando a mensagem religiosa das outras mensagens que

circulam na esfera midiática. Assim, mesmo figurando entre os discursos midiáticos, as mensagens religiosas podem continuar se integrando pouco ao repertório da cultura comum, por serem muito específicas e fechadas, atingindo apenas aquelas pessoas que já se consideram fiéis.

Por outro lado, há produtos midiáticos religiosos que visam exatamente transpor as fronteiras institucionais com o intuito de levar a mensagem de fé para públicos vastos e diversificados. Para tanto, é preciso se aproximar dos valores da cultura comum, mais homogêneos e consensuais, o que pode ser entendido como um processo de relativização:

muitas religiões desejam se expor e a sua verdade fala a públicos mais amplos. Aí reside o problema. Para fazer isso, devem atenuar algumas de suas bordas afiadas mais distintivas. O resultado é uma versão da religião que é necessariamente relativizada *vis a vis* em suas demandas centrais (HOOVER, 2014, p.58)

Entretanto, normalmente esse relativismo é aceito por produtores midiáticos, autoridades religiosas e fiéis como algo necessário para que a mensagem chegue mais longe e possa ser entendida “por quem realmente precisa”. Diante das dessas estratégias, a proposta de Hoover é que desse contexto emerge uma cultura midiaticizada da religião ou uma cultura da mídia religiosa (2014, p. 63).

O conceito de catolicismo midiático se relaciona diretamente com esse cenário de complexidades e ambiguidades ao ser cunhado por Carranza (2011) em pesquisa que teve foco empírico no estudo do padre cantor Marcelo Rossi como ídolo midiático e religioso. Com forte identificação com o movimento carismático, mas com sua ação institucional alicerçada sob a autoridade do bispo Dom Fernando Figueiredo da diocese de Santo Amaro/SP, Padre Marcelo alcançou o estrelado nacional por meio de músicas e coreografias conhecidas como “aeróbica de Jesus”. Entre os anos de 1998 a 2003, teve o auge da sua presença midiática lançando vários discos e livros, participando de programas de televisão das mais importantes emissoras do país e consolidando seus próprios programas nas TVs e rádios católicas, chegando até a estrelar filmes no cinema. Por meio de performances midiáticas que uniam experiências subjetivas da fé, discursos moralizantes e o arsenal simbólico tradicional da Igreja, a atuação do jovem padre constituída nas esferas urbanas, tecnológicas e midiáticas “sintetizou religiosamente um espírito de

época que lhe permitiu projetar-se como um dos estandartes de rejuvenescimento e modernização da Igreja” (CARRANZA, 2011, p.42).

Diante desse quadro, vale pontuar, como destaca a autora, o desenrolar do catolicismo midiático não acontece sem a insatisfação e tensões entre setores da Igreja. Enquanto alguns setores festejavam o atravessamento de fronteiras da mensagem religiosa e a sua aproximação a audiências mais abrangentes, alas mais progressistas da Igreja, criticavam o conservadorismo doutrinário e moral, bem como o distanciamento de pautas sociais.

Os apontamentos sobre o fenômeno padre Marcelo Rossi são muito pertinentes para que possamos entender o contexto da cultura da mídia religiosa brasileira no final da década de 90 e início dos anos 2000, período de grande interesse para esta pesquisa já que esses foram anos de consolidação da internet comercial no país. Quer dizer, enquanto a internet começava a fazer parte do cotidiano de muitas pessoas e instituições, a Igreja Católica vivia seu maior fenômeno midiático de impacto nacional na televisão e no rádio. Assim, a proposta de Hoover (2014, p.63) de se pensar o surgimento de uma cultura da mídia religiosa nos parece muito interessante. Isso porque, a ideia de uma cultura midiática religiosa permite em seu entendimento, uma visão histórica da relação entre mídia e religião, colocando em evidência que “objetos” religiosos-midiáticos não isolados ou totalmente novos, mas já podem ser considerados como constituintes de um repertório midiático religioso que vem se desenvolvendo desde as experiências religiosas nas rádios e na indústria fonográfica.

Para os objetivos dessa pesquisa, o contexto descrito evidencia a genealogia de pensamentos e ideais sobre o catolicismo, suas práticas e condutas, que dizem respeito diretamente às dinâmicas que marcam a experiência vivida por leigos católicos na internet. As recorrentes discussões sobre questões doutrinárias e morais, quase sempre argumentadas com referências explícitas a documentos da Santa Sé, permitem identificar nos leigos os mesmos ideais de uniformidade e disciplina do catolicismo intransigente. Da mesma forma, a presença constante da figura do papa nas discussões dos leigos, que demonstram diferentes opiniões e “níveis” de adesão a figura de cada pontífice, demonstram como o entendimento de igreja que organiza a vivência do catolicismo passa necessariamente por Roma, nem que seja para manifestar insatisfações perante essa condição.

Todo esse comprometimento dos leigos com o projeto de reinstitucionalização católico, parece acontecer de forma naturalizada, como sendo a única forma de ser verdadeiramente católico. Sendo assim, se Carranza (2011, p. 253) afirmava que o catolicismo intransigente era um projeto liderado pela hierarquia da Igreja, parece que temos indícios que nos possibilitam afirmar que atualmente esse tipo de catolicismo tem sua força no protagonismo dos próprios leigos.

Outro elemento que tem incidência direta nas dinâmicas que marcam a experiência dos leigos na contemporaneidade são a existência e a atuação dos movimentos eclesiais. Devido a relevância desse tema, trataremos dele mais especificamente na próxima seção.

3.3 MOVIMENTOS E LEIGOS

Os chamados “novos movimentos eclesiais” podem ser entendidos como correntes dentro da Igreja que se organizam como diferentes formas de viver o catolicismo – cada um com seu “carisma” próprio – ou seja, com um enfoque e sistemática de trabalho particulares dentro da grande missão da Igreja de evangelizar. Sendo assim, esses grupos são responsáveis por “diversificar” as opções de engajamento dos fiéis na Igreja como tentativa de diálogo com a sociedade contemporânea.

3.3.1 Geografia eclesial

O marco temporal normalmente associado ao período de surgimentos dos movimentos eclesiais é o Concílio Vaticano II (1962 – 1965) e é comum o entendimento desses grupos como sendo “frutos” do Concílio, entretanto, Carranza e Mariz (2009, p 142) chamam a atenção para o fato de que tal cenário já existia na Igreja pré-conciliar. Nesse sentido, a Ação Católica, fundada na Itália em 1867, é a expressão mais contundente desse contexto. Para Almeida, (2006, p. 297) a Ação Católica inaugurou “um novo modelo de apostolado, voltado para a renovação no campo social e, ao mesmo tempo, para a formação espiritual e cultural” buscando atuar, num primeiro momento, por meio da obediência à Santa Sé, do estudo do catolicismo como forma de enfrentamento do mundo moderno, da busca por uma conduta de vida condizente com a fé cristã e pela prática da caridade. Ao longo dos

seus 150 anos de história, a Ação Católica estendeu sua atuação por diversos países, comportou diversas correntes de pensamento e ficou conhecida, principalmente, pelo seu engajamento político.

No Brasil, dois momentos distintos marcam a atuação do movimento. Segundo Souza (2006, p.50), o primeiro momento, conhecido como Ação Católica Geral (de 1932 a 1950) é caracterizado pela atuação de leigos na política em prol da defesa dos valores cristãos. Já o segundo, a Ação Católica Especializada (de 1950 a 1960), é marcado pela atuação social de grupos como JAC (Juventude Agrária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica) e JOC (Juventude Operária Católica) que inauguram um novo modelo de pastoral com os jovens.

Apesar do grande impacto da Ação Católica na dinâmica eclesial brasileira, é no contexto do seu declínio que emergem os chamados novos movimentos eclesiais (Comblin, 1983, p. 234-244). De maneira geral, pode-se dizer que os novos movimentos eclesiais são organizações católicas internacionais, em grande parte surgidas na Europa, que se espalharam por vários países e apresentam grande articulação em suas ações. Além dessa centralidade organizativa, a fidelidade ao papa e o foco em atrair os “católicos não praticantes” são tomados como características desses grupos (CARRANZA E MARIZ, 2009, p. 143). No Brasil, dentre os movimentos que mais apresentam tais particularidades destacam-se: Opus Dei, de origem espanhola e fundada por Monsenhor Josemaria Escrivá; Caminho Neocatecumenal, também nascido na Espanha e iniciada por Kiko Arguello e Carmem Fernandez; Focolare, movimento italiano fundado por Chiara Lubich; Comunhão e Libertação, iniciado na Itália sob orientação de Dom Giussiani; Movimento Apostólico de Schoenstatt, de origem alemã que tem como fundador padre José Kentenich, Cursilhos de Cristandade, originados na Espanha, e a Renovação Carismática Católica que, apesar de ter origem nos Estados Unidos e não apresentar um fundador, compartilha das mesmas características dos outros movimentos. Sendo assim,

Os movimentos da Igreja podem ser vistos, atualmente, oscilando entre os efeitos da secularização e as potencialidades subjetivas da sociedade do consumo. De um lado, com temor e tremor perante a concorrência moral que supõe estilos de vida pautados pelo consumo, do outro lado, tentando deflagrar processos de reinstitucionalização que lhe permitam retomar a hegemonia sociocultural de antes (CARRANZA, 2011, p. 32).

Dessa forma, como já pontuado na seção anterior deste texto, os movimentos eclesiais são um dos tripés que sustentam o projeto de recatolização do qual o catolicismo midiático faz parte. Contudo, apesar de serem um fenômeno que mobiliza grande parcela de fiéis na atualidade, o engajamento em um movimento não é a única opção para quem quer se envolver mais com a Igreja. Outras propostas de participação e vivência do catolicismo continuam atuantes na geografia eclesial. Nesse sentido, Carranza (2011) ressalta a importância do catolicismo progressista e do catolicismo paroquial como projetos diferentes daquele apresentado pelos movimentos eclesiais.

O catolicismo progressista pode ser entendido como oposto ao catolicismo intransigente. Organizado a partir da Teologia da Libertação, que entende a vivência da mensagem evangélica a partir de uma opção preferencial pelos pobres, o catolicismo progressista se caracteriza por suas pautas sociais e por sua organização por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e dos movimentos sociais. Por sua inspiração de base marxista, a Teologia da Libertação historicamente foi motivo de controvérsia dentro da Igreja, já que declarações de condenação à doutrina comunista/socialista constavam em documentos papais desde o final do século XIX⁶. Nessa perspectiva, em 1984, o Vaticano publicou a “*Libertatis nuntius* - Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação” em que alertava para “os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerentes a certas formas da teologia da libertação que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista”. Tais declarações oficiais da instituição sustentam tensões e disputas entre diferentes setores da Igreja até hoje e afetam diretamente o contexto em que se insere essa pesquisa.

Já o catolicismo paroquial, segundo a autora, se encontra nas imediações do catolicismo progressista e se mantém pelos esforços da hierarquia e de alguns leigos que se engajam em propostas institucionais. Normalmente, é no contexto das paróquias e dioceses que se tenta aplicar os projetos de evangelização e outras campanhas propostas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, muitas vezes

⁶ Encíclica *Qui pluribus* (Pio IX, 1846) Encíclica *Quod Apostolici muneris* (Leão XII, 1878), Encíclica *Quadragesimo anno* (Pio XI, 1931), Encíclica *Divinis Redemptoris* (Pio XI, 1937), Encíclica *Mater et Magistra* (João XXIII, 1961).

com pouca adesão. Diante dessa dificuldade de envolver e comprometer os fiéis, Carranza (2011, p. 278) pontua que o catolicismo paroquial é pressionado pelo projeto de reinstitucionalização, ao qual se alinham os movimentos eclesiais e o catolicismo midiático, a adotar uma perspectiva de pastoral de massa, ou seja, que se pauta mais pelo número de fiéis ou de público, do que por um processo de pertencimento e protagonismo dos leigos na vida da Igreja.

A descrição desse contexto eclesial ajuda a compreender as diferentes propostas de engajamento que o leigo encontra na igreja do Brasil. Para além das dicotomias entre setores mais progressistas ou mais conservadores, para essa discussão, o interessante é tentar analisar quais perspectivas de ação cada uma dessas realidades apresenta para o leigo. Obviamente, um delineamento como esse, para ser preciso e atualizado, demanda grandes esforços de análise e pesquisa. Contudo, de maneira geral, arriscamos aqui uma rápida descrição de tais propostas. O catolicismo paroquial apresenta aos leigos possibilidades de ações mais centrada nas necessidades e desafios da comunidade ligada a uma paróquia e diocese, ou seja, normalmente um trabalho com fronteiras geográficas bem marcadas e coordenado pelo clero. Catequistas, ministros extraordinários da eucaristia, membros das diversas pastorais (criança, saúde, família, jovens pessoa idosa, dízimo, ação social) músicos, cantores, leitores, líderes dos conselhos paroquiais são algumas das funções que podem ser exercidas por leigos e que, sob a coordenação de padres, possibilitam que a dinâmica da paróquia aconteça.

Já nas Comunidades Eclesiais de Base, unidade primordial do catolicismo progressista, o leigo atua em grupos não muito numerosos, que agrupam pessoas geograficamente próximas, e que se caracterizam pela organização pouco hierarquizada, não centralizada e não homogênea e que não depende de ministros ordenados para acontecer. Para o leigo, a perspectiva de atuação é aquela que “articula o seguimento de Jesus com a luta em favor da transformação da sociedade” (TEIXEIRA, 2002), acontecendo principalmente através dos movimentos sociais e de pastorais específicas que unem, em sua ação, religiosidade e ativismo social.

Por fim, no catolicismo dos movimentos, os leigos também possuem significativo espaço de atuação, visto que a organização de seus grupos, na maioria das vezes, não se centra na figura de um padre. Isso significa que, apesar dos movimentos terem características de hierarquização de sua estrutura, centralidade

de coordenações e decisões e, a tutela de clérigos, a atividade de seus grupos não dependem da pessoa do sacerdote para acontecer. Outra questão a ser pontuada e que, tanto os movimentos eclesiais como a CEBs, são espaços que propiciam o surgimento de lideranças leigas que passam a encabeçar importantes iniciativas na Igreja e na sociedade. Nesse contexto, os leigos desempenham atividades ligadas a evangelização, formação doutrinária, trabalhos sociais e funções organizacionais de manutenção das estruturas e dinâmicas do próprio movimento. Conforme já descrito anteriormente, a perspectiva de atuação dos movimentos entende a vivência da fé pela afirmação da identidade católica que passa a estruturar todos os outros aspectos da vida.

3.3.2. Do fiel para o leigo

Almeida (2006) ao construir uma abordagem histórica do leigo na Igreja Católica, apresenta seis dimensões da atuação do laicato na contemporaneidade. Essa proposta do autor se mostra útil para que o entendimento sobre a atuação do leigo não fique muito segmentada pelas diferenças entre o catolicismo dos movimentos, o progressista e o paroquial, já que, as dimensões pontuadas pelo autor tendem a ser transversais a todos os setores eclesiais.

A dimensão comunitária e participativa diz respeito as funções que os leigos assumem na dinâmica diária da Igreja. A coordenação de comunidades, grupos e pastorais, além da participação em comissões e conselhos paroquiais e diocesanos oportunizam aos leigos o engajamento em processos organizacionais e consultivos da vida da Igreja local. Nesse contexto, destaca-se a criação na década de 1990 do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, organismo representativo dos leigos na CNBB.

A dimensão missionária da atuação dos leigos se refere à evangelização. São incluídas nessa dimensão as atividades de visitação às famílias, pregação do evangelho e demais esforços de difusão da espiritualidade e doutrina e em prol de novas conversões. Dessa forma, os leigos atuam tanto na missão *ad intra*, ou seja, dentro da Igreja, trabalhando entre pessoas já católicas, como na missão *ad gentes* – aos povos, buscando difundir a mensagem evangélica para novas audiências.

Na dimensão bíblico-catequética, se encontram os trabalhos que envolvem a formação, o estudo e a reflexão em torno da fé e da doutrina. O número de leigos

que exerce funções de catequistas, formadores bíblicos, formadores pastorais e líderes de grupos de reflexão e estudo é tão expressivo que possivelmente essa dimensão da atuação da Igreja não conseguiria ser executada sem eles.

Já a liturgia, apesar de ser uma dimensão eminentemente clerical, também envolve pessoas não consagradas em serviços bem diversificados. Em paróquias e dioceses, os leigos fazem parte das equipes de formação litúrgica e de celebração, nesta última, desempenhando funções como animadores, músicos, cantores, leitores, ministros e acólitos e, em algumas situações, como responsáveis pela celebração da Palavra de Deus, do batismo, do matrimônio e das exéquias.

A dimensão sociotransformadora, se refere ao papel do leigo como presença cristã no mundo, contemplando a atuação do leigo através do seu testemunho cristão nas diversas realidades: trabalho, escola, família, sindicato, partidos políticos, associações, meios de comunicação entre outros. Além disso, a dimensão sociotransformadora também diz respeito a atuação dos leigos nas várias pastorais e serviços que buscam responder de forma direta às mais variadas demandas sociais.

Por fim, a dimensão ecumênica se refere aos investimentos no diálogo entre as diferentes religiões, principalmente as diferentes denominações cristãs. Apesar dos esforços nesse sentido ainda serem um tanto incipientes, atitudes institucionais como a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e as Campanhas da Fraternidade ecumênicas dão indícios da relevância desse tipo de atuação.

As seis dimensões acima destacadas indicam pontos em comum na atuação do laicato, pois, seja nos movimentos eclesiais, nas CEBs ou nas paróquias dificilmente um leigo atuante passará a sua “caminhada” sem se envolver, mesmo que superficialmente, em atividades ligadas a catequese, liturgia e missão, por exemplo. E se é incentivado a se engajar em tais atividades, conseqüentemente, precisa ter certo grau de domínio sobre o assunto. Diante disso, parafraseando a pergunta de Almeida (2006), estamos falando de “leigos em quê”?

Se considerarmos o significado mais usual da palavra, leigo é adjetivo usado para qualificar aqueles que são estranhos, ignorantes ou pouco letrados em algum assunto ou profissão. Contudo, como questionaram meus colegas de doutorado na nossa primeira aula do curso, quem se dedica a um trabalho religioso confessional, seja vinculado a uma comunidade ou grupo, seja de forma autônoma na internet, já não se encaixa na definição de “leigo no assunto”. E realmente, não é a esse sentido

de leigo que se refere essa pesquisa. Também não limito o conceito de leigo apenas à condição de quem não é membro da hierarquia consagrada da I

greja. Nesse estudo, o termo leigo indica, “pertença ao povo e distinção em relação aos chefes do povo” (ALMEIDA, 2006, p. 19). Quer dizer, ao mesmo tempo que o leigo é alguém engajado com o catolicismo (não estranho a ele) e conhecedor de sua doutrina (não ignorante a ela), é também aquele que constrói seu senso de pertencimento a Igreja pela sua condição de batizado e pela sua fé, não pelo sua “ordem de consagração”. A ideia de leigo carrega assim sentidos de envolvimento, pertença e prática. Vale ressaltar aqui que, o caráter ativo do conceito de leigo tem sido enfatizado pelos documentos da Igreja como a Exortação *Christifideles Laici* (1988, n. 42 e 59), que afirma o papel dos leigos como sujeitos ativos na Igreja e no mundo, e o Documento de Aparecida (2007, n.497) que, além de nomear todos os batizados como discípulos missionários, também compreende o leigo como sujeito eclesial, ou seja, como aquele que tem consciência de ser Igreja e não apenas pertencer a ela. Assim, a ideia de leigo como sujeito eclesial parece trazer consigo o entendimento de que a vivência da religião, para esses sujeitos, inclui a vivência da instituição eclesial, seja pelo engajamento prático nas dinâmicas da Igreja, seja pela participação no debate em torno dos posicionamentos e tendências institucionais. Dessa forma, se diferenciaria o leigo, sujeito eclesial, do fiel, sujeito religioso, que costuma restringir sua vivência do catolicismo mais a aspectos espirituais e devocionais.

No contexto desse trabalho, pontuar a diferença entre leigo e fiel colabora para o entendimento do próprio catolicismo midiático na perspectiva de compreender a continuidade e os desdobramentos desse projeto. Se nas análises realizadas a partir da trajetória do padre Marcelo Rossi, como fenômeno majoritariamente televisivo e centrado na figura do sacerdote, o fiel era caracterizado por sua “espiritualidade emocional promissora” (CARRANZA, 2011, p.115), em O Catequista, os leigos por meio do enfrentamento da sociedade contemporânea e da apologética, mostram postura ativa ao vivenciar e reafirmar a sua catolicidade.

Contudo, essa “mudança de status” do fiel “consumidor” para o leigo “produtor” do catolicismo midiático, apesar de indicar uma nova faceta do fenômeno, também evidencia suas continuidades, principalmente em relação aos ideais de recatolização da sociedade. E nesse ponto, vale retomar a importância dos movimentos eclesiais para a construção desse cenário. Os movimentos se

constituíram em espaços propícios nos quais os leigos puderem desenvolver e ampliar a sua atuação na Igreja. A perspectiva de atuação leiga promovida pelos movimentos pode ser entendida como fomentadora de um protagonismo fundamental para que o quadro atual de iniciativas midiáticas encabeçadas por leigos na internet fosse possível. Mesmo que muitos dos leigos produtores de conteúdo católico na web não tenham nenhum tipo de ligação com esses movimentos, a ação desses grupos criou condições e mostrou caminhos para que as iniciativas independentes na rede fossem aceitas dentro da dinâmica eclesial.

Outra questão que merece atenção é a continuidade da proposta de reinstitucionalização católica na atuação digital de significativa parcela de leigos. Sobre isso, parece ser possível inferir que, se os movimentos foram como uma escola para o protagonismo leigo na Igreja, a perpetuação de seus ideais seria a herança desse aprendizado. Levando em consideração que a maioria dos leigos que usam a internet foram socializados em uma realidade eclesial permeada pela ação dos movimentos, é de se esperar que muitos deles tomem para si os mesmos posicionamentos morais, doutrinários e objetivos institucionais.

Com o trajeto percorrido até aqui, buscamos desenvolver a ideia de que o conceito de catolicismo midiático também pode ser tomado como base explicativa para a atuação na internet da parcela de leigos a que essa pesquisa se dedica. Na próxima seção, buscaremos abordar as implicações teóricas que essa abordagem traz para as discussões que tratam das mudanças mais amplas trazidas pela imbricação entre religião e mídia.

4 PRÁTICAS DE CONSUMO DE INTERNET E A EXPERIÊNCIA DOS LEIGOS

4.1 CONSUMO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Refletir sobre a experiência religiosa na contemporaneidade ou sobre o catolicismo midiático, de forma mais específica, é referir-se a uma vivência religiosa que, atravessada por objetos e materialidades, adquire forma e concretude que moldam o seu consumo. Tanto o consumo da tecnologia, como o de conteúdos religiosos na internet criam e mantem relações entre os leigos que ficam evidentes e deixam rastros. Na internet podemos inferir marcas sobre quais livros os fiéis leem, quais sites acessam, quais perfis seguem nas redes sociais e tudo isso parece formatar relações e fazer parte da experiência de fé. Nessa perspectiva e, a partir das teorias do consumo, minha aposta é que entender a experiência religiosa na internet como uma experiência de consumo, não esvazia nem corrompe a vivência da fé, mas desentranha sentidos que ajudam a entender o fenômeno religioso contemporâneo.

4.1.1 Teorias do consumo e midiatização da religião

O conceito de midiatização da sociedade traz em seu arcabouço a ideia de mercado. Como explica Sodré (2002), a mídia atua para “requalificar a vida social, desde costumes e atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia e do mercado” (2002, p.26). Dessa forma, falar na relação religião e mídia é quase que pressupor que a religião se torna um produto ofertado em diversos formatos a fiéis que consomem discursos religiosos como quem escolhe entre opções de um cardápio ou de uma prateleira de supermercado. Além disso, a midiatização da religião impulsiona o atravessamento da experiência religiosa por objetos e pela experiência do consumo. Livros, cds, DVDs, camisetas, acessórios, terços, bíblias, imagens de santos e uma infinidade de bens materiais fazem parte do cotidiano dos fiéis e dão sustentação a projetos religiosos midiáticos como os de cantores e bandas confessionais, pregadores, blogueiros e *youtubers* cristãos.

Para alguns pesquisadores, essa relação é vista como um esvaziamento da religião como tal, pois o mercado é entendido como um vetor de secularização da experiência religiosa. Nessa perspectiva, algumas análises entendem que a

mediatização do sagrado e a sacralização da mídia giram em torno de interesses mercantis e, portanto, o sistema capitalista seria o responsável por unir, de forma definitiva, os grupos religiosos e os meios de comunicação eletrônicos:

a dupla relação mídia religiosa e religião midiática, promove a transformação da religião em mercadoria e dos fiéis em consumidores consumíveis, uma vez que na mesma medida em que consomem produtos sagrados, se tornam em produtos mercadorias imagéticas consumíveis. Embora aparentemente ambíguo, o ser religioso e o consumista buscam a mesma realidade: o resgate do sentido de pertença, a inclusão comunitária (MIKLOS, 2010, p. 47)

Sob essa ótica, mesmo que a mídia potencialize a construção de novas formas de sociabilidade religiosa, tais vínculos estariam submetidos a lógica de mercado e a mediatização da religião ao invés de gerar engajamento resultaria em incomunicação.

Contudo, uma visão menos pessimista sobre o consumo e menos totalitária da influência da mídia na religião permite perceber que as apropriações religiosas da mídia e as apropriações midiáticas da religião não resultam no total esvaziamento das instituições e práticas religiosas tradicionais, mas revelam tensões e reconfigurações de experiências e sociabilidades religiosas. Miller (2013) adverte que uma postura de simples oposição aos objetos materiais e ao consumo por questões morais pode distorcer nossa visão sobre a humanidade. As coisas que nos cercam não nos fazem corrompidos de nossa “pureza original” nem tornam menos autêntica a nossa condição humana. Pelo contrário, prestar atenção em nossa materialidade fundamental é a melhor maneira de entender, transmitir e apreciar nossa humanidade (MILLER, 2013, p. 10). Em relação à experiência religiosa, o autor também contraria a ideia de oposição entre material e espiritual, destacando que, não apenas os objetos materiais possuem importância por sua economia própria de sacralidade e culto, como o conceito de materialidade tem lugar central na definição e diferenciação entre uma crença e outra.

O hinduísmo e o budismo, por exemplo, centram suas teologias em uma crítica a materialidade. A meta é transcender o que aprisiona e ilude. Já o cristianismo, a princípio, não tem uma visão dicotômica sobre a materialidade suportando, inclusive, que o próprio Deus, que no início era O Verbo, pura imaterialidade, se fizesse carne e habitasse entre os homens. Contudo, essa relação com a materialidade varia dependendo da teologia dentro do próprio cristianismo. Na

raiz do protestantismo histórico, estão discussões sobre materialidades e imaterialidades, como nova postura em relação a hóstia e ao vinho usados nos ritos, tomados apenas como simbologia em oposição à crença católica na transubstanciação. A relação com a iconografia também é outro ponto de divergência entre os cristãos. Enquanto no catolicismo imagens religiosas são objeto de devoção e culto, entre os protestantes essa prática é encarada como idolatria. E dentro do próprio segmento evangélico, correntes mais recentes como a Teologia da Prosperidade apregoam uma total aceitação da materialidade devido ao entendimento da manifestação das bênçãos divinas por meio do sucesso financeiro e o bem-estar material, a ponto de ser chamada de religião do consumo (BRONZTEIN, 2014, p.125).

Diante das diferentes abordagens teológicas, chama a atenção a necessidade que o imaterial tem do material para se expressar. Sendo assim, refletir sobre as dinâmicas de consumo que constituem a experiência religiosa da contemporaneidade não significa diminuir tal experiência a uma troca mercadológica esvaziada, individualista e massificada. Pelo contrário, a relevância do conceito de consumo para este trabalho está sobretudo no seu entendimento como um sistema de significação, na sua capacidade essencial de conferir sentido.

Dessa forma, o entendimento do consumidor como aquele que almeja construir um universo inteligível com os bens que escolhe (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004, p.113), corrobora para a compreensão de que, mesmo dentro de uma única religião, a prática religiosa se dá, em certa medida, pelo consumo do conteúdo religioso disponível para livre escolha. Quando o leigo escolhe participar de uma paróquia e não de outra, vincular-se a um movimento e não a outro, ser devoto de um santo e não de outros, ele busca construir um universo de sentido coerente com as suas necessidades e percepções. Da mesma forma, ao escolher consumir conteúdo religioso em blogs ou em memes no Facebook em detrimento a uma show-missa ou a um programa de auditório com temática devocional, diferentes sentidos são construídos. Isso porque a escolha dos bens cria padrões de diferenciação que podem ser interpretados em diferentes perspectivas e hierarquias, dependendo do contexto cultural e dos propósitos sociais e humanos. O consumo é uma produção conjunta de um universo de valores que “usa os bens para tornar firme e visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluidos de

classificar pessoas e eventos” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004, p. 115). O consumo gera sentidos de diferenciação e classificação.

Dessa forma, umas das características da midiática da religião apontadas por Cunha (2016), a consolidação da religião do espetáculo, evidencia a transformação do consumo e do entretenimento em operadores religiosos. A formatação da experiência religiosa nos moldes dos espetáculos midiáticos, com cada vez mais apelos emocionais e sensoriais, e a busca pela tecnologia e profissionalismo, aliada a incorporação de produtos midiáticos e de entretenimento como shows, clipes, turnês, novelas, *talk shows*, games e memes, segundo a autora, se constitui em uma forma cultural de modernização da religião e de combate ao imaginário que associa o crente cristão a uma imagem ultrapassada e careta.

No caso de O Catequista, fica evidente o intuito de se fazer um trabalho diferenciado de outras propostas católicas, buscando ser mais atrativo e conectado com a modernidade. Conforme já pontuei em trabalho anterior (FLORES DA ROSA, 2016), os catequistas entendem que apesar de haver muitos sites dedicados à religião, falta conhecimento sobre a internet para realizar um bom trabalho. Na opinião de Viviane, muitos sites católicos têm um bom conteúdo, mas não são atraentes, principalmente para os jovens. “A linguagem era muito católica...digo pejorativa assim porque era catoliquês mesmo, porque falava uma coisa que o jovem, ou o jovem médio, ou quem tá iniciando na fé católica não alcança”. Nesse ímpeto de ‘traduzir’ o conteúdo católico para uma linguagem coloquial e atraente, os blogueiros usam o humor como um dos seus principais recursos. Além do tom jocoso, a proposta de experimentação de O Catequista também visa explorar profissionalmente as possibilidades do blog como um empreendimento de comunicação e marketing. Eles procuram evitar “aquela cara de pastoral improvisada” para mostrar que “um site de catequese pode ter a mesma qualidade dos melhores sites de notícias”. Alexandre, como profissional de Tecnologia da Informação com atuação em gerenciamento de projetos, e Viviane, como profissional de Design Instrucional trabalhando com educação corporativa, aplicam os princípios de suas profissões no blog, buscando proporcionar aos leitores uma experiência de encantamento com a proposta. Para Alexandre:

Muitos negócios procuram pelo "Wow Factor". Costumo dizer que em O Catequista buscamos 3 "Uaus": 1) A aparência: Quando a pessoa entra e diz "Uau! Que site bacana! É católico? Existe site católico assim?"2) O estilo: ao ler os posts a pessoa diz "Uau! Olha só como esses caras falam! São malucos! Tô morrendo de rir."3) O conteúdo: depois de ler pensa "Uau! Nunca tinha olhado a Igreja desse ponto de vista (ALEXANDRE).

A fala do blogueiro, ao destacar a importância que os "Uaus" tem para a experiência religiosa na internet, ilustra a capacidade do consumo em suprir nossas necessidades simbólicas. Rocha (2004) ressalta que o consumo pode ser entendido como um código através do qual são traduzidas muitas relações sociais, permitindo classificar o mundo a nossa volta. Nesse sentido, é a cultura de massa que torna esse código viável, pois é através da mídia, do marketing e da publicidade que o código do consumo se torna conhecido de toda a sociedade e pode gerar sentidos e valores que são compartilhados. Assim, o código classifica a produção e cria processos permanentes de socialização para o consumo. "A cultura de massa – mídia, marketing, publicidade – interpreta a produção, socializa para o consumo e nos oferece um sistema classificatório que permite ligar um produto a cada outro e todos juntos às nossas experiências de vida" (ROCHA, 2004, p. 17). Consumir é produzir sentidos.

As estratégias de marketing de O Catequista sugerem que a produção de conteúdo do blog pretende ser interpretada como bacana, divertida e inteligente. No código classificatório do consumo, quem consome algo assim também pode ser interpretado como alguém bacana, divertido e inteligente. Entretanto, o adjetivo central almejado no projeto de O Catequista é o de "verdadeiro" católico. As evidências e justificativas que dão sustentação a essa constatação são complexas e pretendem ser desenvolvidas em diversos momentos ao longo desse trabalho. Por hora, detenho-me a um dado do campo de pesquisa que julgo ilustrativo da capacidade do consumo de gerar classificações. Ao longo de sua trajetória, no ímpeto de explicar a fé, apontar erros e mostrar a verdade, os catequistas cunharam uma expressão que acabou se tornando gíria entre os católicos na internet. A ideia de "católico jujuba" ou "jujubinha" foi criada para designar os fiéis que, segundo os blogueiros, não têm sustentação em sua fé e, por isso, são classificados como "meio moles" e "muito adocicados". Entendidos como aqueles que não se interessam pelos fundamentos doutrinários da fé, que pautam sua vivência religiosa mais por questões devocionais, sentimentais, subjetivas e, principalmente, que não

concordam com discussões que envolvam moral e religião, os jujubas são caracterizados pelo uso recorrente do versículo bíblico “não julgueis e não sereis julgados” (Mt 7,1 e Lc 6,37) como argumento na maioria das discussões.

Figura 4: Montagem com meme de O Catequista e camiseta “Não jujubeis”.



Fonte: www.ocatequista.com.br e www.loja.colodedeus.com.br

As imagens acima ilustram como a ideia de “católico jujuba” costuma ser usada. O meme coloca em destaque a dita contradição de quem se diz católico, mas não seria capaz de concordar com a doutrina católica, principalmente, quando se trata de questões que incidem na vida prática dos fiéis. No exemplo, um “jujuba” se pronuncia com a frase “não julgueis” para discordar de Jesus que expõe a doutrina sobre a indissolubilidade do matrimônio, vigente até hoje na Igreja Católica. Já a segunda imagem, mostra uma camiseta comercializada na loja virtual da comunidade católica Colo de Deus, com uma aplicação da ideia do jujuba para reafirmar a legitimidade da prática da “exortação”, conceito bíblico que se refere a falar a verdade, corrigir. Nesse contexto, não ter medo de exortar é não “jujubar”. O uso recorrente da expressão tanto pelos blogueiros, como por seus leitores e por outras páginas católicas na internet, indica que o consumo de conteúdo de O

Catequista e de outras iniciativas similares se apresenta como elemento que distingue alguns católicos de outros. Ao classificar os católicos jujubas, os blogueiros e seus leitores se colocam como diferentes desses e buscam reforçar o conceito que têm de si mesmos como católicos mais instruídos e firmes.

Se a atuação de O Catequista comporta dinâmicas de mercado como posicionamento da marca e vinculação a uma comunidade de consumidores, isso não é indício de uma experiência superficial e fútil. A variedade de sentidos, conceitos e classificações que giram em torno da atuação do blog evidenciam como o consumo é um operador relevante para a construção de uma compreensão da mediatização da religião cada vez mais próxima da experiência vivida na contemporaneidade.

4.1.2 Usuários, fiéis, leigos: consumo como instância criativa

Com grande frequência, o consumo é associado a ideias de passividade e disciplina. Ao se referir ao consumo midiático, a ideia do leitor, ouvinte, telespectador como alguém que apenas absorve uma infinidade de produtos e mensagens parece ainda mais consolidada. Contudo, produção e consumo não são instâncias estanques, isoladas e lineares, mas práticas imbricadas e relacionais. O processo de produção de algo pressupõe o consumo de diversos outros itens. E o processo de consumo dá margem para a criação de novos usos e significados de bens materiais e simbólico.

Segundo Barbosa e Campbell (2006, p. 24) o estudo do consumo passou a dizer respeito também ao uso, fruição e ressignificação de bens e serviços e não só ao esgotamento de bens materiais. Essa ampliação no entendimento do consumo e a aplicação do conceito a esferas em que antes sua presença não era percebida ou até sofria de desqualificação, como a religião, confere a esse conceito função e importância de um dos mais relevantes mecanismos de reprodução social do mundo contemporâneo.

O consumo deixa de ser entendido apenas como uma etapa subsequente da produção e passa a ser visto como uma instância criativa que gera apropriações e ressignificações como postula De Certeau:

Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como “consumo”, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas piratarias, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos (DE CERTEAU, 2013, p. 88).

Nesse panorama, a internet não é só mais um canal de distribuição de conteúdo ou um novo formato de produto, mas uma promessa de maior interação e atuação para os consumidores. Os princípios de funcionamento da internet (LEMOS, 2010), liberação do polo de emissão, conexão e recombinação - abrem uma vastidão de oportunidades, pois qualquer um pode ser o emissor, produzir informação, que, quando compartilhada e conectada com a produção de outros, ganha novas possibilidades de criação e recombinação. Da mesma forma, com a tecnologia digital, pela primeira vez, os traços deixados pelos consumidores no decorrer das suas escolhas são visíveis e disponíveis para quem quiser acessar. Os comentários, compartilhamentos, avaliações, sátiras, memes e montagens postados na internet são as marcas deixadas pelos consumidores e que permitem a leitura e análise sobre suas escolhas e os sentidos por elas mobilizados.

Contudo, apesar de promissores, tais princípios não garantem em si mesmos que os processos comunicacionais e as atuações construídas em ambientes digitais sejam mais interativas ou colaborativas. Conforme argumento em outro texto (FLORES, 2015), é interessante observar como diferentes espaços digitais proporcionam diferentes experiências, mesmo quando se trata do mesmo domínio da vida. No caso da religião, essa diferença é bem evidente. Em sites e portais de paróquias, comunidades, movimentos, santuários e congregações religiosas, por exemplo, a experiência de fé se dá por cliques e comentários que movimentam o conteúdo ou o sistema informacional que sustenta a interface. Já em plataformas em que o sistema e a funcionalidade são padronizados, como o YouTube e o Facebook, por exemplo, a produção, a conexão e a recombinação parecem ser o mais relevante. Partindo dessa percepção, entender melhor as diferentes ofertas de experiência religiosa na internet, colabora na compreensão das práticas de consumo de conteúdo religioso possíveis em cada iniciativa. Para tanto, trago aqui uma retomada de pesquisas recentes de mestrado e doutorado sobre cristianismo e internet, tentando evidenciar como a mudanças tecnológicas e de consumo da

própria internet refletem em mudanças no entendimento sobre o consumidor de tais empreendimentos religiosos digitais.

Das pesquisas analisadas, aquelas realizadas no começo da década de 2010 trazem como foco de estudo os processos de transformação sofridos por rituais e práticas religiosas quando experimentadas a partir de interfaces digitais, principalmente sites católicos criados e mantidos por congregações, santuários, comunidades ou padres. Nesse sentido, análises de como se dá o funcionamento e a interação com o sagrado tornam-se recorrente.

Miklos (2010) ao observar os serviços de velas virtuais presentes no site do Santuário de São Frei Galvão e do terço virtual disponível no site da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, chama a atenção para as modificações e similaridades entre as práticas em contextos on-line e off-line. O autor discorre sobre a possibilidade que o fiel tem de acompanhar a sua vela virtual, já que essa permanece “acesa” por sete dias, e de tornar públicas as graças alcançadas através de um espaço de comentários do site. Sobre a prática do terço virtual, os pontos ressaltados são as tentativas de aproximação entre a experiência tradicional de reza do terço e a virtual, já que, durante a oração do terço virtual a imagem do rosário vai se movimentando na tela do computador. Esse movimento objetiva simular o que o objeto faria na mão do fiel ao ser manuseado.

Para o autor, que apresenta uma conceituação de consumo diferente daquela tomada nesse trabalho, as velas e os terços virtuais são regidos por lógicas religiosas de produção de sentido e de evangelização, mas essas são modificadas por lógicas de consumo, que organizam e transformam os ritos tradicionais por orientá-los para os desejos de indivíduos consumistas. A perda da “aura” de velas e terços e a ausência do corpo nos ritos virtuais é entendido por Miklos (2010, p.103) como “atitude política com relevos mercadológicos”, que afasta a experiência religiosa de sua ligação original com o sagrado, restando para o fiel uma experiência meramente de consumo.

Já Aguiar (2010) descreve o portal oficial da Santa Sé, destacando a interação das visitas virtuais nas capelas e basílicas papais e, ao analisar o site da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, também acaba por se deter no serviço de velas e terço virtual. Entretanto, diferentemente do que afirma Miklos, Aguiar entende que velas, terços e peregrinações não perdem sua originalidade ao serem digitalizadas pelo valor de representação da iconografia católica. Mesmo

percebendo a pouca abertura dos sites católicos para processos colaborativos, o autor considera a presença católica nas redes como rica em possibilidades interativas, principalmente quando comparada a outras religiões por ele analisadas. Sua conclusão é que o nível de experimentação católico na web é moderado e que a condição espiritual que a cultura digital mais favorece é a da *New Age*⁷.

Com análise mais processual que as anteriores e já refletindo usos, a dissertação de Sbardelotto (2012) também discute a comunicação e a experiência religiosa na internet, a partir de pesquisa desenvolvida em sites católicos como: CatolicaNet, Irmãos do Sagrado Coração de Jesus – Província do Paraná, Santuário de Nossa Senhora Aparecida e padre Reginaldo Manzotti. A interação entre o fiel e o sagrado é estudada em três níveis: interface interacional, interação discursiva e interação ritual. As modificações nessas interações são responsáveis por proporcionar ao fiel uma experiência religiosa caracterizada por novas temporalidades, novas espacialidades, novas materialidades, novas discursividades e novas ritualidades. De forma extensa e detalhada, o autor descreve essas modificações em cada nível de análise.

No nível da interface interacional são levados em consideração elementos gráficos e tecnológicos como os menus que organizam as informações, os cursores e os botões que possibilitam ao fiel interagir com os conteúdos, até os equipamentos periféricos como a tela, o *mouse* e o teclado. Nesse sentido, o fiel está exposto a liberdades e limitações pela interface interacional já que, mesmo podendo escolher inúmeras possibilidades de links para clicar, suas escolhas sempre estarão limitadas às opções que o próprio sistema definiu previamente. Outro ponto relevante é que por meio de técnicas gráficas e efeitos visuais e sonoros, o sistema do site pode mesclar elementos criados por computação, como “bênçãos luminosas” que saem imagem de Nossa Senhora Aparecida, com elementos que referenciam experiências não digitais, como a imagem da vela acesa que derrete com o passar do tempo. Todas essas estratégias, segundo o autor, constroem novas materialidades do sagrado na internet.

Sobre as interações discursivas, são analisados serviços como pedidos de oração, intenções de missa e novenas que, normalmente, funcionam através do espaço de comentários do site, no qual o fiel pode deixar registrado na forma de

⁷ Movimento que tem como característica uma fusão de ensinamentos metafísicos, vivências espiritualistas, animistas e paracientíficas com uma proposta de um novo modelo de consciência moral, psicológica e social.

texto a sua oração. Nesse sentido, Sbardelotto postula que através do discurso várias interações são possíveis.

A primeira a ser descrita é a interação entre o sistema do site e o fiel. O fiel é interpelado e guiado pelo sistema a tomar decisões para prosseguir com sua experiência religiosa digital através de convites e orientações como “clique aqui”, “acesse”, “reze”, “prossiga”. O sistema do site também molda a atuação do fiel pela limitação do número de caracteres nos espaços para comentários e pela política de moderação que, normalmente, apaga textos considerados inadequados ou desrespeitosos.

Outro tipo de interação discursiva possível é a do fiel com um outro. Esse outro pode ser o próprio sagrado, quando o fiel usa os espaços de comentários para escrever dirigindo-se diretamente a Deus ou aos santos. O outro também pode ser uma outra pessoa, com a qual o fiel interage ao menciona-la diretamente em seus comentários, principalmente fazendo preces direcionadas às suas causas. Nessas suas práticas discursivas, segundo o autor, o fiel constrói a experiência religiosa por meio de sua própria narrativa e também constrói “experiência para os outros” ao publicizar e compartilhar com os demais usuários da rede seus relatos.

O terceiro nível de interação analisado por Sbardelotto é o do ritual, na qual são descritas as práticas religiosas possíveis a partir dos sites. Nessas práticas o fiel não apenas assiste ou tem acesso aos conteúdos, mas participa clicando em links e botões que colocam em funcionamento rituais como a récita do terço, a meditação da via-sacra, novenas virtuais ou a leitura da bíblia on-line. Além disso, o autor ainda faz uma diferenciação entre os rituais digitais. Eles podem ser de fechamento, em que o desenrolar da prática fica por conta do próprio sistema e o fiel apenas aciona o início desse processo. E podem ser de abertura, em que o ritual só acontece com a interferência e a participação do fiel seja na escolha de elementos através de cliques, seja no envio de textos.

Assim, mesmo que nos sites institucionais as práticas de consumo do conteúdo e serviços religiosos ali ofertados sejam complexas e envolvam muitos efeitos gráficos, cliques e imagens em movimento, as possibilidades de atuação do fiel ainda são bem limitadas. O que chama a atenção é que esse tipo de oferta religiosa parece se construir sobre a ideia de usuário, ou seja, dentro das possibilidades limitadas já previstas pelo sistema, a experiência religiosa vivida na

internet seria uma experiência de uso de ferramentas digitais para práticas devocionais pré-definidas.

Já no contexto de plataformas de redes sociais, a expectativa é de que a experiência de consumo de conteúdo religioso seja menos engessada. Sobre esse tipo de atuação, foram encontrados trabalhos sobre experiências evangélicas em blogs, Twitter e Facebook. Mesmo com as diferenças de posicionamentos entre as igrejas evangélicas e a igreja católica, decidi por referenciar tais estudos neste texto por entender que, além das estratégias específicas, as pesquisas descrevem dinâmicas de interação e circulação de sentido que não são específicos dos casos analisados.

Sanchotene (2011) ao analisar o blog do líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, traz à tona as disputas envolvidas nos discursos em circulação e na construção de sentidos. Ao mesmo tempo em que a recursividade e a interação possibilitadas pelo espaço de comentários do blog permitem que os fiéis atuem como coprodutores das mensagens em circulação - contando suas histórias, apoiando o discurso do pastor, dando sugestões, criando vínculos com a igreja e com outros fiéis- também são perceptíveis as estratégias de controle da informação engendradas pela instância de produção do blog.

Segundo o autor, o blog fortalece a imagem de Edir Macedo como mediador da experiência religiosa, ao criar efeitos de proximidade e familiaridade, além de servir para defender a “igreja contra ataques indesejados, reafirmando sua transparência diante dos fiéis, solicitando comentários para legitimar suas tomadas de decisões, seja da ordem espiritual, seja da ordem midiática ou de conflitos “(SANCHOTENE, 2011, p. 162).

Os esforços para incluir os fiéis na conversação como forma de promover e reforçar valores já consagrados também foi constatado por Fantoni (2015) ao analisar a interação dos pastores evangélicos Valdomiro Santiago e Edir Macedo com usuários do Twitter e do Facebook e a circulação dos discursos desses líderes religiosos com vistas a entender os sentidos gerados entre usuários - fiéis, não fiéis e não praticantes. A análise aponta que o discurso dos líderes se organiza na ordem da linearidade e utiliza estratégias discursivas de persuasão. Mesmo sem muita recursividade nas interações e sem nunca serem referenciados individualmente, a maior parte dos dados apresentados pelo trabalho mostra concordância e apoio dos fiéis para com os líderes religiosos nas interações.

Por outro lado, o sistema de circulação contínuo das redes sociais permite que os usuários escapem das regulações. As tensões, estranhamentos, suspensões temporárias de contato, desencontros, discordâncias e dissonâncias também ocorrem. Isso acontece principalmente quando a mensagem religiosa é curtida, compartilhada ou retuitada pelo fiel em sua própria página na rede social e acaba entrando em contato com não fiéis e não praticantes da religião. Dentro da infinidade de possibilidades e ofertas das redes, a figura do líder religioso pode ser um ponto de contenção, mas também um ponto de partida para que o discurso religioso seja reinterpretado de forma volúvel e individualizada.

Ampliando o foco da análise empírica e a formatação do problema, a pesquisa mais recente de Sbardelotto (2016) faz um estudo de casos múltiplos na busca por entender não a circulação do discurso de um líder religioso, mas do próprio sentido de “católico” no Facebook e no Twitter, a partir de páginas e perfis católicos em diferentes graus de relação com a instituição. Ao expor a promissoras caracterizações sobre as especificidades da midiatização digital, o pesquisador interpreta que as dinâmicas das redes sociais digitais dão margem para o surgimento de um novo tipo de interagente comunicacional, o leigo-amador, e de novas possibilidades de construção e desconstrução de sentido religioso, as heresias comunicacionais.

A ideia do leigo-amador parte das formulações sobre as possibilidades criativas e produtivas da internet apropriadas pelas pessoas para produzir conteúdo e compartilhá-lo em rede com grupos de interesse comum. O leigo-amador é alguém não revestido de oficialidade religiosa e nem de institucionalidade midiático-corporativa, que age por iniciativa própria seja nas bricolagens sobre o conteúdo religioso já produzido pela instituição eclesial ou outros agentes religiosos, seja na produção de algo novo.” Mais que circular conteúdos, a ação comunicacional dos interagentes religiosos faz circular as próprias ações comunicacionais, mediante reconexões que se desdobram em redes comunicacionais online diversas, desdobrando assim, o próprio ‘católico’” (SBARDELOTTO, 2016, p. 386).

Já a ideia de heresia comunicacional chama a atenção para os desvios, contestações e transgressões dos sentidos religiosos durante as reconexões que formam a circulação em rede. Dessa forma, as heresias apontam para atitudes conflitantes tanto no processo produtor em rede como no produto final apresentado. Assim, o fato do perfil oficial do Papa no Twitter não seguir nenhum outro perfil, além

da versão em outras línguas de sua própria conta na plataforma, pode ser considerado uma heresia comunicacional que vai contra as lógicas das redes digitais em que os nós se articulam mutuamente entre si. Já o fato de se produzirem e circularem produtos comunicacionais com discursos conflitantes com a doutrina católica, é exemplo de uma heresia dentro dos parâmetros canônicos que regem a Igreja.

Como já argumentei, seja em plataformas de redes sociais, seja em sites, os contextos institucionais de religião na internet apresentam ao fiel possibilidades restritas de atuação. Nas dimensões técnicas e discursivas a experiência religiosa digital é marcada por contingências dos sistemas dos sites e das propostas de religiosidade ofertadas na web. A maioria das análises aqui apresentadas, falam da atuação de fiéis apenas nos termos previstos pelo sistema, ou seja, nos espaços de comentários e nas ferramentas de compartilhamento. Mesmo quando destacam discursos que questionam ou contrariam a fala oficial da religião, a tendência de tais análises é descrever as possibilidades técnicas do usuário de uma plataforma digital e as experiências possíveis dos fiéis. Quer dizer, a maioria das pesquisas se articula em torno de conceito de fiel, colocando em evidência apenas o caráter religioso de quem pratica a sua fé em plataformas digitais e responde, concordando ou discordando, do discurso dos líderes religiosos. Apenas a análise mais recente de Sbardelotto (2016) é que destaca que experiência religiosa digital de forma mais participativa e colaborativa através da categoria de leigo-amador. Como a própria categoria do autor permite inferir, nesse estudo, o leigo já é entendido como sujeito eclesial, compreendido a partir de suas intencionalidades de construção e desconstrução de sentidos em torno do catolicismo.

Esse indício de mudança de percepção de usuário para fiel e depois para leigo, parece ser impulsionada pelo próprio desenvolvimento da internet e suas formas de uso pela sociedade. Nesse sentido, a reflexão proposta aqui não quer dar a entender que o grau de criatividade do consumo dependa da evolução das possibilidades tecnológicas da internet. Pelo contrário, a instância criativa do consumo depende unicamente dos sujeitos que consomem. A argumentação dessa seção do texto objetivou apenas ilustrar como mudanças de consumo de internet e mudanças nos tipos de ofertas religiosas midiáticas na internet podem se tornar base para a consolidação de posturas mais criativas dos leigos em relação a sua fé.

Além disso, assim como a discussão acadêmica em comunicação praticamente superou o uso do termo “usuário de internet” devido à conotação passiva e limitada da expressão, entendo que há a possibilidade da consolidação do entendimento do conceito de leigo, em detrimento ao de fiel, nos estudos em religião e internet, já que os impactos da atuação daqueles que se apresentam na rede como católicos, ou como membros de qualquer outra religião fica cada vez menos restrito aos contextos religiosos confessionais, se relacionando com discussões sociais bem mais amplas.

4.2 PRODUÇÃO E CONSUMO DE CONTEÚDO RELIGIOSO NA INTERNET

Os objetivos desse subcapítulo são refletir sobre como a internet foi se tornando natural no cotidiano contemporâneo da maioria das pessoas e atentar para as dinâmicas próprias da rede e que ajudam a construir sentidos e práticas que movimentam a vivência dos fiéis na web. Buscando refletir sobre o contexto comunicacional que se forma em torno das mídias sociais e da cultura da participação, traço as primeiras características que marcam a experiência dos leigos católicos na produção e consumo de conteúdo religioso na internet.

4.2.1 Internet como gênero cultural

A ideia principal dessa seção é abordar a materialidade da internet com o objetivo de “desnaturalizar” o digital e argumentar sobre a sua “autenticidade” como experiência. Isso porque, apesar da internet e das tecnologias digitais serem tão cotidianas na vida de muitos, a ponto de não serem mais perceptíveis como uma instância de mediação da experiência, ainda é muito difundida a ideia de oposição entre o virtual e o real.

É interessante pensar que essas constatações são aplicáveis tanto em discursos do senso comum como em discussões acadêmicas sobre religião e internet, por exemplo. Uma criança que nasce e cresce no meio urbano ocidental tem grandes chances de não precisar de explicações de adultos sobre o que é a internet porque esse conceito vai sendo formado pela sua própria experiência cotidiana. A internet se torna “transparente” também na pesquisa, muitos estudos se dedicam a entender o impacto da internet na religião, o uso que a religião faz da

internet, os discursos religiosos na rede, sem dedicar-se a maiores reflexões sobre o que é a internet e quais suas implicações materiais. Da mesma forma, tanto as famílias argumentam que as crianças devem “sair da internet” para “brincarem de verdade”, quanto algumas abordagens teóricas entendem que atuações religiosas construídas em ambientes digitais são menos reais que aquelas desempenhadas em comunidades presenciais.

Com o intuito de superar tais visões, tomo como aporte as proposições de Miller e Horst (2015) sobre a antropologia digital. Partindo da ideia de que “a humanidade não está nem um ‘tico’ mais mediada pela ascensão das tecnologias digitais” (MILLER e HORST, 2015, p.1), os autores argumentam que tendo em vista a cultura como mediação primordial, o digital não faz a humanidade mais mediada pelo simples fato de não fazê-la mais cultural que antes. Dessa forma, são refutadas as abordagens que tomam as sociedades pequenas ou grupos isolados como portadoras de um estado mais natural de vida, uma humanidade mais autêntica e menos mediada.

Para ilustrar esse princípio da falsa autenticidade do mundo pré-digital, Miller e Horst trazem como exemplo a relação da religião com a materialidade. Como já pontuado em outro momento desse texto, católicos e protestantes possuem diferentes relações com as mediações materiais. Enquanto os católicos adotaram uma cultura de materialidade repleta de imagens e objetos, os protestantes buscaram eliminar a mediação de objetos materiais e cultivar um ideal de não mediação da experiência subjetiva do divino. Mais interessante que essa distinção é a constatação de que ao atentarmos para a relação dessas mesmas denominações religiosas com as mídias eletrônicas e digitais, a relação se inverte: protestantes são muito mais ousados em suas apropriações midiáticas que os católicos. Para os autores, essa postura acontece porque para os evangélicos a mídia não media, mas proporciona uma relação mais direta com o sagrado. Nesse sentido, o papel da antropologia digital seria o de investigar porque algumas mídias são encaradas como mediadoras e outras não.

Outro princípio da antropologia digital que se mostra útil para essa reflexão é o da materialidade, que busca destacar o caráter material da infraestrutura e da tecnologia, do conteúdo e do contexto digital. Sobre a materialidade da infraestrutura, é possível afirmar que quanto mais efetiva é a tecnologia digital, menos perceptível é sua condição material e mecânica. Por isso, é que normalmente

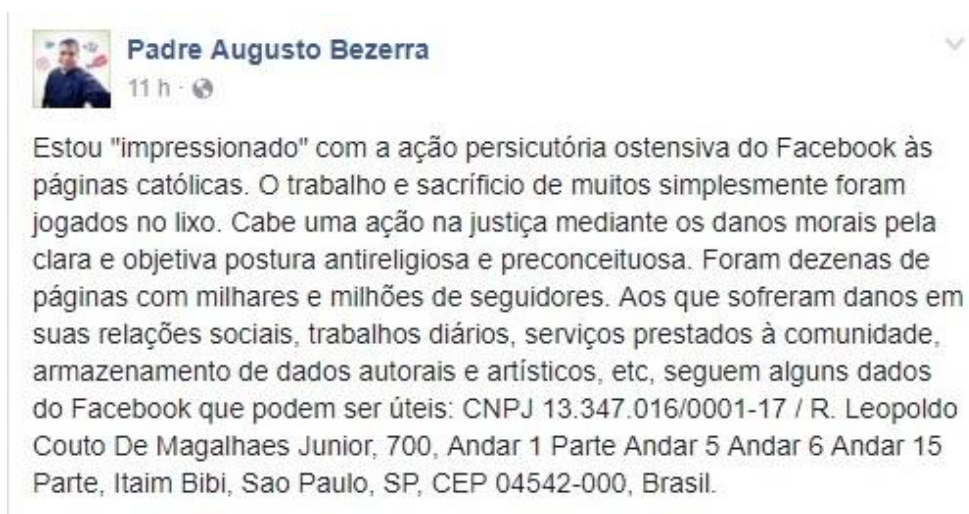
apenas notamos a presença dos equipamentos eletrônicos que nos fornecem uma rede de internet wi-fi, por exemplo, quando a conexão é interrompida. Já o princípio da materialidade do conteúdo se relaciona aos diferentes formatos utilizados. Entre texto, som, imagem e vídeo são evidentes as diferenças materiais e já não é novidade que cada formato favorece sensações e percepções corpóreas também diferentes entre si. Por fim, a materialidade do contexto diz respeito às tecnologias que tornam possível a internet das coisas e também se refere as diferenças no uso prático de cada tecnologia. Por exemplo, o fato do nosso smartphone vibrar e emitir som ao receber uma chamada faz com que tenhamos que responder a ele com mais urgência do que quando um breve toque sonoro nos indica o recebimento de uma mensagem no WhatsApp.

Pensar na materialidade do digital é colaborar para que o papel dos objetos e tecnologias na socialização não permaneçam ofuscados, pois, “quer seja a infraestrutura por trás dos computadores àquelas por trás das finanças, dos jogos, design ou catálogos de museu, parecemos menos e menos cientes de como o nosso ambiente é estruturado materialmente e isso nos cria como seres humanos” (MILLER e HORST, 2015, p. 107). Nesse sentido, os autores destacam a surpreendente velocidade com que a cultura e as tecnologias digitais são tomadas pela sociedade como algo garantido, quase como um direito humano.

Um caso empírico que ilustrativo dessa questão movimentou meu campo de pesquisa em julho de 2018, quando o Facebook cancelou contas de várias páginas católicas. A página de O Catequista não foi atingida, mas várias outras iniciativas que se aproximam da proposta dos catequistas foram bloqueadas. Rapidamente, o discurso que se alastrava na rede era o da perseguição do Facebook a religião, principalmente ao cristianismo mais conservador.

Foram quase dois dias de muita movimentação e muitas declarações. A maioria delas argumentando sobre o direito dos católicos em manter suas páginas na plataforma, a maioria sem levar em consideração que o Facebook como uma empresa privada, teria autonomia para esse tipo de decisão, por mais controversa que fosse.

Figura 5: Mobilização contra bloqueio de páginas católicas no Facebook



Fonte: www.facebook.com/padreaugustobezerra

A declaração acima, do padre Augusto Bezerra, companheiro de Alexandre no programa da Rádio Catedral, exemplifica bem a ideia de como o Facebook é tomado como um direito. Em outro texto do mesmo sacerdote, apesar de admitir o fato do Facebook ser uma empresa de caráter privado, a argumentação ainda segue na linha do direito do usuário da plataforma em não ser lesado. O “apagão das páginas católicas”, como o fato ficou conhecido na internet, durou dois dias. Quando o Facebook restaurou o serviço e pediu desculpas pelos transtornos, classificando o ocorrido como um erro, os católicos celebraram como uma vitória a possibilidade de seguir com sua missão na internet. Contudo, o que me chama a atenção é que nem depois desse fato, os católicos se deram conta de que ter empreendimentos no Facebook, por mais vantagens e autonomia que a plataforma ofereça, pressupõe submeter-se a regras de uma empresa privada que certamente não foi criada com o intuito de prestar serviços de evangelização.

Entretanto, isso não significa que os serviços de evangelização no Facebook ou em qualquer outro ambiente de internet devam ser considerados como usos inapropriados da rede. A internet não é uma coisa com forma material clara e nem pode ser definida por um de seus usos particulares. Ela é um “uma palavra que empregamos para consolidar gêneros de usos conectados on-line. Ela deve ser considerada, portanto, em termos das capacidades que lhe parecem inerentes, em seu uso efetivo, ou talvez no modo como ela é compreendida” (MILLER, 2013, p.165). Assim, a internet é entendida como um gênero cultural, ou seja, uma

plataforma sobre a qual é possível criar outras tecnologias para usos específicos. Por exemplo, sobre a internet foi possível criar sites de e-commerce e formas de escritas colaborativas como a Wikipédia. A web como um gênero cultural é algo que possibilita as pessoas que a utilizam serem o que elas são, da mesma forma que tais pessoas e tais usos fazem a internet ser o que ela é.

Para explicar melhor a ideia de internet como gênero cultural, Miller e Slater (2000) apresentam quatro modos principais dessa transformação através de exemplos sobre religião retirados de uma pesquisa etnográfica desenvolvida por eles no país caribenho de Trinidad. Essas mudanças são apresentadas e nomeadas como dinâmicas para ressaltar seu caráter de movimento e negociação em contraposição com a rigidez que a ideia de categorias pode passar.

Dessa forma, a primeira dinâmica seria a dinâmica de posicionamento – como as pessoas se engajam como as possibilidades de criar redes de relacionamentos e transcender sua localização geográfica. Sendo assim, quando um novo gênero cultural se apresenta, seu impacto mais importante não tem tendência a ser algo totalmente novo, mas a realização de um desejo que antes era frustrado por não haver meios de realizá-lo.

Para exemplificar, os autores relatam que muitos cristãos católicos de Trinidad tinham desejo de participar mais ativamente da vida paroquial da catedral localizada na capital do país, mas não podiam por questões de distância causada pelo processo de diáspora pelo qual passou a população do país. Com a internet e a criação do site da catedral, eles puderam ter algum tipo de ligação com aquela igreja específica e se envolver, de certa forma, com a dinâmica dessa comunidade.

Apesar de usufruírem das “benesses” da rede, as autoridades religiosas normalmente não possuem uma visão romântica da tecnologia e da modernidade. Pelo contrário, o contexto da modernidade é entendido como permeado de forças perigosas e destrutivas que dificultam ou impedem a comunidade religiosa de alcançar seus objetivos. Tal contradição é nomeada por Miller e Slater como realização expansiva através de dinâmica de posicionamento.

Uma expressão de modernidade é usada para resolver contradições e formas de alienação que surgem através das práticas e experiências anteriores da modernidade em termos mais gerais. A internet permite uma expansão de comunicação, mas, neste caso, é usada para reparar uma discrepância, ajudando as comunidades e as pessoas a chegar mais perto

de uma realização do que eles já sentem que são realmente (MILLER e SLATER, 2000, p.179).

Nesse exemplo, a internet atuou no reestabelecimento da comunicação e possibilitou que os fiéis experimentassem aquilo que eles já achavam que eram, uma comunidade.

Outra dinâmica pontuada pelos autores é a da liberdade normativa. A nova tecnologia possibilita a exploração de novas práticas e isso oportuniza a experiência de novas liberdades e novas angústias sobre o uso e o controle dessas novas capacidades. Na Igreja Católica, essa questão pode ser exemplificada com a desmediação possibilitada pela internet. Por exemplo, as declarações do Papa passam a ser mais amplamente acessíveis sem a mediação de intermediários hierárquicos como bispos e padres. Os fiéis podem se sentir mais próximos do Papa, através de suas declarações disponibilizadas na rede que da comunidade da sua própria localidade. Dessa forma, a vivência das dimensões locais e globais da religião ganham novas dinâmicas. Além disso, a possibilidade de mais pessoas atuarem como produtores de conteúdo religioso na internet pode fazer crescer a autoridade de níveis intermediários da hierarquia, disputando poder e/ou legitimidade com níveis mais elevados. Assim, novas liberdades de acesso e interpretação dos conteúdos religiosos são experimentadas pelos fiéis, ao mesmo tempo que novas necessidades de aprovação, validação ou até de vigilância de tais conteúdos passam a surgir.

Já a dinâmica de mediação corresponde ao reconhecimento sobre a materialidade específica da internet e seu impacto. Discussões sobre as novas temporalidades e novas espacialidades trazidas pela internet ganham destaque e mobilizam muitas reflexões sobre o seu impacto na religião. As questões mais comuns giram sobre a primazia da comunicação presencial, entendida como mais completa e rica, sobre a possível superficialidade da comunicação mediada, além das reflexões sobre a validade das transposições dos rituais para o contexto digital. Nesse sentido, o exemplo apresentado fala das discussões entre católicos sobre a possibilidade ou não de se realizar confissões pela internet. Enquanto alguns argumentavam que o sacramento pela web era válido porque presencialmente a confissão também tinha mediações como o gradeado do confessor que separa o padre do fiel, outros achavam imprescindível a presença física do sacerdote para a validade da confissão. Apesar de, a Igreja Católica ser categórica sobre a

impossibilidade da ministração de sacramentos sem o contato presencial, o mais relevante de ser notado é que com tais discussões a materialidade da internet deixa de ser invisível e é percebida e problematizada.

Por fim, a dinâmica de objetificação fala sobre a capacidade do gênero cultural de criar coisas novas que dificilmente seriam possíveis sem a tecnologia, mostrando como as pessoas se engajam com a internet e qual instância da cultura material captura-as no processo de identificação. Tal transformação fica clara no exemplo de uma Igreja Apostólica de Trinidad. Por entender que a internet tinha sido criada por desígnio divino com o objetivo de proporcionar a difusão da doutrina por todo o globo, a Igreja deixou de lado seus trabalhos desenvolvidos presencialmente, em comunidades geograficamente localizadas, e passou a atuar exclusivamente pela internet. Se nas dinâmicas de mediação há discussões sobre a pertinência ou não da transposição de ritos e outras práticas religiosas para a rede, nesse exemplo, a internet é tomada como parte constituinte da

Todas essas dinâmicas acima pontuadas, evidenciam as contribuições da cultura material para o estudo da relação religião e internet. Ao entender que a internet não é uma entidade que existe em si mesmo, mas que tem a sua utilidade nos usos específicos que fazem dela os diferentes grupos e indivíduos, a cultura material garante que todos esses usos são igualmente legítimos (MILLER e SLATER, 2000, p.192). A partir dessa visão, pensar a produção e o consumo de conteúdo religioso na internet não é pensar um processo deslocado do seu lugar próprio e nem uma apropriação invasiva da mídia, que faz com que os produtos midiáticos religiosos sejam menores ou menos legítimos que outros. Mesmo que no cotidiano da rede, muitas vezes, circulem discursos que afirmam que “internet não é igreja”⁸, a antropologia nos permite dizer que a igreja também pode ser internet.

4.2.2 Mídias sociais e cultura da participação

Nessa seção irei refletir sobre dois elementos fundamentais para a produção e o consumo de conteúdo na internet: as mídias sociais e a cultura da participação. Entretanto, apesar desses assuntos serem atravessados de forma estruturante por questões técnicas, o foco não estará nas ferramentas tecnológicas e plataformas

⁸ Frase largamente utilizada em sites de redes sociais para mostrar insatisfação frente ao grande volume de conteúdo religioso compartilhado por alguns fiéis.

digitais em si mesmas, mas em como tal contexto comunicacional tem sido vivenciado pelas pessoas. Até porque, o fato de práticas de produção e o consumo de conteúdo religioso acontecerem por vias alternativas aos circuitos midiáticos tradicionais não é uma novidade trazida pela internet. Como exemplificam Jenkins, Green e Ford (2013, p. 242), o cenário musical cristão nasceu e se expandiu contando apenas com a própria organização capilarizada das igrejas e o interesse em comum dos fiéis. Entretanto, é inegável que a tecnologia digital em rede e a cultura participativa representam uma nova configuração de práticas que já existiam há muito tempo.

E o exemplo mais impactante e cotidiano dessa nova configuração são as possibilidades de comunicação e interação proporcionados pelas mídias sociais.. Nesse sentido, Miller et al (2016) afirmam que as mídias sociais são responsáveis por colonizar o espaço existente entre formas de comunicação pública e privada. Como é sabido, antes da internet, as formas de comunicação pela mídia ou eram transmissões públicas ou eram conversas privadas. Ou um jornal, rádio, televisão falava para um vasto público, ou uma pessoa se comunicava com outra por meio de um telefone, por exemplo. A internet mudou esse cenário ao possibilitar comunicação no modelo todos-todos, quer dizer, qualquer usuário da rede pode entrar em contato com qualquer outro usuário ou grupo de usuários.

Nas mídias sociais, as possibilidades de interação de todos com todos e a comunicação com grupos específicos fez com que tais plataformas fossem mais que meios de comunicação, mas se tornassem espaços de socialização. Num primeiro momento, a novidade trazida pelas plataformas de redes sociais foi um dimensionamento da transmissão pública já que agora a capacidade para falar a grupos por meio da mídia não era mais uma exclusividade de apresentadores de televisão e rádio, mas estava acessível a qualquer pessoa na internet, ao mesmo tempo em que a comunicação privada também foi potencializada. Com isso, tais plataformas possibilitam a criação de formas intermediárias de comunicação entre as transmissões públicas e as conversas privadas. A essas novas possibilidades de dimensionamento tanto referente ao grau de privacidade/publicidade da comunicação quanto ao tamanho do grupo com o qual se pretende relacionar, os autores chamaram de sociabilidade escalonável.

Levando em consideração as contribuições de boyd e Ellison (2007) de que as mídias sociais são mais impactantes por sua capacidade de tornar visível as

redes de relacionamento construídas pelos sujeitos ao longo da vida que por oportunizarem a conexão entre desconhecidos, a ideia de sociabilidade escalonável evidencia a continuidade entre os relacionamentos on-line e off-line. Além disso o conceito ajuda a entender como mídias sociais organizam o mundo social em categorias separadas, já que uma das características dessas plataformas é reunir em um único ambiente as diferentes redes de relacionamento de alguém. Amigos, colegas de trabalho, família e conhecidos passam a se encontrar no mesmo ambiente comunicacional, com possibilidades de interação facilitadas. Dimensionando o grau de privacidade e o tamanho dos grupos, é possível escalonar sociabilidades específicas, gerenciando informações, impressões e grau de intimidade dos relacionamentos mediados.

É relevante atentar também para o fato desse escalonamento acontecer através da combinação de diferentes mídias e plataformas no cotidiano das pessoas. Atualmente, grande parte das pessoas gerencia diariamente fluxos de comunicação por meio de uma gama de mídias diferentes com as quais constrói relacionamentos com diferentes grupos e propósitos. Diante disso, o conceito de polimídia (MILLER et al 2016) nomina a relação de dependência entre as diferentes mídias, partindo da ideia de que os significados e os usos de cada mídia se constroem de forma relacional uma com as outras. Plataformas e mídias “devem ser vistos como relativos entre si, já que hoje as pessoas usam o leque de possibilidades disponíveis para selecionar plataformas específicas ou mídia para gêneros de interação específicos” (MILLER et al, 2016, p. 10).

Nessa perspectiva, parece ficar bem evidente que o enfoque mais promissor de reflexão sobre as mídias sociais não é pensar em plataformas específicas (Facebook, Twitter, Instagram...), mas o conteúdo publicado nelas e os usos específicos que as pessoas fazem delas. Ao falar sobre as práticas criativas e colaborativas que engajam cada vez mais pessoas na internet, Clay Shirky (2011, p. 14) argumenta que estamos vivendo uma cultura da participação graças a um recurso chamado de “excedente cognitivo”, ou seja, o uso do tempo livre e das habilidades individuais como um coletivo capaz de produzir valores compartilháveis com outros pela conexão em rede. Na ideia de excedente cognitivo, o recurso revolucionário capaz de criar valor não é a infraestrutura tecnológica digital em si mesmo, mas a atuação dos usuários da rede.

Nesse sentido, Jenkins, Green e Ford (2013) corroboram com a ideia de Shirky ao afirmar que as potencialidades da web 2.0 não são capazes de assegurar o surgimento de uma cultura realmente participativa. Para eles, os impactos mais relevantes do cenário comunicacional e midiáticos atual são os “muitos grupos que estão adquirindo maior capacidade de comunicação dentro de uma cultura em rede” (JENKINS, GREEN, FORD 2013, p.64). Ou seja, as criações colaborativas que caracterizavam as comunidades de fãs como uma subcultura específica são cada vez mais apropriadas por diferentes grupos com diferentes objetivos. De ativistas a blogueiros e até religiosos.

Ao citar os religiosos, os autores destacam o interesse desses em difundir a palavra de Deus, referindo-se de forma clara aos cristãos que têm na pregação da Bíblia, a sua principal atividade missionária e comunicativa. Entretanto, certamente não é apenas o caráter informativo e de divulgação de mensagens espirituais ou confessionais que motiva fiéis a construir uma atuação religiosa na rede. As possibilidades conversacionais e de construção de vínculos sociais também são fundamentais para os fiéis em ambientes nos quais se compartilha, discute e analisa a vivência da fé e suas implicações nos mais diferentes âmbitos da vida.

Das possibilidades trazidas às pessoas pelos ambientes digitais em rede, o poder de falar livremente sobre assuntos de seu interesse e alcançar muitas pessoas, mesmo sem grandes investimentos para isso, parece ser um fator estruturante para as atuações dos leigos católicos. Pois, conforme afirma Shirky “a revolução está, hoje, centrada na inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público” (2011, p.50). Para os leigos católicos, comparados aqui a “amadores” por não fazerem parte da hierarquia ordenada da instituição, a possibilidade de proferir discursos sobre a fé na internet sem pedir permissão para os “profissionais”, membros do clero e leigos com funções de liderança em algum órgão ou movimento, proporciona muito mais autonomia que em outros contextos e expande consideravelmente o alcance das mensagens. Mesmo nesse ambiente de mais liberdade e criatividade como a ambiência midiática e digital, é interessante notar que os fiéis buscam mostrar conhecimento e expertise sobre os assuntos de fé por meio de citações de documentos, referências bíblicas e da tradição do catolicismo.

Diante desse panorama, é possível vislumbrar como as novas dinâmicas participativas e criativas podem impactar o campo religioso, evidenciando ainda mais

sua atual configuração em rede. Contribuições importantes para tais questões são desenvolvidas por Jenkins (2009), ao analisar a cultura popular e o comportamento de grupos de fãs na atualidade. O autor ressalta a mudança na dinâmica do consumo cultural e midiático que deixa de ser uma experiência apenas individual e personalizada e passa cada vez mais a ser uma prática interligada em rede. Ou seja, com a internet são possibilitadas novas formas de colaboração e participação que oportunizam aos consumidores reescrever e recriar a cultura midiática a partir da reunião de informações e percepções e da mobilização de interesses comuns que garantem a circulação mais ampla e diversificada de mensagens e conteúdos relevantes para grupos que partilham de mesmos interesses e que, normalmente, não têm suas demandas contempladas com as pautas e produções da mídia tradicional. Essa postura ativa cria comunidades com grande nível de engajamento e chega a adquirir feições de militância e contestação ao questionar e colocar em cheque o lugar estabelecido de produtores e conglomerados midiáticos na gerência de histórias, personagens, trilogias, séries e outros produtos de cultura popular.

Entretanto, meu objetivo aqui não é fazer uma relação direta entre fãs e leigos, mas contextualizar a atuação do leigo na internet dentro dessa perspectiva de cultura da participação. Diante disso, parece relevante pensar sobre as apropriações utilizadas naqueles casos chamados por Jenkins de "diversão séria" (2009, p.363), em que paródias e brincadeiras produzidas por pessoas comuns e publicadas na web servem de ponto de partida para fomentar discussões sobre assuntos políticos e sociais e que, no caso da religião, também são entendidas como práticas de consumo midiático que visam decodificar significativamente o arcabouço teológico, doutrinal e moral de uma religião. Como exemplo, pode-se considerar os memes utilizados pelo blog O Catequista para colocar em pauta discussões sobre doutrina e moral católicas.

Figura 6: Montagem de memes de O Catequista



Fonte: www.ocatequista.com.br

As imagens acima correspondem a memes de grande circulação na internet que foram apropriados pelos catequistas para dar visibilidade a questões doutrinárias. Na primeira imagem, as expressões faciais conhecidas como “rage faces”⁹ são utilizadas para criticar o sincretismo religioso. No primeiro quadro a *rage face* “forever alone”, que significa a solidão e o abandono de alguém que está sempre sozinho, mostra uma pessoa cantando devotamente uma música católica muito popular nas paróquias do Brasil. Essa cena constrói a ideia de que o fiel em questão é um católico devoto. Contrapondo-se a essa cena, logo em seguida a *rage face* “me gusta”, usada para indicar gostos pessoais não assumidos publicamente, aparece como expressão facial de alguém que realiza rituais de ano novo baseado em religiosidades de matriz africana. Ao construir sentidos de contradição em relação ao fato de uma mesma pessoa realizar práticas de diferentes religiosidades, o meme sugere contradição entre as diferentes crenças. No segundo exemplo, o meme que originalmente traz a cena do super-herói Batman dando um tapa no rosto de seu companheiro Robin é adaptada para mostrar Santo Atanásio dando um tapa em alguém que fala uma heresia, ou seja, um erro doutrinário, nesse caso, colocar em dúvida a divindade de Jesus. Santo Atanásio é conhecido por ter combatido o

⁹ Segundo a Wikipédia, as *Rage Comics* surgiram em 2008 no fórum da rede social 4chan. Com desenhos extremamente simples, as tirinhas ilustravam situações do cotidiano e as histórias sempre terminavam com o personagem tendo uma explosão de raiva, por isso o nome *rage*, raiva em inglês. Com o sucesso do meme, outros personagens foram sendo criados.

arianismo, corrente doutrinária do século IV que negava a natureza divina de Jesus. Esse tipo atuação digital usa as gramáticas midiáticas como forma pedagógica para colocar assuntos de seu interesse em debate, buscando alternativas para atender seus próprios anseios de informação e conteúdo. Quer dizer, a utilização de paródias e outros recursos que conferem leveza e descontração às temáticas sérias como política e religião podem ser recursos retóricos para deixar tais conteúdos mais atrativos, já que discursos de especialistas tendem a ser formais e herméticos possuindo, assim, audiência mais restrita.

Jenkins (2009, p.51) também ressalta que, em algumas ocasiões, a cultura popular e as informações compartilhadas por pessoas comuns na internet são mais esclarecedoras e relevantes que as notícias veiculadas nos grandes noticiários ou pelo discurso público. Nesse sentido, entendo que o conteúdo sobre a Igreja Católica gerado pelos fiéis de forma independente na internet, por estar mais atento aos debates em ascensão na rede e às questões que emergem do cotidiano, pode atender melhor às necessidades de informação e orientação dos católicos que o produzido por fontes oficiais.

Tais características da cultura da participação são entendidas por Sbardelotto (2014, p.165) como uma reconstrução do religioso por parte do internauta comum que faz experimentações em relação às práticas e significações sociais sobre o catolicismo. Nesse sentido, o autor ressalta que o fiel, ao construir ofertas de fé através de conexões na rede e escolhas pessoais, ressignificam a aparente homogeneidade religiosa da Igreja Católica ao fazer reconstruções plurais, porosas e fragmentadas da religião.

4.2.3 Práticas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet

Uma infinidade de leigos, padres, grupos, movimentos, paróquias e até o papa produzem mensagens religiosas na internet com diferentes formatações, enquadramentos e intencionalidades. Toda essa produção e consumo de conteúdo religioso na internet acabam colocando em disputa e gerando ressignificações em torno dos sentidos do catolicismo, além de impulsionarem oportunidades participativas e criativas engendradas em ambientes digitais em rede que marcam a experiência religiosa contemporânea. A partir da análise de diferentes páginas católica no Facebook e no Twitter, Sbardelotto (2016, p. 406) propõe quatro

tendências de reconstrução comunicacional do “católico” na internet: autorreferenciação, laicização, amenização e relativização. É interessante notar que se falamos de sentidos negociados e reconstruídos é porque a produção e o consumo desse conteúdo acontecem de forma relacional e articulam leigos, clero, instituição, produtores e consumidores.

A autorreferenciação diz respeito a tendência à uma comunicação construída tendo como referência preponderante a própria instituição, seus símbolos, tradição e doutrina. Num contexto comunicacional em que há multiplicidade de sentidos em circulação e que os leigos buscam reafirmar comunicacionalmente a própria identidade católica, a autorreferenciação se manifesta na tendência de lançar mão das plataformas digitais apenas para reforçar a centralidade da instituição. Além de acarretar uma limitação da circulação de discursos e sentidos católicos apenas a públicos que já são católicos, essa auto referência também sugere, segundo o autor, uma auto reverência institucional.

A laicização se refere a “um poder-dizer emergente dos leigos” na internet. Os leigos adquirem não apenas uma capacidade técnica de fala pública, devido aos recursos das mídias digitais e em rede, mas relevância em seus discursos que são responsáveis por diversificar as ofertas de religioso na internet. A emergência do leigo dotado de autoridade devido a sua expertise técnica e teológica-pastoral no panorama comunicacional católico colabora para uma descentralização da instituição eclesial e para a autonomização dos fiéis. Em um processo gradual e negociado, o catolicismo na era digital, continua estruturado histórica e institucionalmente, mas também se torna cada vez mais fluido e ressignificado.

Outra tendência observada é a valorização pública da catolicidade pela catolicidade, entendida como amenização. Essa tendência evidência as práticas devocionais católicas que se constituem comunicacional e midiaticamente de forma a favorecer espiritualidades subjetivistas e emocionais que tornam a fé apaziguada e desconectada da realidade social. Além disso, a amenização também faz menção a uma tendência de aceitação a tudo o que é católico apenas por ser católico, sem criticidade. Para Sbardelotto, a amenização se transforma em fundamentalismo quando defende a ortodoxia da doutrina católica e em conservadorismo ao perceber a instituição eclesial como absoluta e expressar sua total aderência a ela.

O surgimento de uma verdade relativa e relacional também é considerado uma tendência do católico na internet. Com todo o processo de ressignificação pelo

qual o sentido de catolicidade passa na rede, é de se esperar que o resultado dessa circulação seja a relativização de autoridades, discursos e crenças. Contudo, essa relativização não é automática, mas depende de esforços que buscam relacionar, mediante negociações, o catolicismo com outros símbolos, crenças e práticas que surgem na vivência dos católicos. A relativização acontece também no sentido eclesial no momento em que as conexões em rede apresentam novas oportunidades de vinculação entre fiéis e passam a ser tanto ou mais importantes que formas de engajamento ofertadas tradicionalmente pela instituição.

Pensando nos termos tomados nesse trabalho, as tendências apresentadas acima ajudam a caracterizar o conteúdo religioso católico ofertado na internet. Nesse sentido, é possível relacionar tais tendências às práticas observadas no campo de pesquisa que se constituem em formas ou motivações tanto para a produção quanto para o consumo de conteúdo religioso na rede. No contexto comunicacional e religioso em que se situa o projeto de O Catequista, a presença constante do entretenimento e do conflito faz dessas práticas organizadoras da produção e do consumo de conteúdo religioso.

A formatação da experiência religiosa em entretenimento já é ideia consolidada no panorama da midiatização da religião sendo considerado uma de suas características (HJARVARD, 2012 e CUNHA, 2016). Na internet, o entretenimento religioso se apresenta principalmente na forma de memes que tornam a mensagem religiosa mais leve e atrativa. Entretanto, a busca pelo humor e descontração não se restringe ao uso de imagens com frases engraçadas. A “zoeira”, entendido na rede como o ato de fazer piadas com situações cotidianas e com pessoas, passa a ser uma prática de relacionamento e a organizar a produção e o consumo de conteúdo católico. Os catequistas usam da zoeira para chamar a atenção para determinados assuntos, para se posicionarem diante de opiniões diferentes da sua, para apontar falhas, para divertir sua audiência. Os leitores participam da zoeira ao consumirem e compartilharem tais conteúdos, mas principalmente ao adotarem essa postura humorística em suas conversações em rede e em suas próprias atuações na internet. Ao proporem uma abordagem da fé que privilegia o jocoso, o popular e a interlocução com os temas atuais, os catequistas e seus leitores buscam afirmar suas capacidades de adequação ao contexto cultural da internet e de se diferenciarem de outros projetos católicos mais sérios e devocionais.

O conflito também é um elemento organizador da produção e do consumo de conteúdo religioso, isso porque, entre os leigos, investidos de um “poder-falar”, são constantes as tensões entre pessoas de diferentes vertentes do catolicismo, entre leigos e padres e entre católicos e pessoas de outras crenças. As “tretas”, expressão que nomeia as polêmicas e disputas na internet, certamente não são uma exclusividade de O Catequista e mobilizam múltiplos atores na rede. Ao privilegiarem assuntos polêmicos, críticas a pessoas, instituições e outras crenças, bem como posicionamentos políticos explícitos, os blogueiros fazem da treta uma prática de produção de conteúdo. Da mesma forma, seus leitores, ao repercutirem os conflitos e disputas propostos pelos blogueiros ou ao polemizarem praticamente qualquer assunto que envolva o catolicismo, adotam a treta como uma forma de consumir e produzir discursos, relações e vínculos.

Além disso, me parece que as tensões e os enfrentamentos proporcionados pela ampliação e a diversificação das relações entre sujeitos na internet oportuniza que os leigos busquem reforçar as marcações acerca seus posicionamentos, opiniões, filiações, evidenciando com mais clareza sua identidade religiosa. Nesse sentido, Recuero (2009, p. 85) sugere que o conflito pode fortalecer as estruturas de um grupo quando esse está em tensão contra “inimigos externos” ou quando há polarizações internas.

A produção e o consumo de conteúdo religioso organizado através de práticas de zoeira e treta, parecem demonstrar a capacidade de blogueiros e seus leitores de se manterem atualizados sobre o “clima” e ao “ritmo” das experiências em rede diferenciando-se assim da instituição eclesial que, amarrada ao peso da sua oficialidade, precisa de mais tempo para processar seus atos e respostas aos apelos do mundo. Os leigos, valendo-se de sua autonomia, participam da zoeira e das tretas em tempo real e, assim, produzem de forma participativa a experiência religiosa na internet. Quer dizer, para a treta e a zoeira darem certo, elas não podem ser produzidas pelos blogueiros para ser consumida por seus leitores, mas precisam engajar toda a rede, constituindo-se assim em uma produção colaborativa de sentidos e uma prática dos leigos. Nesse sentido, as piadas e os conflitos podem acontecer inclusive entre os próprios leigos.

Diante desse conteúdo religioso autorreferente, laicizado, amenizado e relativo que é consumido por meio de práticas de conflito e entretenimento, outras dinâmicas emergem como forças atuantes na modulação dessa experiência vivida em rede

pelos leigos. Tais apropriações do catolicismo possibilitam dinâmicas em rede de autoridade, ativismo e moralidade sobre as quais discorreremos brevemente a seguir.

Ao estudar blogs cristãos para entender quais funções, estruturas, crenças e textos religiosos tradicionais são afirmados ou desafiados online, Campbell (2010) ressalta que apesar da autoridade religiosa ser construída e negociada socialmente, sempre é parcialmente baseada em questões espirituais e sobrenaturais, já que muitas vezes, permite que a pessoa investida se compreenda ou seja compreendida como alguém escolhido ou um representante de Deus. Mas ressalta que nem por isso, a autoridade deixa de se usar de textos e outros elementos para se afirmar. Assim, sugere que é possível identificar quatro categorias distintas de autoridade que emergem, especificamente, do estudo da religião na internet. São elas: hierarquia religiosa, estruturas religiosas, ideologia religiosa e textos religiosos (CAMPBELL, 2010, p. 257). A categoria hierarquia religiosa identifica as funções tradicionalmente exercidas por religiosos e abarca as referências ou apelos a figuras religiosas, autoridades reconhecidas ou papéis de liderança da igreja tradicional. Já a categoria estruturas religiosas é identificada como as estruturas organizacionais das igrejas e definida como referência ou apelo à hierarquia de cargos religiosos ou outros padrões de organização das igrejas como ministérios, conselhos, grupos e ritos. Outra categoria de autoridade é nominada como ideologia religiosa e abarca todas as questões teológicas e também ideológicas encontradas nos blogs que referenciam aspectos da crença cristã bem conhecidos ou características utilizadas para identificar os indivíduos como cristão. A última categoria descrita é a dos textos religiosos na qual as referências a textos religiosos são utilizadas como suporte para os argumentos desenvolvidos. No caso específico da atuação dos leigos católicos na internet, todas as categorias de autoridade são observadas, com destaque às categorias de ideologia religiosa e de textos religiosos que são fundamentais para embasarem as atividades daqueles que não estão diretamente respaldados pelas estruturas hierárquicas.

Além disso, outro indício apontado pelas pesquisas de Campbell (2010) e Cheong (2014) se mostra útil para a reflexão acerca da autoridade em O Catequista. Nos estudos das duas pesquisadoras, em linhas gerais, os resultados apontaram que atuações digitais religiosas se apresentavam mais como fonte de apoio às autoridades que de contestação. Ao analisar blogueiros cristãos, Campbell

constatou que grande parte dos discursos era de afirmação de líderes, órgãos estruturais, ideias teológicas e textos fundamentais. Já Cheong, ao atentar para a presença de lideranças religiosas nas redes sociais, também observou a tendência dos fiéis de reforçar a autoridade de seus líderes na internet, através de uma interatividade de concordância, reafirmação de valores e de apoio espiritual. Nesse sentido, o campo de pesquisa desse trabalho apresenta questões, a princípio, contraditórias. Ao mesmo tempo em que as práticas de produção e consumo de conteúdo se dão por meio do conflito e do humor, que mesmo em tom de entretenimento normalmente traz traços de crítica, o projeto de catolicismo construído em *O Catequista* é de reinstitucionalização. Contudo, a contradição é desfeita pela compreensão de que a treta e a zoeira são estratégias de contestação e enfrentamento entre as diferentes vertentes da Igreja Católica. Sendo assim, não se questiona a autoridade do catolicismo em si. Ao contrário, é pela defesa da doutrina, tradição e liturgia católica que se busca disputar autoridade com outros grupos e linhas do catolicismo.

Pelo fato da produção e consumo de conteúdo religioso na internet envolver, em diversas circunstâncias, posicionamentos políticos, o ativismo é outra dinâmica que emerge dessas relações. Relacionado na maioria das vezes à organização de pessoas em prol de alguma causa social ou política, a concepção de ativismo normalmente envolve pressão sobre grupos que detém poder político, econômico, social e cultural objetivando mudança na ordem vigente. Na internet, o chamado ativismo digital adquire características específicas. Como explicita Gracia (2015), o ativismo digital passa a ser articulado por grupos não centralizados, a demonstrar uma natureza esporádica e mutante norteadas por objetivos instantâneos, não exigindo assim compromisso estável e metas de longo prazo, e o seu caráter ideológico perde força para demandas de pluralidade identitária e cultural. O autor também destaca que o ativismo digital muitas vezes não possui ligação com as pautas e formas de organização dos movimentos sociais e partidos políticos, podendo se articular a partir de reivindicações particulares ou de pequenos grupos.

Ao estudar o ativismo político de setores evangélicos no Brasil, Cunha (2017) relata que, apesar da ideia de ativismo ser normalmente associada à ideologia progressista, essa prática também é apropriada por setores conservadores da sociedade. Assim, ao descrever as articulações dos setores evangélicos conservadores, a autora destaca a pauta de “defesa da família”, desdobrada em

tema como aborto e ideologia de gênero, como a principal articuladora de ações. Nesse sentido, as dinâmicas de ativismo que emergem de O Catequista se articulam diretamente com o quadro exposto por Cunha, engendrando sentidos e práticas também no contexto católico da internet.

Por fim, as dinâmicas de moralidade se associam diretamente às práticas humorísticas dos leigos, pois como constatam Miller et al (2016), o uso de memes se torna uma “polícia moral das mídias sociais”, pois as piadas são uma forma amena e pouco comprometedor de se falar sobre questões morais, afirmando quais comportamentos são melhores que os outros.

Comentários críticos bastante sérios podem circular sob o disfarce deste humor. Dado o uso comum de memes desta maneira em nossos vários campos de pesquisa, parece haver um caso para considerar os memes de forma mais geral como uma espécie de "polícia da internet", tentando afirmar o controle moral através da meios de comunicação social. (MILLER et al, 2016, p.174.Tradução nossa)

Se O catequista acredita que a sua proposta é representante do verdadeiro catolicismo, estando totalmente de acordo com aquilo que a Igreja fala, não é de se estranhar que sua atuação seja atravessada por uma proposta de moralidade que seja estratégica na construção do seu projeto de recatolização da sociedade. Isso porque a incoerência entre atos e crença, ou a falta de testemunho na linguagem cristã, é a falha que mais desmoraliza um cristão. Vale a pena ressaltar ainda que a moralidade na qual se investe é aquela condizente com o projeto de catolicismo que se articula. Nesse sentido, se aos olhos do mundo os católicos não são coerentes ou não apresentam a moralidade desejada, isso não tem muita importância, se comparado à necessidade de aprovação entre os próprios pares.

5 UM BOTEÇO CATÓLICO NA INTERNET, O LEIGO ATRÁS DO BALCÃO: A ATUAÇÃO DE BLOGUEIROS CATÓLICOS

“É o nosso conceito de ‘catequese de boteco’. Queremos ser o mais direto e descontraído possível. Às vezes até irônicos. Mas nunca formais. Isso os padres já fazem muito bem nas homilias e já existem dezenas de fantásticos blogs católicos assim”.
(O Catequista)

Abrir as portas de um negócio de sucesso requer planejamento e um produto com diferencial de mercado. Estudar a atuação dos fiéis católicos responsáveis pelo blog O Catequista, pode ser entendida através da metáfora proposta pelos próprios blogueiros de “catequese de boteco”. Contudo inverto um pouco a lógica. Ao invés de enxergar os leigos confortavelmente sentados em uma mesa, conversando descontraidamente sobre catequese com seus companheiros, eles serão os empreendedores. Estarão atrás do balcão atendendo animadamente os clientes, garantindo a qualidade dos produtos servidos e, nos bastidores, enfrentando todos os desafios da administração: gerenciamento de pessoal, custos, burocracias, fiscalizações, competição. De antemão, sei que foi a inusitada catequese de boteco, que nos trouxe até aqui. Conhecemos essa proposta pela nossa experiência na internet. Mas o que se passa atrás do balcão? A melhor forma de descobrir parece ser vestir o avental.

Com o objetivo de compreender as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso no blog o Catequista, lancei mão de vários recursos para construir, ao longo dos anos de doutorado, um relacionamento com os blogueiros afim de acompanhar seu trabalho para além daquilo que já estava dado na internet. Como já descrito no capítulo 1 desse trabalho, a conversa com os blogueiros se construiu por meio de ferramentas da internet e também no sistema de visitas presenciais realizadas em setembro de 2015 e outubro de 2017.

Ao descrever a prática de visitas aos informantes, Barros (2007) relata que em sua pesquisa com empregadas domésticas tais momentos eram predominantemente marcados pela técnica etnográfica da observação participante. Na minha experiência com os catequistas, as visitas adquiriam caráter diferenciado por serem oportunidades únicas de observação participante e entrevista em profundidade ao mesmo tempo. Apesar do esforço de manter uma conversação ativa, de realizar entrevistas por e-mail quando necessário e da observação

participante no blog e no Facebook, para mim, as duas ocasiões de convívio presencial com os blogueiros foram experiências diferenciadas para conhecer os bastidores de O Catequista e olhar as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet, de uma perspectiva de dentro do fenômeno, ou de “atrás do balcão”.

Nesse sentido, a primeira visita foi fundamental para que os laços fossem estreitados. Apesar dos contatos on-line com os catequistas terem acontecido sempre com respostas rápidas e generosas em termos de quantidade e qualidade das informações, a visita presencial forneceu outra riqueza de detalhes e possibilidade de observação. O clima amistoso e descontraído marcou essa primeira visita ao Rio de Janeiro, em setembro de 2015. Na oportunidade, a proposta dos catequistas foi de que o nosso encontro se desse em um restaurante durante o horário do almoço. O fato da primeira conversa acontecer durante uma refeição parece ter ajudado a deixar o clima descontraído e sem a sensação de entrevista. Após uma fala mais longa sobre a minha pesquisa e meu envolvimento com a Igreja Católica, a interlocução foi fluindo normalmente, apresentando como tema central a atuação dos leigos e o catolicismo, mas permeada com outros temas como trabalho, família, casamento e a própria cidade do Rio de Janeiro, já que, a minha condição de turista incentivava que explicações sobre os locais em que passávamos fossem feitas.

Depois do término do almoço, fui convidada a acompanhar o casal em um passeio pela Bienal do Livro, que acontecia no Bairro da Barra da Tijuca. Como aquela era uma ótima oportunidade de mais tempo de convivência, obviamente, aceitei o convite. Foi assim que, devido ao trânsito congestionado no caminho para o evento, tivemos mais uma hora de conversa dentro do carro. Chegando na Bienal, o passeio transcorreu normalmente durante algumas horas. Dessa forma, numa alternância entre momentos mais próximos de uma entrevista em profundidade, onde pude fazer perguntas diretas aos catequistas e, a partir das respostas, conduzir a conversação que foi gravada para posterior análise; seguiram-se ocasiões de maior dispersão em que a conversação amigável colaborava para que o foco fosse a observação participante.

Já na minha segunda visita ao Rio de Janeiro, em outubro de 2017, a imersão no campo foi bem mais intensa e extensa, já que pude acompanhar algumas situações da rotina do casal durante os sete dias de estada na cidade. Durante

esses dias, tive oportunidade de acompanhar Alexandre em dois programas na rádio Catedral, de participar dos encontros de catequese, da missa e de um grupo de estudos paroquial, além de poder frequentar o apartamento da família algumas vezes. Essas ocasiões foram ricas experiências de observação participante, em que a convivência com as pessoas e conhecimento sobre as paisagens rotineiras dos catequistas colaboram para o entendimento sobre o “lugar de fala” do casal. Além da observação, as horas compartilhadas com os blogueiros eram permeadas de conversações. Eu buscava aproveitar todos os momentos, como os deslocamentos de um lugar para outro e as refeições, por exemplo, para tirar dúvidas ou confirmar dados e fatos e deixava as questões que exigiam mais profundidade nas respostas para os momentos de conversações mais densos e concentrados.

A metáfora inicial é apenas uma forma de ilustrar os dois principais focos do relato que se segue: as processualidades envolvidas na produção de conteúdo para o blog e na construção de atuação na rede, além das relações com a hierarquia, historicidade de suas vivências do catolicismo, o relacionamento com os demais fiéis. A descrição levará em consideração todos os dados etnográficos sem distinção entre diferentes formatos de interação.

5.1 QUEM SOMOS NÓS

Em uma etnografia para a internet, a experiência do trabalho de campo presencial além de ser marcante, facilmente adquire significados de “bastidores”, pois deixamos de conhecer os sujeitos apenas por aquilo que eles conscientemente mostram de si na internet para ver contextos menos controláveis. Assim como a grande maioria dos sites de internet possui uma seção chamada “Quem somos nós”, item padrão que explica quem são os responsáveis por aquele conteúdo e quais seus objetivos, essa seção do texto busca descrever de forma mais detalhada algumas impressões sobre o cotidiano, a rotina e a vida doméstica de Viviane e Alexandre que foram possíveis de serem captadas a partir do trabalho de campo desenvolvido presencialmente no Rio de Janeiro em outubro de 2017. Mais do que simples curiosidades, minha intenção é descrever circunstâncias que parecem incidir de forma significativa na visão de mundo do casal e, conseqüentemente, na sua atuação como leigos e blogueiros. Com isso, não sugiro que conheci a verdade sobre os catequistas somente quando pude conviver com eles presencialmente,

apenas destaco que a observação presencial foi fundamental para entender como se constrói a atuação de O Catequista.

A possibilidade de conhecer a residência da família e a paróquia frequentada por eles foram experiências marcantes para mim. Depois de um primeiro encontro com Alexandre na rádio Catedral, foi numa tarde de sábado que visitei os catequistas no apartamento da família em Copacabana pela primeira vez. É interessante pontuar aqui, que para alguém com pouca familiaridade com o Rio de Janeiro como eu (aquela era a minha terceira estada na cidade), a experiência de transitar pela zona sul da cidade é atravessada pelo imaginário de um certo glamour da região, forma como o local é normalmente retratado nas narrativas das telenovelas brasileiras. Por mais que eu se saiba diferenciar os sentidos midiáticos da complexidade da realidade local, devo confessar que um pouco dessa atmosfera de sucesso também estava presente em mim naquele dia: eu tinha acabado de avistar um apresentador de televisão no restaurante em que estava almoçando e estava prestes a encontrar “blogueiros influentes”.

Contudo, ao chegar na casa dos Varela tais expectativas deram lugar aos desafios da realidade, comuns à maioria das famílias de classe média em grandes cidades. O que se encontra não são belas casas planejadas e nem ambientes esteticamente pensados, como aqueles usados normalmente como cenários de vídeos no YouTube, mas residências com pouco espaço e com funcionalidade adaptada.

O apartamento de três quartos é habitado pelo casal, seus quatro filhos (o quinto filho ainda estava em gestação na ocasião) e pela mãe de Viviane que mora com a família desde o nascimento dos gêmeos em 2010. O nascimento dos gêmeos também marcou a mudança na vida profissional de Viviane que abandonou seu emprego formal para trabalhar de forma independente na área de educação corporativa e design instrucional, o que permite a ela ficar mais tempo em casa. A flexibilidade de horários na rotina de Viviane, faz com que ela seja a responsável pelas respostas aos leitores e pelo acompanhamento das conversações nos comentários do blog e do Facebook.

Se no site cada elemento é planejado e possui lugar específico, o fazer dos blogueiros acontece em meio às demais atividades da vida familiar e profissional. Ficou notável para mim, o quanto o trabalho dos catequistas precisa ser conciliado com as outras demandas e como tal conciliação é exigente para todos. Entendo que

a não existência de um espaço dedicado exclusivamente para o computador ou para o estudo na casa, por exemplo, indica que esse tipo de atividade precisa ser constantemente negociada e colocada como prioridade frente a outros fatores para poder acontecer com regularidade. Vale a pena lembrar que, a necessidade de gerenciamento de tempo e atenção, comum à rotina da maioria dos adultos, é uma das grandes características do trabalho leigo na Igreja. Enquanto clérigos e outros consagrados possuem dedicação exclusiva aos trabalhos ligados a religião, os leigos dedicam seu tempo livre para tais atividades. O investimento feito pelos catequistas para o gerenciamento de suas rotinas, ficou explícito para mim quando Alexandre me mostrou uma espécie de mural na parede do quarto do casal, o qual servia de agenda para que eles pudessem coordenar todas as suas atividades com mais facilidade. Ali estavam registrados compromissos assumidos por eles nos últimos meses como palestras, reuniões e eventos em outras paróquias, além de iniciativas de divulgação do livro.

O cansaço em relação a rotina cheia de compromissos foi mencionado por Alexandre e Viviane, mas era a catequista que demonstrava uma condição mais extenuada fisicamente. Entendo que as exigências da maternidade acabam sendo preponderantes para que Viviane se mostre mais cansada que Alexandre, principalmente devido a sua condição de gestante do quinto filho naquele momento. Sobre esse assunto, pontuo rapidamente que o quadro de saúde de Viviane influenciou diretamente o andamento da pesquisa no que se referiu a escolha da data dessa segunda visita ao Rio de Janeiro. Minha primeira ideia era ter realizado o trabalho de campo presencial no mês de setembro de 2017. Para tanto, comecei a negociar com os blogueiros essa possível viagem em julho. Depois de uma primeira resposta animada e de acordo com a minha proposta, passei por um período de difícil contato com eles. Esse foi o único momento da pesquisa que fiquei sem resposta. Mandava diversas mensagens tentando confirmar datas e acertar detalhes sobre a viagem e não recebia retorno. Cheguei até a temer que eles tivessem mudado de ideia sobre o trabalho de campo presencial, ou tivessem desistido da participação na pesquisa. Felizmente, no final de agosto, Viviane me escreveu perguntando sobre a minha possível visita e contando que estava em repouso devido a sua gravidez, fato que até aquele momento, era uma novidade para mim. Aliviada em saber que os laços de confiança não tinham sido rompidos, combinei com eles a nova data de viagem para outubro.

Além do investimento mental, físico e de tempo, o blog também apresenta custos financeiros para a sua manutenção, como os valores gastos para a hospedagem do site, serviço de internet e ferramentas de monitoramento de mídias sociais. Desde as minhas primeiras conversas com os catequistas eles sempre afirmaram que o blog não chegava a gerar renda, apenas gastos. Ao mesmo tempo, sempre compreendi também que para eles, um possível retorno financeiro com as atividades de O Catequista era algo encarado com naturalidade e sem constrangimentos. Desde 2015, em nossas conversas esporadicamente algum tipo de plano de arrecadação de fundos para O Catequista, eram citados. Entretanto, foi durante o segundo período de trabalho de campo presencial que notei Alexandre realmente preocupado com essa questão. A conjuntura econômica do Brasil certamente tem participação nesse quadro, principalmente pelo fato do catequista ter trocado três vezes de emprego desde 2015, alternando períodos sem trabalho formal. Entretanto, acredito que o maior motivo da preocupação financeira é o crescimento do número de filhos. E essa instabilidade nas finanças da família, afeta diretamente o andamento das ações do blog. O exemplo mais direto é a descontinuidade na produção de vídeos para o canal de O Catequista no YouTube. Mesmo essa plataforma sendo considerada estratégica no sentido de se reaproximar do público mais jovem, já que para os catequistas “ a garotada não tá mais no Facebook, tá no YouTube e no Snapchat”, as dificuldades técnicas e a demora no processo de edição audiovisual acabam inviabilizando a iniciativa. Alexandre declara que não é possível comprar equipamentos para profissionalizar esse formato de conteúdo “quando mensalmente tá faltando mil reais em casa”.

Minha percepção sobre a preocupação do casal com a sustentabilidade financeira de O Catequista se confirmou, quando poucos dias depois dessa conversa, Alexandre comentou comigo que tinha resolvido dar andamento a ideia de um financiamento coletivo para o blog. Justificada pela ideia de expansão do trabalho de catequese e motivado pelo slogan de que “é hora de ir além”, a campanha de financiamento foi lançada com vista a aumentar, diversificar e profissionalizar a produção de conteúdo do site. O apelo é para que os leitores contribuam mensalmente com a doação de valores que variam entre 15 a 1000 reais. A cada meta de financiamento alcançada, os blogueiros prometem melhorias na produção de conteúdo; da garantia de continuidade do projeto, a produção semanal de vídeos (com a terceirização do trabalho de edição), até a

profissionalização do blog com a criação da “redação O Catequista”, e a dedicação exclusiva do casal ao site.

O lançamento da campanha aconteceu ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2017. Primeiramente, foi lançado um *teaser* de promoção da marca de O Catequista convocando seus leitores a enviarem relatos sobre o seguinte tema “Como O Catequista impactou a sua vida”. A partir de depoimentos enviados pelos leitores, foi produzido um vídeo em que várias pessoas declaravam seu apoio a missão de O Catequista. Já num segundo momento, foi lançado oficialmente a campanha de financiamento coletivo através da plataforma on-line Catarse. Como costuma acontecer nesse tipo de financiamento, cada faixa de contribuição recebe um tipo de recompensa que varia entre menção no site até cursos e palestras on-line e envio de produtos exclusivos como livros e camisetas.

Apesar do número de adesões ao financiamento coletivo estar aquém do esperado pelos blogueiro, percebo essa iniciativa como emblemática do tipo de gestão desenvolvido em O Catequista. Parece-me evidente o papel de liderança de Alexandre, enquanto Viviane restringe sua ação a questões mais pastorais como a produção de conteúdo e o contato direto com os leitores. Além de questões relativas aos papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade, essa diferença de atuação entre o casal também é influenciada pela atividade profissional de Alexandre como gerente de projetos e pelo histórico empreendedor de seu pai.

Embora o catequista negue essa influência paterna, afirmando que ele só sabe empreender “em coisas que não dão dinheiro”, acredito ser possível fazer aqui uma relação. Em uma das minhas visitas a residência dos catequistas, conheci o pai do blogueiro. Assim que o senhor Plácido entendeu o que eu estava fazendo ali, começou a me contar sobre a sua trajetória de imigrante espanhol no Brasil que, a partir do trabalho e do empreendedorismo, se estabeleceu como tradicional comerciante em Copacabana durante muitos anos. Nos poucos minutos de conversa, foi possível perceber no pai visões de mundo acerca de economia, política, trabalho, família que, de certa forma, também são percebidas no filho. Guardada as devidas proporções, entendo ser possível afirmar que a visão de empreendedorismo e liderança de Alexandre também é uma herança familiar.

Outra herança que emergiu como muito significativa para compreensão da atuação dos blogueiros foi a sua ligação com o movimento Comunhão e Libertação. Surgido na Itália em 1954, Comunhão e Libertação (CL) foi fundado pelo padre Luigi

Giussani (1922-2005) quando esse buscava realizar um trabalho mais contundente junto aos alunos da escola em que trabalhava como professor de religião. Depois de um período inicial no qual esteve diretamente vinculado ao trabalho da Ação Católica, o grupo de Giussiani se reorganizou de forma independente e passou a congrega também estudantes universitários e adultos. A explicação sobre o nome do movimento, conforme descrito no site oficial de CL, é reveladora sobre a sua proposta e expressa a convicção de que o fundamento da autêntica liberdade do homem está no evento cristão vivido em comunhão. Assim, o objetivo do movimento é promover a educação cristã de seus membros no sentido da colaboração com a missão da Igreja em todos os âmbitos da sociedade¹⁰. Entretanto, não são pelos seus fundamentos ontológicos que Comunhão e Libertação é normalmente conhecido, mas por sua articulação com o sistema político. Sobre isso, Testa (2016) faz importante consideração sobre as diferenças da atuação do movimento na Itália e na América do Sul: “nesta região, Comunhão e Libertação não gozam da influência social e política que tem na Itália, onde é amplamente conhecido pela população e participa ativamente do sistema político [...] o CL funciona localmente na América do Sul, onde pode ser considerado um pequeno movimento” (TESTA, 2016, p.1055, tradução nossa). A pequena expressividade do movimento no Brasil é atestada pela sua presença em apenas 31 cidades do país.

Se o número de grupos e membros é reduzido no país, a experiência proporcionada pelo movimento parece ser intensa. Pelo menos foi assim com Alexandre e Viviane que tiveram suas vivências no catolicismo marcadas pela participação nos grupos de Comunhão e Libertação desde a adolescência. Atualmente, o casal não participa ativamente das atividades de CL porque privilegiaram o trabalho no blog e a catequese paroquial, o que já ocupa bastante do seu tempo que também é dividido entre o trabalho e o cuidado dos filhos. Mesmo assim, Alexandre deixa claro o papel central que o movimento tem na formação deles como leigos e, de forma mais ampla, como pessoas: “o jeito de olhar o mundo e entender o mundo tem a ver com o que a gente aprendeu no Comunhão e Libertação. O Comunhão e Libertação nos deu os critérios pra gente interpretar o mundo, a vida, a liturgia. É por isso que eu não consigo dizer que eu não sou de Comunhão e Libertação”.

¹⁰ Conforme explicação disponível em <<http://br.clonline.org>>

Todavia, no decorrer de minha convivência com os catequistas, certas insatisfações com o movimento também apareceram diversas vezes. A mais recorrente era sobre a dificuldade de se conciliar a participação nos compromissos do movimento com a rotina familiar. Ao falar sobre a influência de CL na atuação deles como leigos, Viviane demonstrou descontentamento em relação a prática do movimento: “agora, o impulso de ação (do blog) não teve nada a ver com Comunhão e Libertação. Porque aqui no Brasil eles são muito... falam muito e não fazem porra nenhuma”. No mesmo sentido, Alexandre também demonstra insatisfação com as perspectivas de ação do movimento e ressalta como o trabalho que ele e Viviane buscam fazer no blog se distancia da prática comunicacional do movimento: “eles carecem de uma visão mais estruturada, que é um problema de muitos movimentos. Eles pedem às vezes pra gente publicar umas coisas do próprio Comunhão e Libertação no O Catequista... Não, a gente tem uma linha editorial, tem uma marca”. As falas nos levam a crer que a escolha, por privilegiar a atividade do blog, vai além das insatisfações com o movimento Comunhão e Libertação, evidenciando um desejo por autonomia no trabalho de evangelização e por possibilidades de experimentações.

E essa busca por autonomia, continua sendo motivo de tensões na vida dos catequistas. Uma das grandes novidades a que tive acesso durante minha segunda visita foi que o casal tinha trocado de paróquia. Quando os conheci em 2015, eles eram paroquianos na igreja de Nossa Senhora de Copacabana que tem como sede um grande templo de arquitetura contemporânea numa das avenidas principais do bairro. Depois de muitos anos de participação e atuação como catequistas nessa comunidade, Viviane e Alexandre começaram a se sentir cerceados pela nova coordenadora da catequese. Quando questionei se o motivo para tal cerceamento seria a atividade deles no blog ou alguma discordância em relação a questões pastorais, políticas ou ideológicas, eles afirmaram que não e me relataram que a perseguição acontecia motivada por decepções e discordâncias da nova coordenadora com o movimento Comunhão e Libertação. Mesmo o casal não frequentando atualmente o CL, segundo eles, a nova liderança paroquial não admitia que o método catequético do movimento fosse utilizado. Sentindo-se pressionados a mudar completamente sua metodologia de trabalho, resolveram procurar outra paróquia onde se sentissem mais livres para atuar.

Assim, Viviane e Alexandre passaram a frequentar as atividades e atuar como catequistas na paróquia Santa Cruz, também em Copacabana. A peculiaridade dessa comunidade fica por conta da sua localização. Apenas algumas quadras mais distantes que a outra igreja da casa dos catequistas, o fato inusitado é que esse templo foi construído no terceiro andar de um shopping center. Para ir à missa ou a qualquer outra atividade paroquial é preciso percorrer os corredores quase sempre vazios do shopping que atualmente é conhecido por reunir grande número de antiquários. O fato da igreja ser “escondida” da população e do senso comum sobre onde se localizam os templos religiosos, faz com que a paróquia reúna número reduzido de fiéis, grande parcela de idade avançada. Frente a esse quadro, uma família formada de pais jovens e quatro crianças chama a atenção. Quando acompanhei os Varela na missa dominical, pude observar a simpatia com que grande número de paroquianos se relacionava com eles, principalmente com as crianças.

Todavia, a grande motivação para os catequistas se estabelecerem nessa paróquia não foi a sua localização peculiar nem a acolhida dos paroquianos, mas o fato do pároco ser conhecido de longa data do casal. Padre Enrico é italiano e, ao vir morar no Brasil, colaborou com o início do Comunhão e Libertação no país. Dessa forma, afirma conhecer Viviane e Alexandre desde pequenos. E essa intimidade faz com que ele demonstre grande confiança nos catequistas e no trabalho desenvolvido por eles. Depois do padre me contar que não costuma acompanhar o blog O Catequista, perguntei se já tinha acontecido de alguém vir questioná-lo sobre a atuação de Alexandre e Viviane na internet. Padre Enrico me respondeu que não e que achava difícil o casal fazer algo com o qual ele não concordasse, já que afirma conhecer tão bem os fundamentos que orientam a ação dos blogueiros a ponto de declarar que “antes que falem já sei o que vão dizer”.

Além da confiança, outro fator que me chamou a atenção na atuação do padre foi a sua ligação com assuntos políticos. Nos dias em que estive frequentando a paróquia, a prefeitura do Rio de Janeiro tinha acabado de dobrar o valor do subsídio repassado para as creches vinculadas ao sistema municipal. Como a paróquia Santa Cruz mantém uma creche em uma comunidade de baixa-renda da região, o crescimento na verba repassada tinha implicação direta na ampliação do trabalho desenvolvido. Mostrando-se muito animado com a novidade, padre Enrico não parecia ter constrangimentos ao elogiar o atual prefeito da cidade e também

bispo da igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus, Marcelo Crivella, pela decisão. Depois de escutar em diversas ocasiões os comentários do padre sobre a questão das creches, fiquei sabendo também que na paróquia, semanalmente, um grupo de leigos, do qual Alexandre também participa, se reúne especificamente para tratar de assuntos políticos. Na reunião que pude participar, a dinâmica lembrava um grupo de estudos: todos liam o mesmo texto e depois comentavam, retomavam as principais ideias, debatiam. O texto em questão era de autoria de Dom Giussiani e refletia sobre questões ontológicas da prática política. Descobri mais tarde que essa dinâmica de estudo é idêntica àquela praticada nos encontros semanais de Comunhão e Libertação.

Além dessas reuniões de estudo, padre Enrico promove também encontros em que políticos são convidados para dialogar com os paroquianos. Ao discorrer sobre essa iniciativa, o sacerdote evidencia seus posicionamentos, deixando bem claro a sua oposição a partidos de esquerda: “Chamo alguém que a gente possa ter o mínimo de denominador comum, porque, por exemplo, o PT nunca mais vou chamar só se for pela curiosidade de uma possível briga”. Apesar de tomar como premissa que os políticos atualmente são mais interessados em seus próprios interesses que em atender as exigências humanas, o padre entende que entre o catolicismo e as ideologias de esquerda há uma incompatibilidade intrínseca. Para ele esses dois sistemas de pensamento possuem contradições de sentido ontológico na medida em que a esquerda entenderia o Estado como superior a pessoa humana e o cristianismo teria a dignidade da pessoa humana como princípio fundamental. Esse tipo de reflexão e trabalho em relação à política, é visto com naturalidade pelo clérigo e considerado como fundamental para a sociedade e para a Igreja. Ao comentar que o seu grupo paroquial sobre política chama a atenção de muitas pessoas, ele lamenta o fato de trabalhos como esse não serem mais comuns, pois, para ele, se mais padres se interessassem por política e fizessem esse trabalho de reflexão com o povo, a realidade seria diferente.

Entendo que as explicações expressas pelo padre também podem ser tomadas como válidas para entender o posicionamento de Viviane e Alexandre. Entretanto, o dado etnográfico mais relevante para a pesquisa me parece ser a constatação de que a presença de questões políticas na atuação dos blogueiros diz respeito a uma visão de mundo, de Igreja e de ação leiga construída a partir do arcabouço formativo do movimento Comunhão e Libertação. Quer dizer, para

Viviane e Alexandre posicionar-se politicamente de forma pública, vincular suas escolhas políticas aos seus princípios religiosos não é uma novidade motivada por dinâmicas surgidas no contexto comunicacional midiático e de internet, mas uma realidade histórica que faz parte de suas trajetórias dentro do catolicismo.

Tal fato pode ser relativizado se levarmos em conta que a experiência de fé politizada também é comum em outros setores da Igreja como as Comunidades Eclesiais de Base e outras pastorais ligadas à Teologia da Libertação, historicamente reconhecidas pelo seu alinhamento justamente com partidos de esquerda. A peculiaridade no caso dos catequistas parece ser, então, a formação religiosa e politicamente conservadora que eles receberam desde a adolescência e que se diferencia de forma significativa da trajetória dos leigos que conviviam com a Teologia da Libertação em suas paróquias e só mais tarde se tornaram críticos dessas ideias. Em tempos de acirramento de ânimos e fortes polarizações políticas e sociais como acompanhamos no Brasil, compreendo que atentar para essas peculiaridades ajuda no entendimento sobre o lugar de fala dos catequistas e sobre as dinâmicas de opiniões e embates na internet, pois evidencia que algumas posturas são mais susceptíveis a disputa dos discursos em circulação na sociedade, enquanto outras já estão historicamente arraigadas nos sujeitos.

5.2 UM PÚLPITO PARA OS CATEQUISTAS: O FAZER DOS LEIGOS NA INTERNET

Atentar para a trajetória do projeto de O Catequista desde o seu início em 2011 até os dias atuais é desvelar parte das dinâmicas que ajudam a moldar a experiência religiosa católica disponível na internet. Tendo em vista o número significativo de leitores e os anos de atividade, considero o blog como um agente que atua na construção e na consolidação de algumas práticas que se tornam característica dessa rede formada pelos católicos na internet.

Nesse sentido, como o próprio nome já sugere, entendo O Catequista como um promotor da popularização da catequese na internet, pois a ideia de ensinar a fé e a doutrina, é a força estruturante do projeto. Enquanto muitos empreendimentos religiosos midiáticos justificam-se pela via da evangelização e do devocionismo, o ímpeto de catequizar é que se mostra como mobilizador central para a ação dos blogueiros. A diferença entre as duas atividades é que a evangelização é o ato de

divulgar a fé cristã e a catequese já diz respeito a uma ação mais metódica de instrução sobre os aspectos doutrinários e morais. Chama a atenção que, ao constatar a necessidade de catequese que existe entre os que já se consideram católicos, Alexandre demonstra certa indignação: “Uma coisa que me incomoda desde o início é que um percentual muito baixo dos católicos é realmente catequizado e entende tudo o que a Igreja fala e propõe. Muitos sequer entendem o que estão fazendo na Missa!”.

Essa indignação com o fato das pessoas que se consideram católicas não conhecerem ou não dominarem os sentidos da doutrina parece imputar aos catequistas a responsabilidade de reverter esse quadro através da atividade catequética no blog. O desagrado pela falta de instrução dos fiéis não deixa de ser uma insatisfação com o processo de formação oferecido pela própria Igreja que, na visão dos catequistas, é falho. Diante disso, a internet surge para eles como solução para as limitações de tempo e espaço da catequese convencional e como catalizador do alcance do trabalho. Alexandre relata que “não conseguia alcançar essas pessoas porque a Crisma acaba sendo procurada apenas por quem quer o sacramento. O blog é uma chance de ampliar o trabalho de catequese para o povo católico”.

Ao atuarem como catequistas de adultos, os blogueiros evidenciam que a grande maioria das pessoas que buscam esse tipo de serviço não é formada por neófitos ou por quem se interessa por um processo de formação religiosa, mas por aqueles que tem interesse apenas na obtenção dos sacramentos. Isso acontece, na maioria das vezes, quando as pessoas interessadas no matrimônio precisam cumprir os pré-requisitos que são a obtenção dos sacramentos do batismo, eucaristia e crisma. Nessa lógica, a catequese e a ministração dos sacramentos ficam esvaziadas de seus conteúdos e significados, adquirindo ares burocráticos, pois funcionam mais como um cumprimento de exigências do que como uma busca honesta por aprofundamento religioso.

Diante desse contexto, catequizar os católicos é o desafio que se impõem e organiza a ação dos blogueiros. Nessa perspectiva, a expressão “povo católico” merece atenção. Inicialmente, eu pensava que ela era só uma forma de expressão, uma coloquialidade que tinha sido adotada por Alexandre como marca pessoal, já que ele sempre começa seus posts e também suas falas em vídeos e programas de rádio sempre com alguma variação da saudação “olá povo católico”. Entretanto,

depois percebi que essa não era uma fala inocente. Dirigir-se para quem já é católico é central na missão do blog e Viviane também confirma esse foco:

O blog é um instrumento de informação, de consolo e de renovação da fé daqueles que já creem na Santa Igreja. Os demais - ateus e pessoas de outras religiões -, em geral, só entram em sites e fóruns católicos para *trollar*, e não para estabelecer um diálogo aberto, sincero e intelectualmente honesto. Eventualmente, estabelecemos diálogos com não católicos, com alguns poucos que se mostram interessados em conhecer a fé católica, ainda que discordem dela. Mas isso são exceções que abrimos (Viviane).

Ao priorizar o diálogo entre os católicos, O Catequista parece tentar justificar a sua falta de interlocução com pessoas de crenças e opiniões diferentes das suas. Sendo assim, os artigos normalmente são escritos com o objetivo de ensinar, esclarecer, explicar a fé, a doutrina e a moral católica. Os textos são construídos com muitas referências explícitas à documentos doutrinários católicos, palavras de papas e santos. Buscando abordar nos seus textos “aquilo que a Igreja diz”, os catequistas constroem a pauta do blog a partir de temas escolhidos por eles, mas também em resposta a assuntos em voga na sociedade ou a dúvidas e pedidos dos próprios leitores. Os blogueiros relatam que é comum no cotidiano de seu trabalho a produção de conteúdo ser orientada tanto pelas dúvidas dos leitores quanto pelos seus comentários que servem como indicativo de tendências de interesse e opiniões do público.

A catequese dos blogueiros também tenta se construir por meio da interatividade característica da internet. Quando perguntados sobre o contato com as pessoas que sempre comentam os posts do blog, os catequistas afirmaram animadamente já terem encontrado vários deles presencialmente. Tanto os moradores do Rio de Janeiro como de outros lugares que, quando estão na cidade, tentam marcar encontros.

Já ao falarem sobre a interação on-line a empolgação pelo contato mais próximo com as pessoas é dividida com a responsabilidade, a seriedade e o cansaço que é tentar dar conta desse tipo de conversação. Um grande número de mensagens via e-mail e Facebook chegam diariamente aos catequistas que afirmam ser possível responder só 50 a 60% dos relatos recebidos. Viviane se mostra sensibilizada principalmente pela grande quantidade de mensagens de cunho íntimo que eles recebem, sempre pedindo algum tipo de orientação ou ajuda. “São como ovelhas sem pastor. Será que elas não têm um diretor espiritual decente, um amigo

mais maduro pra elas falarem essas coisas? É muito complicado. E a gente tem que ter uma sensibilidade muito grande pra responder. Parar, pensar o que escrever”.

Alexandre complementa essa visão afirmando que eles sempre orientam as pessoas a buscarem um acompanhamento presencial. “A gente sempre pede a pessoa que ela pegue aquilo que a gente conversou e vá conversar com um padre. A gente não quer que ela fique só no relacionamento virtual. Porque eu não vejo o contexto, eu pego só um lado da história, eu não sei quais são os outros”.

A conversação nos comentários é uma das atividades mais penosas do blog para o casal. Tanto pelo número de mensagens, quanto pelo teor delas. Viviane comenta como é preciso paciência para responder determinados tipos de perguntas, principalmente quando os leitores não demonstram esforço para compreender aquilo que já estava escrito no próprio texto ou outro material postado.

Quando falo positivamente sobre essa conversação ser um diferencial do blog, já que muitos blogueiros costumam não responder, Alexandre desabafa “eu entendo a dor do cara mas é coisa pra cacete”. No caso de O Catequista, o cansaço dos blogueiros em tentar dar conta da interação desejada por seus leitores sugere as fragilidades da proposta da catequese on-line. Pode ser uma boa ideia falar de forma atraente sobre conteúdos religiosos na internet e, com isso, atingir muitas pessoas. Todavia, não parece ser uma ideia viável tentar responder às demandas de acompanhamento e apoio dessas muitas pessoas, como se fosse em uma turma de catequese convencional.

Outro elemento marcante da atuação de O Catequista que com o andamento do projeto acabou se mostrando mais complexo do que os blogueiros imaginavam foi o humor. Como descrito em outros momentos desse texto, o humor sempre foi entendido como um diferencial do blog e uma das características mais reconhecidas e aprovadas pelos leitores, tanto que o hábito de fazer brincadeiras e piadas para falar de assuntos relacionados a religião, acabou fazendo da “zoeira” uma prática de consumo de conteúdo religioso na internet e que vai muito além dos limites de atuação de O Catequista.

Entretanto, nos últimos anos, desde 2016 aproximadamente, eu já havia notado a diminuição na frequência de memes e outros recursos humorísticos no conteúdo do blog. Obviamente o tom jocoso continua presente nas imagens que ilustram os artigos, nos títulos e na forma de escrever os textos, mas é perceptível que isso tem se dado de forma menos intensa que antes. Ao questionar Alexandre

sobre essa possível perda de força do humor dentro de O Catequista, ele confirmou minha suspeita afirmando que o conteúdo e o público do blog passaram por um processo de amadurecimento impulsionado pela continuidade do projeto e pela cobrança dos leitores. Segundo o blogueiro, como o trabalho de catequese na internet já dura quase sete anos, os leitores do blog foram aperfeiçoando seus conhecimentos e exigindo deles conteúdos mais densos e detalhados. Com isso, os catequistas acabaram sentindo-se pressionados a mudar a forma de construção dos seus artigos, buscando apresentar os temas de forma mais abrangente e fundamentada para não serem interpretados como superficiais e nem correrem o risco de perder a credibilidade perante seu público.

Porque assim, uma coisa que ficou muito claro é que as pessoas não entendem as coisas direito. Você faz uma ironia, a pessoa não entende ironia e você tem que explicar. Você deixa uma coisa subentendida e a pessoa vai lá e posta: 'só para complementar tem esse vídeo do padre Paulo Ricardo e que ele explica melhor a questão' ... Tipo, como se você não soubesse. Na verdade, a gente sabe, só não deu foco naquilo. E assim de primeiro eu falava: 'não me importa mostrar que eu sei, eu quero ir é nesta questão central'. Mas com o passar do tempo a gente foi vendo que dentro da construção de credibilidade que a gente precisava fazer, a gente precisa minimamente citar a questão. Quando a gente faz isso não tem reclamação. A galera diz 'ah não, legal beleza'. Mas quando não faz, o cara toma aquilo como uma informação incompleta, portanto não digna de credibilidade (Alexandre).

As exigências dos leitores, além de limitarem a liberdade dos blogueiros na escolha do foco e da forma de estruturação do texto, também fez com que o humor se tornasse mais raro:

De início, o site era um púlpito para um catequista poder falar e ponto. Eu falava do jeito que eu falava, assim como a Vivi também. E acabou. Então, o humor tinha um papel muito importante porque sempre foi a ferramenta que nós usamos...ele era o espelho daquilo que acontecia na crisma. Só que assim... a gente começou a ser muito mais cobrado... [...] então, quando a gente começa a construir os posts com um pouco mais de estrutura, aí o humor não consegue mais ser central porque a gente precisa explicar muita coisa, fechar muito a coisa... A gente ainda consegue ser informal, consegue ter uns momentos de piadas. Consegue fazer piadas visuais, mas o texto em si já tem que ficar tão mais denso que o humor não consegue sair com tanta facilidade. E é por isso que eu acho, mas isso é achismo, que a gente subiu para um corte de público mais velho (Alexandre).

O humor também tem perdido força em conteúdos de cunho pastoral, ou seja, que tratam diretamente da relação das pessoas com a religião. Tomando como exemplo situações acontecidas na catequese paroquial, em que alguns

catequizandos se sentiram ofendidos por alguma brincadeira, Alexandre afirma que, nesses casos, acha melhor não fazer piadas para não ser mal interpretado: “parece que eu estou sacaneando a situação da pessoa”.

Contudo, apesar do esforço para que o discurso seja argumentativo e não se torne desrespeitoso, as polêmicas e controvérsias parecem ser consequência da catequese desenvolvida pelos blogueiros nas mídias sociais. Na tentativa de dar “muitas explicações” e de “fechar muitas coisas” como pontuado por Alexandre, a prática catequética acaba incluindo também esforços de apologética e ativismo. Quer dizer, a ação dos blogueiros além de ensinar a fé católica (catequese), também passa a defendê-la frente a outras crenças (apologética) e mobilizar os seus leitores frente a questões políticas e sociais (ativismo). A catequese dos blogueiros vai ganhando contornos apologéticos a partir do apontamento de “erros” doutrinários e morais de outras crenças e até de correntes dentro do próprio catolicismo. As seções do blog “Católico #FAIL”, “Crente #FAIL” e “Fantasminha #FAIL” se dedicam, respectivamente, à demonstração das “falhas” na doutrina de católicos da teologia da libertação, evangélicos e espíritas. Com toda essa visibilidade garantida pelo conflito, a treta foi se firmando como característica de O Catequista, apesar das críticas recebidas.

Nesses anos de existência do blog, a treta foi deixando de ser um acontecimento difuso nos textos e comentários para se tornar um elemento fixo na atuação dos blogueiros. Inclusive a ideia e até o termo “treta” passaram a estruturar projetos como o livro “As grandes mentiras sobre a Igreja Católica”, o programa no YouTube “Os caçadores de Treta” e o programa de rádio “A hora da Treta”.

Ao admitir a apropriação intencional do termo à atuação de O Catequista, Alexandre declara que “o treteiro é o lacrador”. Usando gírias correntes na internet, entendo a fala do blogueiro como uma afirmação de que muitas vezes, a treta vai além da polêmica e da controvérsia e se configura em embate e enfrentamento direto. O termo “lacrador” vem da ideia de “lacrar”, gíria usada para se referir, no contexto de um debate, a declarações ou atitudes tão contundentes a ponto de encerrar definitivamente uma discussão, de “lacrar” aquela questão. O termo “mito” também é outra gíria usada para se referir ao desempenho contundente e diferenciado de alguém. Assim entendo que tais gírias carregam consigo sentidos de desconstrução e desqualificação do outro com quem se debate.

Em O Catequista a treta ganha tais contornos mais ofensivos em algumas piadas ao longo dos textos, em memes e na conversação nos comentários, principalmente, no Facebook onde há mais diversidade de opiniões. Os enfrentamentos se constroem numa ideia de “legítima defesa” ou “direito de resposta” frente às críticas sofridas pela Igreja Católica. Nesse panorama, o humor é usado como forma de amenizar os ataques e de justificá-los dentro de um contexto de internet, como fica explícito no trecho abaixo publicado no blog em 2016:

Atacar a fé católica é modinha. Nos programas de TV, no discurso dos professores, nas peças de teatro, nas piadas, na mídia em geral... O catolicismo é o alvo principal. Mas quando um católico se defende com uma argumentação fundamentada, expondo ao ridículo quem ataca sua fé de forma desonesta e maliciosa, é acusado de “causador de divisão” e de fazer “discurso de ódio”. E quem faz apologética (defesa da fé, com base na razão) é colocado no mesmo balaio de quem espanca um inimigo com um porrete ou incita que outros o façam. [...] Além do esclarecimento da verdade, nossos posts funcionam como um alívio cômico para o drama que os católicos vivem em seu dia a dia: são achacados na escola, na universidade, no trabalho e nas redes sociais por pessoas sempre prontas a meter o pau no catolicismo. Gostamos de responder a esses ataques com humor e, sim, com insolência! (O CATEQUISTA, 2016).

Como já pontuei em outro texto, (FLORES DA ROSA e SILVA, 2017) entendo que apesar dos discursos serem construídos com muitas referências doutrinárias e em tom explicativo, a escolha por privilegiar a polêmica e o enfrentamento faz com que a apologética e a catequese fiquem esvaziadas, se configurando mais em performance midiática que em ensino ou defesa da fé.

Em nossa última conversa presencial, algumas declarações de Alexandre sinalizam que os blogueiros também percebem os desdobramentos negativos desse tipo de postura. Contudo, o que realmente me parece significativo é que o questionamento sobre as tretas não se dá no sentido de rever os princípios desse tipo de postura, mas na sua efetividade para o trabalho desenvolvido. Ao falar sobre os embates nos comentários, Alexandre afirma que na sua opinião a intervenção ativa nessas discussões seria pouco proveitosa, mas que Viviane gosta desse tipo de debate e, por isso, costuma se envolver diretamente: “a Vivi ela gosta de entrar na treta e ficar lacrando lá: ‘vou mitar’... então ela começa. Eu acho isso uma perda de tempo do caramba”.

Já ao falar sobre a repercussão de conteúdos ofensivos entre os leitores, o catequista é mais contundente na autocrítica:

Isso eu tenho limado completamente... não é para agredir dessa maneira... se eu estou agredindo qualquer coisa do gay ao protestante, ou destes que estão me lendo, ele vai parar de ler porque ele foi ofendido. E aí o meu problema é pastoral, porque daí o meu trabalho como catequista deixou de ser feito. [...] Isso acaba tomando conta do post, entendeu? Eu não consigo mais falar com o público. Perdi o post porque as pessoas ficam focadas naquele xingamento. Tanto a pessoa ofendida quanto jujuba que não quer xingar. Então, eu perdi a catequese porque as pessoas estão focadas se eu posso ou não ser grosso, se eu posso ou não xingar, se eu posso ou não ser zoeiro. E não é isso! Isso foi um aprendizado com o site, mas também aqui porque eu já ofendi muita gente sem querer (Alexandre).

Diante de tais declarações, compreendo que na catequese desenvolvida pelos leigos, o empenho em recatolizar a sociedade é bem mais evidente do que em outros produtos do catolicismo midiático como a atuação dos padres cantores, por exemplo. Se, na análise feita por Carranza (2011) a reafirmação da filiação eclesial por meio da campanha “Sou feliz por ser católico” promovida pelo padre Marcelo Rossi gerava questionamentos sobre a viabilidade desse tipo de discurso em um cenário multicultural, em *O Catequista* o compromisso com a catolicidade é tão naturalizado que a percepção da alteridade se dá apenas em alguns momentos. A interlocução com quem pensa e/ou vive de forma diferente acontece em momentos pontuais, como em alguns textos específicos, em que os catequistas se propõe, de antemão, a garantir uma atmosfera de diálogo e acolhimento, como em artigos mais recentes sobre homossexualidade. Na maioria das vezes, os blogueiros estão tão focados na interlocução com os católicos, que confirmam em sua atuação as tendências apontadas por Sbardelotto (2016) ao referenciar a instituição eclesial como parâmetro central para todas as esferas da vida e valorizarem a catolicidade pela catolicidade. A tendência de “conversa entre pares” resulta no predomínio de comentários de concordância e defesa do catolicismo, mesmo quando as explicações “católicas” de alguns textos não dão conta da complexidade com que tais questões são abordadas no contexto social contemporâneo.

Entre catequese, pastoreio, apologética e tretas a trajetória de *O Catequista* ajuda a moldar a experiência dos católicos na e com a internet, além da própria vivência do catolicismo. Com base na abordagem da internet como um gênero cultural (Miller e Slater, 2000), a atuação de *O Catequista* evidencia modelos de uso da internet que ilustram o que os leigos podem se tornar com ela. A internet possibilitou que os catequistas levassem sua ‘catequese de boteco’ muito além do contexto paroquial, atingindo públicos inúmeras vezes mais vastos que antes. Com

isso, novas liberdades e novos controles adicionaram-se a catequese dos leigos que agora precisam responder a críticas e exigências de padres e fiéis de todo o Brasil. Além disso, a configuração em rede da internet, ao colocar em contato e permitir conversações entre pessoas e grupos com interesses e pensamentos diferentes, impactou profundamente a comunicação dos catequistas que agora, por mais que queiram direcionar seus discursos só para os católicos, não tem como evitar que tais conteúdos circulem entre pessoas com outras visões de mundo, tornando os debates e embates muito mais frequentes. Assim, o site que era apenas “um púlpito para um catequista” se mostra como evidência das formas como a experiência religiosa é vivida na contemporaneidade.

5.3 NO RIO E NA REDE: LÓGICAS E CONTEXTOS DE PROTAGONISMO LEIGO

Entre as muitas descobertas que o trabalho de campo presencial me proporcionou, uma das que eu considero mais significativa, principalmente pela sua aparente obviedade, diz respeito a motivação inicial para o trabalho de O Catequista. A narrativa que Viviane e Alexandre sempre sustentam, tanto para mim quanto publicamente, é de que o blog foi criado para expandir o conteúdo e o alcance do trabalho de catequese já realizado na paróquia. Entretanto, o que descobri em uma das minhas últimas entrevistas em profundidade com Alexandre é que desde o início, o blog foi pensando como uma estratégia de garantir sua autonomia de ação, frente a possíveis disputas ou sanções eclesiais. Levando em consideração a troca de paróquia dos catequistas devido às tensões entre eles e as lideranças paroquiais, tomo tal fato como um indício da intrincada rede de relações e tensões que se forma tanto na internet, quanto na arquidiocese do Rio de Janeiro, em torno da atividade dos blogueiros. Assim, nessa seção do texto busco entender os contextos locais e de internet que sustentam a produção de conteúdo de O Catequista.

Nessa perspectiva, entendo que a primeira característica do projeto que precisa ser constantemente sustentada e justificada é o formato independente de atuação dos leigos. Com opiniões e posicionamentos claros em relação a questões eclesiais, pastorais, doutrinárias, morais, políticas e sociais, os leigos parecem desafiar a hierarquia da Igreja ou, pelo menos, causar desconfortos. As novas possibilidades de ação abertas para o leigo pós Concílio Vaticano II ainda causam desconfianças, inclusive entre os próprios fiéis. Para Viviane, os constantes

questionamentos sobre haver ou não padres integrando a equipe do blog, revelam que muitas pessoas ainda acreditam que o leigo não tem capacidade ou autorização para falar sobre assuntos de fé:

Falar sobre fé era uma coisa muito restrita ao clero. Mas com o Concílio Vaticano II, os leigos foram chamados ao apostolado. Claro que você não pode sair falando... tem que sempre explicar a doutrina, não pode sair divulgando heresias. Mas dentro desse bom senso o leigo só não pode como deve falar de Cristo. Mas muitas pessoas tá com cabeça pré-conciliar. Ai perguntam: tem padre aí revisando o que vocês publicam? Vocês deviam ter um padre dando chancela ao que vocês escrevem (Viviane).

O questionamento sobre a presença de padres na equipe se tornou tão frequente que os catequistas inseriram explicações e justificativas sobre a legitimidade da ação dos leigos na seção de apresentação do site. Utilizando-se de trechos de documentos eclesiais e de afirmações do Papa Francisco, os leigos encontram “naquilo que a Igreja diz”, respaldo para a sua atuação. Mesmo assim, tal justificativa não parece ser suficiente. Os blogueiros já foram intimidados por sacerdotes a apagarem do site um texto considerado inadequado e também são frequentemente questionados por leitores sobre a suas prerrogativas para abordarem determinados temas e sustentarem certas opiniões, principalmente quando essas correspondem a posições políticas e críticas ao clero ou a diferentes correntes do catolicismo. Outro fato que também ajuda a ilustrar esse tipo de desconfiança, aconteceu quando eu participava de um evento acadêmico no qual o trabalho apresentado por mim trazia O Catequista como objeto empírico. Com um grupo de trabalho formado por vários seminaristas e estudantes de teologia, ao término da minha fala uma das primeiras questões levantadas foi sobre a formação dos catequistas como teólogos para “poder falar aquilo”.

No contexto da arquidiocese do Rio de Janeiro, a repercussão da atuação de O Catequista também gera estranhamentos. Em meu trabalho de campo presencial, tive oportunidade de perguntar ao vigário suburbano da arquidiocese, padre Nivaldo Júnior, como os blogueiros eram vistos por outros leigos e padres. Mesmo considerando que não era possível ter uma visão ampla da questão, o sacerdote afirmou escutar bastante críticas e questionamentos sobre o trabalho dos blogueiros, principalmente por que, segundo ele, as pessoas ficam um pouco assustadas com a forma direta e, às vezes, irreverente como os assuntos são tratados no site. Isso faz com que muitos percebam O Catequista como um agente de desconforto ou até

como quem age “apenas para fazer pirraça”. Nesse caso, a desconfiança parece ser vencida pela “autenticidade” do casal, pois padre Nivaldo argumenta que as pessoas falam isso porque não conhecem o testemunho dos catequistas como casal leigo atuante em uma paróquia, pais de cinco filhos e que agem “por amor a Igreja”.

Buscando desviar de visões clericalistas e academicistas, “falar o que a Igreja diz” é a meta e a justificativa da ação dos blogueiros. Nesse sentido, toda a vez que nos artigos do blog há embates ou críticas a algum membro da hierarquia ou a algum setor específico da Igreja, a aparente uniformidade da ideia do que é a Igreja e do que é o seu discurso é desfeita. Ao criticarem o alinhamento da Pastoral da Juventude e do teólogo Leonardo Boff com ideologias de esquerda, ao apontarem erros doutrinários no discurso de padres midiáticos como Fábio de Melo e ao classificarem como “condenável” a prática de inovações litúrgicas (missa crioula, missa sertaneja, missa afro, entre outras), por exemplo, os catequistas evidenciam que a suposta neutralidade do seu discurso, “baseado nos documentos da Igreja”, na verdade corresponde a um projeto de catolicismo e de sociedade. As contrariedades sobre a atuação dos catequistas vão muito além das possíveis tensões entre leigos e clero, mas dizem respeito às disputas entre diferentes setores da Igreja.

Nessa perspectiva, as relações que os blogueiros vão construindo se mostram fundamentais para a sustentação do projeto, especialmente, a proximidade de Alexandre com Dom Orani João Tempesta. Dom Orani é arcebispo do Rio de Janeiro desde 2009 e em 2014 foi nomeado cardeal, se tornando, juntamente com outros seis bispos brasileiros, membro do Colégio Cardinalício, órgão que assiste e aconselha o Papa. O blogueiro conheceu o cardeal durante a Jornada Mundial da Juventude, evento que reuniu milhões de jovens com o Papa em 2013 no Rio de Janeiro, oportunidade na qual o leigo coordenava a sala de imprensa do evento. A partir daí os laços foram estreitados e, em 2015, Alexandre passou a atuar como comunicador voluntário na rádio Catedral, emissora da arquidiocese do Rio de Janeiro. A participação do blogueiro na rádio começou como comentarista de um programa de notícias, função executada até hoje.

Só tive dimensão da importância da figura de Dom Orani para O Catequista na minha primeira visita ao Rio de Janeiro em 2015. Na ocasião, era nítida a empolgação do casal ao comentar comigo que “as pessoas sabem que a gente tem um relacionamento com Dom Orani” e que “Dom Orani gosta do blog” apesar de

sempre reafirmarem categoricamente que “o blog ele não tem uma ligação direta com Dom Orani”, ou que “a gente é independente de toda a estrutura da Igreja”. Mesmo assim, meus interlocutores, afirmavam que, por entender a proposta do blog, Dom Orani acabava respaldando a autonomia deles, mesmo frente a reclamação de outros padres e fiéis que costumavam reclamar do discurso dos blogueiros. Segundo o casal, o cardeal também era o responsável por respaldar os posicionamentos políticos e os comentários acalorados de Alexandre no programa de rádio.

Apenas na minha segunda visita em 2017, tive a oportunidade de encontrar com o cardeal e conversar com ele sobre O Catequista, buscando comprovar ou não todo o apoio que os blogueiros afirmavam ter. Depois dessa entrevista, minha primeira impressão foi de que Dom Orani tinha sido evasivo demais nas respostas, demonstrando apenas não querer se comprometer com os blogueiros, pois declarações como a descrita a seguir eram recorrentes na conversação:

ele [Alexandre] não é alguém oficial. Ele já veio pronto. Nós não temos nenhuma interferência nos assuntos que ele fala, como que ele diz. Ele que estuda com a esposa. Ele que aprofunda essas questões todas e tudo mais. Ele tem toda a independência naquilo que ele faz, né (Dom Orani).

Contudo, ao escutar a gravação da entrevista em outro momento, percebi várias falas que transparecem o conhecimento e a aprovação do cardeal. Mesmo ao frisar que o trabalho de Alexandre acontece por iniciativa e motivação pessoal, Dom Orani dá a entender o seu assentimento com a proposta: “ele gosta e faz bem”. Da mesma forma, em outro trecho, o arcebispo destaca que além da liberdade de leigo, o blogueiro também goza da sua confiança: “é alguém que tem toda a liberdade, como todo leigo tem, de ir e vir, de falar aquilo, que tem toda a nossa confiança, que estuda e que fala de acordo com aquilo que a Igreja pensa. Essa é a nossa convicção”.

A convicção do cardeal, também parece ser a necessidade de que o discurso da Igreja tenha espaço na sociedade atual. Dessa forma, a internet é vista como arena privilegiada de formação de opiniões onde “o que a Igreja diz’ deve estar presente para colaborar com a restauração da verdade nos debates.

A internet é um terreno de todos, onde cada um fala como acha que deve falar, tanto a favor quanto contra. E é bom termos pessoas bem informadas que possam restaurar as verdades. [...]. É bom que tenhamos leigos bem

informados que tenham seu próprio protagonismo e façam bem o trabalho, acho que o Alexandre é um deles (Dom Orani).

Nesse sentido, a ação dos leigos na internet é aprovada e tomada como forma de garantir a participação da Igreja nas discussões sociais. Segundo o cardeal, tendo em vista que o clero não dá conta desse tipo de ação devido aos seus inúmeros compromissos, mesmo de forma não oficial, “os leigos bem preparados podem e devem fazer isso”, ou seja, garantir o lugar de fala da instituição no debate público para que “não se fique só ouvindo a voz dos outros”.

Diante desse incentivo de Dom Orani à presença ativa dos leigos na internet, perguntei a opinião do arcebispo sobre a mobilização dos católicos em torno de pautas sociais e políticas nas mídias sociais, ação que recebe muitas críticas daqueles que entendem não ser apropriada a combinação entre interesses políticos e filiações religiosas. Baseado na mesma percepção de que em meio a “voz dos outros” a voz dos católicos também tem direito de ser ouvida, o cardeal parece entender o outro como aquele que critica a Igreja Católica e suas pautas conservadoras. Diante disso, Dom Orani afirma que a mobilização dos católicos em defesa de seus valores e moral se justifica pela existência de muitos discursos contra os cristãos e contra a Igreja em notícias, postagens e comentários e que geram um “clima anticatólico”.

A relevância das declarações do cardeal está nas visões de Igreja e de mundo que elas revelam e no fato de que tais compreensões estruturam não só a ação de O Catequista, mas a experiência de muitos católicos com a internet. Ao afirmar que a Igreja precisa ter pessoas bem preparadas para “restaurar as verdades” nos debates da internet, a lógica exposta pelo arcebispo é baseada na ideia de que o discurso da Igreja contém a verdade. A partir disso, também se estruturam ideias sobre a necessidade de propagação da verdade no mundo e sobre a mídia como uma ferramenta propícia para isso. Essa lógica também baseia ideais sobre a necessidade de combater aqueles que querem calar os católicos e, conseqüentemente, a verdade.

Baseado nesse entendimento da verdade como algo objetivo e fixo, que se distancia das visões de mundo contemporâneas baseadas no relativismo, multiplicam-se empreendimentos midiáticos com o intuito de dar voz aos católicos ávidos por ajudar a propagar a verdade ao se engajarem nas discussões públicas sobre temas sociais, políticos e morais. Nesse contexto, em maio de 2017 estreou

na Rádio Catedral o programa a Hora da Treta em que Alexandre e os padres Nivaldo Junior e Augusto Bezerra prometem comentar os principais fatos da semana, buscando dar uma explicação da realidade sob a perspectiva cristã. O programa acontece ao vivo na rádio às sextas-feiras, 18h, e também é transmitido ao vivo pela página do Facebook de O Catequista, além de ser disponibilizado como podcast no blog. É notável que a proposta de A Hora da Treta coloca em movimento as lógicas de atuação e visão de mundo inferidas nas declarações de Dom Orani. Sendo assim, apesar da rádio da arquidiocese ter em sua grade de programação diversos programas independentes, sobre os mais variados assuntos, inclusive política, entendo que a criação de A Hora da Treta pode ser considerada uma estratégia construída também pelo cardeal.

Confesso que quando o programa foi lançado, minha primeira análise foi de que era apenas um novo formato para o mesmo conteúdo de sempre, apenas com a peculiaridade de ter um foco mais intenso nas questões políticas. Contudo, minhas visitas a sede da rádio Catedral revelaram enquadramentos que eu desconhecia. Ao conversar com Jussara, uma funcionária da rádio, pude entender como a conjuntura local foi decisiva para a formatação do programa e como a escolha dos apresentadores foi significativa. Segundo minha interlocutora, A Hora da Treta nasceu no contexto das eleições municipais de 2016 em que a disputa entre Marcelo Crivella (Partido Republicano Brasileiro) e Marcelo Freixo (PSOL) se configurou pela polarização entre direita x esquerda, conservadores x progressistas. Nesse sentido, a proposta de um programa de rádio dedicado a tratar de questões políticas seria uma resposta a tais disputas, principalmente, por ser encabeçado por pessoas com posicionamentos bem definidos como os de padre Nivaldo Junior e Augusto Bezerra e Alexandre. Os sacerdotes se destacaram no contexto da cidade por encabeçarem campanha nas mídias sociais contra a candidatura de Freixo, sob o argumento da incompatibilidade entre socialismo e catolicismo. O posicionamento dos padres e sua campanha contra o candidato do PSOL foram tão contundentes que eles foram citados como líderes conservadores em reportagem¹¹ da revista Carta Capital que tratava da polarização política também dentro da arquidiocese do Rio de Janeiro. Já a participação de Alexandre no programa pode ser entendida como mais uma forma de consolidação de sua postura e trabalho.

¹¹ Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/politica/igreja-catolica-se-divide-na-eleicao-no-rio-de-janeiro>>

Dessa forma, o fato da emissora de rádio oficial da arquidiocese veicular um programa com as características de A Hora da Treta soa como validação de discursos, posturas e formas de apostolado. Mesmo que o apoio não seja declarado, a presença dos sacerdotes e de Alexandre na rádio acabam sendo um respaldo que ajuda os apresentadores a lidarem com as opiniões contrárias. Como relata padre Nivaldo, além de ser confrontado por opiniões politicamente contrárias às suas, ele também já foi acusado de estar apenas querendo visibilidade na internet ou de estar fora de seu juízo: “eles entendem que eu estou ‘atacado’ por que eu estou brigando na rede social”, comentou. No entendimento do sacerdote o problema não é a sua aparente mudança de comportamento, mas o fato de “já ter perdido muito tempo calado”.

Nesse sentido, apesar dos sacerdotes e do blogueiro sustentarem juntos as polêmicas do programa, a construção de suas trajetórias pastorais e midiáticas são diferentes. Como o próprio padre Nivaldo descreveu, ao comparar o seu trabalho com o realizado por Alexandre, ele entende que as propostas são diferentes: “a gente procura ir mais na treta mesmo e ali também ensinar, dizer o que é certo. E ele tem mais o estilo catequético”. Apesar da proximidade de objetivos e temáticas entre a atuação do padre e dos blogueiros, as diferenças de postura são percebidas pelos demais fiéis e evidenciam nuances nas formas de apostolado católico na internet.

Em minha conversa com Jussara, suas declarações externaram avaliações sobre a atuação de diferentes atores católicos na internet, principalmente em relação aos padres apresentadores do programa A hora da treta e a O Catequista. Nas falas foi possível perceber certa desaprovação e preocupação com o apreço a polêmica demonstrado pelos padres. Para ela, a tendência a polemizar assuntos com muita frequência e sustentar posições políticas muito rígidas se torna chato e dá margem para interpretações equivocadas da realidade.

Longe de ser exclusividade dos padres em questão, o apreço pela polêmica marca a atuação de muitos católicos na internet. É necessário pontuar ainda que a audiência garantida pela polêmica é fator preponderante para a justificação da prática. Com isso, muitas vezes, a polêmica entre os católicos na internet se firma como prática sem que seus desdobramentos sejam devidamente avaliados.

Já ao avaliar a atuação de O Catequista, Jussara declara que “o Alexandre tem uma coisa interessante, que é uma linha tênue que até agora ele tem

conseguido manter em O catequista. Que ele ainda não partiu para esse extremismo que eu estou te dizendo”. Apesar de enxergar nos blogueiros um esforço maior para manter o equilíbrio, ela também percebe neles posicionamentos considerados errôneos. Para ilustrar tal percepção minha interlocutora cita um texto sobre namoro e castidade, em que considerou a interpretação machista. Considerando esses textos apenas como um exemplo de alguns posicionamentos com os quais não concorda, Jussara também declarou encontrar resistência ao diálogo sobre algumas questões, afirmando que prefere não compartilhar algumas opiniões com o blogueiro por acreditar que a sua interpretação será desfavorável. É interessante notar que, apesar da postura de O Catequista ser considerada mais branda que a dos padres “treteiros”, a abertura ao diálogo muitas vezes não chega a acontecer. Nesse sentido, me parece que a rigidez de posturas dos blogueiros também está ligada a necessidade constante de marcar a distinção de seu posicionamento frente aos discursos ‘de esquerda’ e ‘anticatólicos’ que circulam na sociedade, para marcar a sua adesão e fidelidade a instituição eclesial.

Nesse panorama, compreendo que o protagonismo dos leigos na internet precisa dar conta de duas grandes ancoragens para se sustentar: a produção de conteúdo relevante para a audiência e a manutenção da fidelidade ao que a Igreja diz. Diante de tais demandas, a estratégia principal de O Catequista tende a se voltar mais para a diferenciação que para a articulação. Em nossas conversas, o casal frequentemente tecia críticas a outras iniciativas católicas na internet que, segundo eles, tem uma visão limitada sobre o apostolado que buscam desempenhar. Alexandre afirma que enquanto a maioria das outras páginas católicas buscam apenas “enxugar gelo”, respondendo de forma reativa aos acontecimentos ou aos debates propostos por outros atores sociais, ele e a esposa buscam ter a sua própria pauta e assim, produzir conteúdos que se diferenciam de outras ofertas. “Eu quero fazer a agenda, eu não quero correr atrás da agenda dos outros. Não faz sentido para mim isso”, afirma o blogueiro que com essa postura entende que “O Catequista é um dos sites mais isolados dentro de todo esse ecossistema”.

A estratégia de diferenciação também organiza a ancoragem de O Catequista junto à instituição eclesial. Além de todas as práticas e contextos de ligação dos catequistas com o clero já descritos até aqui, o credenciamento de Alexandre junto a sala de imprensa da Santa Sé dá ao projeto de O Catequista, um status privilegiado

frente as demais iniciativas católicas na internet. Isso porque o credenciamento de Alexandre foi o primeiro no mundo concedido a alguém que não mora na cidade de Roma e que não atua em um veículo jornalístico, mas em um blog. Apesar de no dia-a-dia dos blogueiros esse credenciamento não ter impacto tão direto no trabalho, pois eles não produzem notícias factuais, o feito tem sentido simbólico muito relevante. Como descreve Alexandre, o credenciamento firmou a ideia de que eles são “tradutores do papa”. Tendo em vista que muitas declarações do Papa Francisco circulam na mídia secular com conotações consideradas equivocadas pelos católicos, o blog já buscava comentar e explicar as palavras do Pontífice. Tal prática ganhou mais relevância depois do credenciamento. “A gente virou referência de interpretação sobre o que Francisco quis dizer. O Catequista vai primeiro. Acho que isso favoreceu o credenciamento na sala de imprensa e, ao ser credenciado, essa busca aumentou”.

Mesmo que o credenciamento seja uma conquista duradoura para O Catequista, a fidelidade a Igreja é um valor que está sempre em jogo. O entendimento que proponho aqui é que, por mais que os blogueiros atinjam níveis de relevância e confiabilidade com seus discursos e ações, devido a sua expertise na internet e a boa aceitação de seus conteúdos, sempre haverá uma desvantagem histórica em questões de autoridade em relação ao clero que exige dos leigos um constante esforço do casal para mostrar a sua fidelidade à doutrina e tradição da Igreja.

Contudo, os fiéis não lidam com algo que lhes é próprio. Por isso, a ideia de uma “fidelidade tática” parece apropriada. A tática é “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreende-lo por inteiro, sem poder retê-lo a distância” (DE CERTEAU, 2013, p.46). Como a tática lida com aquilo que não lhe é próprio, sua condição precisa ser sempre renovada. “O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões” (idem). Assim, pensar na fidelidade construída pelos catequistas no blog em termos de táticas é atentar para o fato dela estar sempre em construção e nunca terminada. Se até agora, a maioria do clero e demais católicos consideraram O Catequista fiel a doutrina e tradição da Igreja Católica, no próximo texto postado tal condição está novamente em jogo, podendo ser confirmada ou colocada em risco.

No Rio e na rede, os catequistas, apesar de buscarem um posicionamento exclusivo que os diferencie das demais iniciativas católicas na internet, tem na aderência ao discurso da Igreja sua maior meta e justificativa de ação. Retomando a metáfora que nomeia esse capítulo, mesmo sendo eles os donos do boteco e estando atrás do balcão, o protagonismo exercido pelos blogueiros é oficioso. Mesmo que a atuação do casal se construa com liberdade de iniciativa e os seus posicionamentos gerem tensões e exijam acomodações da instituição eclesial, é a reafirmação da adesão à Igreja, como lógica de atuação e visão de mundo, que garante a continuidade e dá relevância ao projeto.

6 – A INTERNET DOS LEIGOS

No último capítulo analítico do trabalho me proponho a explorar as evidências etnográficas coletadas nos cinco meses de trabalho de campo em que estive em contato com seis leitores de O Catequista. Com isso, a ideia é ter subsídios para entender como os leitores vivenciam a midiatização da religião no contexto digital a partir do entendimento de como eles vivenciam a internet enquanto leigos católicos. Diante disso, parece ser possível falar sobre uma internet dos leigos, ou seja, um formato de experiência de catolicismo moldado por dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso em rede, e uma vivência de internet construída a partir de visões de mundo centradas no catolicismo.

Conforme já descrito no capítulo 2, o relacionamento com os informantes privilegiados foi realizado totalmente a distância e quase inteiramente pela internet, excetuando-se apenas algumas entrevistas realizadas via telefone. Sendo assim, grande parte dos dados etnográficos que descrevo foram construídos por meio de “conversas digitadas” por meio de aplicativos de bate-papo ou e-mail. Já a técnica da observação participante pode ser utilizada no Facebook, com os quatro leitores que possuem perfil nessa plataforma, e no blog O Catequista, tendo em vista a participação dos informantes no espaço de comentários.

Dessa forma, as próximas seções desse texto serão construídas com base nas impressões compartilhadas comigo pelos seis leitores. Tendo em vista o caráter central que a trajetória de vida tem para a conformação das experiências religiosas dos sujeitos, trago a seguir um relato mais detalhado sobre o perfil de cada um dos informantes privilegiados da pesquisa. Na sequência, estruturo os achados de pesquisa em torno das dinâmicas já pontuadas na seção 4.2.3: autoridade, ativismo e moralidade, tomadas aqui como categorias analíticas que nos ajudam a desentranhar sentidos na experiência vivida pelos leigos.

6.1 –TRAJETÓRIAS DE FÉ

Apesar de já ter apresentado um rápido perfil dos leitores no capítulo 2 desse trabalho, os relatos abaixo objetivam descrever mais detalhadamente e a trajetória religiosa dos participantes da pesquisa com vistas a evidenciar as peculiaridades e as proximidades de cada história, que ajudam a compreender melhor a experiência

e a percepção de cada um sobre as dinâmicas da internet. As informações aqui apresentadas foram coletadas através de perguntas enviadas via e-mail para cada um dos leitores no meu primeiro contato com eles. Entretanto, com alguns, os temas referentes a trajetória de fé e os contextos familiares seguiram pautando a conversação e por isso, não há equivalência entre as informações fornecidas por cada leitor.

No geral, meu relacionamento com os leitores foi tranquilo. Na tentativa de estabelecer laços de confiança, no primeiro contato que fiz, eu encaminhei junto um arquivo com as minhas respostas a cada uma das perguntas que eu estava fazendo a eles, possibilitando que eles também conhecessem um pouco da minha trajetória. Percebo que essa estratégia foi fundamental para que o diálogo acontecesse com naturalidade e até com algumas demonstrações de confiança tanto em relação a minha trajetória acadêmica, quanto em relação a trajetória religiosa, já que, vários entrevistados acabavam também me perguntando sobre assuntos de religião no decorrer da conversa. Por exemplo, um dia, uma das entrevistadas me mandou uma mensagem no Whatsapp querendo tirar uma dúvida sobre as missas de final de semana e em qual ela deveria ir. Em outro momento, um dos entrevistados me falou sobre um convite que tinha recebido para ser o responsável por um encontro de oração e me pediu dicas sobre o que poderia ser feito na ocasião. As questões acadêmicas também chamavam a atenção. Em meio a uma conversa, um dos entrevistados quis saber sobre como a temática dos leigos estava sendo tratada na minha tese e me pediu referências de leituras. Além disso, uma das entrevistadas também demonstrou desejo de estar presente na banca de defesa desse trabalho, afirmando que se sentia animada em participar da pesquisa e queria muito saber “o que os seus professores vão dizer”.

Paulo – 40 anos, Taió/SC

O professor de educação física é casado e mora junto com a esposa, o filho de seis anos e a enteada. Em sua casa quase todos participam da Igreja, menos a enteada, que, segundo ele “pouco participa e não tem uma vivência de fé real”. Nascido numa família católica, abandonou a fé na adolescência. Há aproximadamente cinco anos atrás, ele narra que “com uma série de eventos que se desencadearam acabei retornando para o lugar de onde jamais deveria ter saído”. No seu retorno para a igreja, Paulo relata que se tornou catequista por impulso e

acabou desistindo por não se sentir preparado para a função. Depois, foi convidado para fazer parte da equipe de liturgia, que ajuda periodicamente na realização das missas, aceitou e está no serviço até hoje. Ele também passou a fazer parte do “Movimento de Irmãos Shalom”¹² no qual atua como membro do coral e também colabora em serviços paroquiais como leituras na missa, organização de festas, casamentos comunitários, palestras para os leigos entre outros. Sua participação no movimento começou como uma estratégia para tentar envolver mais a esposa na vivência da religião, pois, seu interesse recente pelo assunto causou alguns conflitos: “antes, minha esposa vivia dizendo para mim ir à missa e eu nunca ia e até zombava. Depois era eu dizendo para ela ir comigo todo domingo à missa e ela se negando. O convite para o movimento chegou como uma providência divina para fazer com que os nossos passos se acertassem”.

No início de 2018, Paulo foi eleito coordenador do Movimento de Irmãos na sua paróquia. Agora, além das atividades locais ele também tem envolvimento com atividades regionais.

Camila – 32 anos, Ubá/MG

Camila é formada em Administração e é servidora pública na prefeitura de sua cidade. De família católica, diz ter herdado a fé e tradição de seu avô “que era muito católico”. Ela é solteira e mora com os pais e uma irmã. Todos compartilham da mesma fé e têm algum tipo de envolvimento na comunidade: Camila é catequista, seu pai participa do Terço dos Homens, sua mãe faz parte do Apostolado da Oração e sua irmã ajuda na liturgia da missa esporadicamente. Já a irmã caçula que mora em Belo Horizonte/MG, se afastou do catolicismo. Na adolescência, a catequista diz ter participado de grupos de jovens, mas sem muito compromisso. Só depois de ter passado por um quadro depressivo que ela resolveu se dedicar mais a Deus e a Igreja. Foi nessa ocasião que iniciou seu trabalho de catequese ao qual se dedica há 11 anos.

Além desse envolvimento com a paróquia, Camila também costuma frequentar mensalmente a comunidade de Santa Montanha, no município vizinho de Guiricema/MG. A Santa Montanha é um vilarejo que se formou a partir de supostas aparições de Nossa Senhora a algumas crianças na década de 1960. Atualmente o

¹² Movimento nascido no estado do Paraná em 1970 e que expandiu também para Santa Catarina e que congrega principalmente casais que desempenham serviços nas paróquias.

lugar possui algumas casas de família, uma igreja e um convento de freiras que são responsáveis pelo local. Apesar da Igreja Católica não reconhecer as aparições, o lugar faz parte da devoção popular da região e atrai muitas pessoas. Entretanto, o interesse de Camila pelo local não está nos supostos fatos extraordinários, mas nas práticas de piedade tradicionais seguidas no local e que se diferem daquelas praticadas pela esmagadora maioria das comunidades católicas do Brasil. Segundo Camila. “lá, eles guardam fielmente a tradição da Igreja: missa em latim, confissão no confessionário, mulheres de saia e véu, comunhão na boca e de joelhos... Isso foi o que me atraiu: o zelo pela liturgia, a piedade, o silêncio”.

Gabriel – 30 anos, Jaboatão dos Guararapes/PE

É solteiro, trabalha no Tribunal de Justiça como analista de suporte. Frequenta a Igreja Católica desde criança e atualmente se diz mais ativo na comunidade que a sua mãe, com quem mora até hoje. Gabriel nunca conheceu o pai e não tem irmãos. Em relação ao restante de seus familiares, tios e primos pelo parentesco materno, também há grande número de evangélicos, inclusive tios que são pastores.

Para Gabriel, seu envolvimento com o catolicismo se fortaleceu a partir da adolescência quando frequentou por aproximadamente seis anos um grupo de jovens do movimento Legião de Maria. Depois que o grupo se desfez, passou a atuar em diversas pastorais como da juventude, da comunicação, liturgia, chegando até a coordenar o grupo de coroinhas. Desde 2013 é catequista de crisma. Além dos compromissos semanais com a catequese e a missa, sempre que possível ele afirma participar e, muitas vezes ajudar na organização, e eventos e retiros realizados na paróquia

Rebeca –33 anos, Florianópolis/SC.

Graduada e mestre em engenharia química, Rebeca é nascida no interior de São Paulo e atualmente trabalha com o marido em projetos de arquitetura de interiores na capital de Santa Catarina. É batizada na Igreja Católica, mas como sua mãe passou a frequentar os Testemunhas de Jeová quando ela era criança, acabou crescendo tendo essa doutrina como referência. Desligou-se dessa denominação aos 13 anos, passando a frequentar diversas igrejas, doutrinas e religiões. A partir de 2014, por meio de artigos católicos na internet, passou a se reaproximar do catolicismo e a frequentar missas. Contudo, não se considera filiada a nenhuma religião. Quando perguntei porque ela não se considerava católica já que tinha se

reaproximado na Igreja, ela declarou que apesar de não se considerar alguém que busque espiritualidade sem religião, ainda não firmou sua adesão : “digamos que hoje minha espiritualidade é muito influenciada pelo arcabouço da Igreja, mas para que eu me considere católica, teria de fazer o catecismo, primeira comunhão, e isso implica com uma série de coisas interiores e exteriores que ainda precisam ser conciliadas.”, afirmou.

Em relação as opções religiosas do restante de seus familiares, Rebeca afirmou considerar que a maioria de sua família, pai, tios e primos são de origem católica, mas não são praticantes, além de muitos terem se convertido a igrejas neopentecostais. Atualmente, apenas a sua mãe voltou a se aproximar do catolicismo. Em relação ao seu marido, ela afirma que ele acredita em Deus, mas por ter sido criado por pais “anti-católicos e ateus” não tem vinculação a nenhuma religião.

Pedro – 50 anos, Santa Fé do Sul/SP

É casado, pai de dois filhos, “meio guitarrista, catequista e professor de português nas horas vagas”. Se considera católico “desde sempre”, sendo criado em um lar muito marcado pela religião, já que seu pai foi padre durante 20 anos antes de casar. Mesmo depois de abandonar o sacerdócio, o envolvimento com a Igreja não diminuiu e acabou influenciando o resto da família. Em relação a sua esposa e filhos, Pedro afirma que “o cara de Igreja aqui em casa sou eu mesmo”.

O professor, que se diz apaixonado pela oração do rosário, iniciou seu envolvimento com a catequese em 1984, exercendo a função de forma ininterrupta até 1999. Depois de se afastar durante alguns anos da atividade por questões de doenças na família, retornou à função de catequista e a mantém até hoje. Pedro também já participou do coral da sua comunidade e diz querer se envolver em outras atividades na Igreja, mas que esses projetos se tornam inviáveis pelo fato dele trabalhar em outra cidade e não conseguir chegar a tempo das programações paroquiais.

Letícia - 36 anos, Florianópolis/SC

Gaúcha de Pelotas/RS, Letícia teve sua iniciação cristã a partir dos 17 anos quando se engajou em um grupo de jovens paroquial. Depois disso, participou de movimentos ligados a juventude da sua diocese e em seguida, começou a frequentar o movimento da Renovação Carismática Católica, através do qual conheceu a experiência das Novas Comunidades. Foi no contexto da Igreja Católica

que Letícia também conheceu o seu marido com quem tem três filhos de 0 a sete anos. Depois de intercalar períodos de residência em Florianópolis e Pelotas, ela e o seu esposo fixaram residência na capital catarinense, onde também firmaram vínculos com a Comunidade Católica Shalom.

Atualmente, Letícia e seu marido são membros de aliança da comunidade Shalom. Isso significa que depois de anos participando de um processo continuado de formação, eles realizaram votos públicos que ligam sua vivência de fé e atuação como católicos diretamente às atividades da comunidade. Assim, sua atuação de leiga não acontece vinculada a uma paróquia, mas a sede local da Shalom. Dessa forma, Letícia atua na evangelização de adolescentes e também colabora com atividades de comunicação, colaborando na produção de conteúdo para internet. Contudo, segundo ela, “meu papel máster é de esposa e mãe”.

6.2 – A INTERNET QUE ENSINA A SER CATÓLICO: CONSUMO DE CONTEÚDO RELIGIOSO NA DISPUTA POR AUTORIDADE E MORALIDADE

Ao entender o consumo como prática de produção de sentido que traduz relações sociais, permite classificar o mundo e confere coerência às experiências de vida dos sujeitos (ROCHA, 2004), a análise das relações dos leitores com o blog O Catequista fornece pistas sobre visões de mundo e de Igreja que estruturam suas experiências de fé e de vida. De maneira geral, a experiência dos leitores com o blog se constrói em torno da ideia de uma análise sobre temas catequéticos e fatos atuais que priorizam ‘a voz da Igreja’ e a “visada católica”. As referências explícitas ao discurso oficial da Igreja, além do conhecimento sobre o cotidiano eclesial, são apontados pelos leitores como elementos essenciais na construção de uma relação de credibilidade com os blogueiros, como quem domina os conhecimentos necessários para dizer o que é bom e coerente em relação ao catolicismo. Levando em consideração que todos os participantes da pesquisa afirmam acompanhar o blog há pelo menos três anos, é possível inferir quão significativa podem ser essas relações.

As trajetórias de Rebeca e Paulo são ilustrativas de como um empreendimento midiático religioso pode tornar-se referência na vivência dos fiéis. Como já descrito anteriormente, a reaproximação de Rebeca com a Igreja Católica ocorreu pela internet. Apesar dos méritos dessa “epifania” não serem creditados aos

catequistas, mas ao site do Padre Paulo Ricardo¹³, Viviane e Alexandre são entendidos como os segundos mais importantes produtores de conteúdo nesse processo, pois foram esses sites que mostraram à leitora uma outra faceta do catolicismo, a qual ela desconhecia. Segundo a engenheira, historicamente, sua visão sobre os católicos era de pessoas que iam a igreja apenas por tradição, sem se importarem com o seguimento da doutrina em suas vidas práticas. Com a internet, ela considera que finalmente encontrou “católicos que vivem o catolicismo de verdade”. Já na experiência de Paulo, a identificação com a proposta de O Catequista foi mais gradual, contudo não menos decisiva. No período denominado por ele como “a sua conversão”, ocorrido há aproximadamente cinco anos atrás, o professor de educação física conheceu o blog através de buscas na internet sobre catolicismo. Num primeiro momento, ele declara que não deu importância para aquele site de ideias “arcaicas e medievalescas”. Contudo, quanto mais ele buscava conhecer sobre o catolicismo, mais “aqueles artigos foram soando cada vez mais coerentes com a realidade da vida, de Deus, da Igreja e da salvação. Então, eu me tornei leitor assíduo, até mesmo comentando muito”. Essa identificação se tornou tão forte, que Paulo relatou até ter defendido os catequistas de críticas em discussões nas seções de comentários de outros sites. Nessas dinâmicas de descoberta ou redescoberta do catolicismo, o blog parece se configurar em um elemento de vínculo com a própria religião.

Para outros leitores, a experiência com o blog se fundamenta primordialmente na ideia de formação. Quem já é católico praticante há bastante tempo, ao deparar-se com a grande quantidade de informações, explicações, argumentações e fundamentações sobre diferentes assuntos encontrados no blog, parece sentir-se atraído por aquele arcabouço doutrinário apresentado de forma acessível e pela proposta de formação católica teoricamente fundamentada, como é possível inferir na experiência de Gabriel e Camila. Ao falar sobre suas impressões, Gabriel descreve o casal de blogueiros como “pessoas altamente qualificadas, preparadas e que sabem o que estão falando”. Já Camila é mais enfática, pois ao afirmar sua admiração em relação aos conteúdos religiosos que encontra na internet, ela parece relativizar seus conhecimentos anteriores sobre a sua própria fé e Igreja. Apesar de

¹³ Padre Paulo Ricardo que pode ser considerado a personalidade católica mais influente na internet atualmente, tem mais de 300 mil inscritos em seu canal do YouTube. Entre temas espirituais e ativismo político é conhecido pelo seu discurso de combate ao marxismo.

ser catequista e liderança ativa em sua comunidade, tendo cursado inclusive Curso de Teologia Popular, ao falar sobre sua formação cristã, Camila avalia o processo ofertado pela sua paróquia e diocese como fraco e afirma que “tudo o que eu sei, aprendi na internet”. Dessa forma, para ela, a internet, e não a paróquia, tem se mostrado como ambiente privilegiado para uma formação religiosa significativa. Nesse sentido, O Catequista parece ser tomado como referencial de qualidade na formação e, também, como modelo e fonte de inspiração. Isso porque, tanto Gabriel como Camila, ambos catequistas assim como os blogueiros, relatam utilizar artigos do blog como subsídios para os encontros de catequese, além de se inspirarem na linguagem direta e descontraída na tentativa de melhorar a relação com os jovens. Assim, ao consumirem o conteúdo produzido pelos blogueiros buscam se diferenciar e qualificar suas atuações no contexto paroquial.

Já a experiência de Letícia e Pedro com O Catequista está baseada mais na ideia de informação e troca de ideias. Inclusive, a gaúcha é a única dentre meus interlocutores que afirma ser “amiga no Facebook” dos blogueiros e, com isso, já ter conversado diretamente com eles fora do contexto do blog. Ao mostrarem percepções mais comedidas sobre O Catequista, Pedro e Letícia parecem ser mais seguros do que outros leitores de seus próprios conhecimentos e opiniões sobre o catolicismo e o mundo e, assim, constroem com os blogueiros uma relação mais horizontal de troca que de aprendizado. Apesar de pontuarem a qualidade do trabalho desenvolvido no blog, Letícia e Pedro não chegam a colocar em dúvida suas trajetórias no catolicismo frente aos debates propostos na internet, pelo contrário, buscam evidenciar essas particularidades como forma de contribuir com as discussões. Assim, em diversas ocasiões me deparei com comentários no blog em que Pedro ressalta suas experiências pessoais na vivência de um catolicismo paroquial, e outros, em que Letícia discorre sobre a sua prática e espiritualidade carismática. Quando inseridos nos contextos de debate do blog, as trajetórias e pontos de vista de Letícia e Pedro, costumam diversificar a gama de opiniões envolvidas na conversação.

Outro elemento importante de identificação dos leitores com o blog é o humor. A linguagem descontraída e o tom jocoso de muitos conteúdos funcionam como um valor agregado para os leitores que se sentem engajados em algo inteligente, criativo e atual. Pedro, por exemplo, diz que O Catequista é assim como ele, gosta de ver o lado engraçado das coisas e de ser irônico. Já Paulo, Camila, Letícia,

Gabriel e Rebeca veem o humor como uma forma eficiente de tornar o entendimento mais acessível e os assuntos mais atrativos, diferenciando-se da imagem de seriedade normalmente ligada à religião.

O consumo do blog pelos leitores, motivado inicialmente pela percepção de características de qualidade, atualidade e inteligência, parece se firmar na medida em que os leigos passam a encontrar na atuação de O Catequista, posicionamentos, causas e princípios que fazem sentido para suas vidas. Dessa forma, os processos que constituem a experiência dos leigos católicos na internet são marcados pela presença de temas significativos para a vivência da religião na contemporaneidade. Sendo assim, as reflexões propostas nessa seção serão atravessadas por tais questões que movimentam a experiência vivida pelos leigos na internet e desencadeiam dinâmicas de autoridade e moralidade.

Uma dessas questões é a crítica ao processo de formação religiosa ofertada pelas paróquias. Mesmo em diferentes níveis, é possível afirmar que todos os participantes católicos praticantes da pesquisa, destacam a importância que o conteúdo de O Catequista e de outros sites têm atualmente na formação dos leigos católicos. Ao acessarem, no mínimo semanalmente, tais conteúdos, os fiéis incorporam a internet na sua rotina religiosa e passam a ampliar suas referências de catolicismo para além daquelas apresentadas em suas comunidades locais e familiares. Dessa forma, a percepção comparativa sobre a qualidade do conteúdo encontrado em O Catequista e a deficiência da formação recebida por eles em suas comunidades locais, permeia a fala dos entrevistados. De maneira geral, as reclamações são por conta da superficialidade com que a doutrina é tratada, além da relativização de questões morais e espirituais. Entretanto, o que os leigos entendem apenas como inconsistência formativa, diz respeito também às diferenças entre distintos projetos de catequese. Por um lado, a catequese paroquial normalmente é construída de maneira pouco conteudista e doutrinária, limitando-se ao uso da Bíblia e buscando aproximar os textos evangélicos das realidades comunitárias. Já a catequese dos leigos na internet busca transmitir informações, explanar, comentar, fundamentar, corrigir conceitos e ideias sobre a doutrina e a tradição católicas. Assim, o catolicismo é uma realidade a ser conhecida, entendida e aceita.

E é nessa brecha de formação dos leigos que a atuação dos blogueiros se encaixa e se consolida, principalmente por estabelecer-se sobre a ideia de

diferenciação entre a “verdadeira” doutrina e as opiniões e interpretações sobre ela; e sobre a busca da verdade por meio do conhecimento dos posicionamentos oficiais da Igreja. A seguinte declaração de Gabriel expressa com clareza essa percepção:

[os blogueiros] quando necessário provam que o que eles estão falando está de acordo com o magistério da Igreja, de acordo com o Código de Direito Canônico, tá de acordo com catecismo. Então, eu acho que essa preparação deles, esse empenho deles de ensinar o que diz a doutrina e não o que eles pensam acerca daquele assunto, dá a eles propriedade, autoridade para fazer o que fazem, para falar o que falam (Gabriel).

Dessa forma, entendo ser possível inferir que as características do conteúdo de O Catequista - doutrinários, teórico, conservador - se tornam significativas para os leigos por suprirem demandas já existentes em suas trajetórias religiosas e que não eram atendidas nem pelas comunidades locais, nem por outros produtos midiáticos religiosos.

Outro elemento significativo no consumo de conteúdo do blog é a experiência de conversação e a troca de ideias entre os leigos na seção de comentários do site e das plataformas de mídias sociais. Sendo assim, o consumo de conteúdo se faz num contexto de cultura da participação em que o blog não atua sozinho, mas faz parte de uma rede de páginas e outros atores, que diversificam a produção de conteúdo e endossam o mesmo discurso de defesa da fé, da doutrina e da verdade encampado por Viviane e Alexandre. Além disso, a conversação entre os leitores na seção de comentários do blog e no Facebook também são citadas pelos participantes da pesquisa como elemento importante para o aprendizado, a contestação, a troca de ideias e a formação de opiniões. Ao compartilharem suas experiências e impressões, os leigos reforçam seus posicionamentos, oferecem subsídios para que outros leitores também se sintam mais identificados com essa proposta.

Entre os participantes da pesquisa, Pedro e Paulo são os comentadores mais frequentes do blog. Apesar dos comentários extensos e com muitas referências teóricas e doutrinárias serem usuais, eles costumam ser mais sucintos. Paulo costuma fazer declarações fortes, normalmente condenando o que considera como ‘os inimigos da fé’. Ele diz pensar bastante antes de escrever alguma coisa, mas não importar-se muito com as respostas e as reações de outros leitores a suas declarações. Já Pedro, afirma que apesar de escrever com rapidez, costuma refletir bastante antes de publicar algum comentário e, dependendo do assunto, esse processo pode demorar dias. Mesmo com menos frequência, Rebeca e Letícia

também admitem pensar bastante antes de comentar, pois consideram que essa participação só é válida quando realmente contribui para a discussão. Nessa mesma linha, Camila e Gabriel também afirmam aprender muito lendo os comentários, contudo não possuem o costume de se engajar na conversação.

Motivados pelo consumo de conteúdo diferenciado e pelo encontro com outros leigos que compartilham das mesmas ideias, os leitores também encontram na oposição a algumas correntes de pensamento, um elemento significativo para as suas experiências vividas. Nesse sentido, a postura de combate do blog à teologia da libertação - TL, é também facilmente observada entre os participantes da pesquisa. Desde 2011, O Catequista produz conteúdos abordando a TL como um desvirtuamento que se utiliza da evangélica opção preferencial pelos pobres para viabilizar interesses políticos e desconstruir a tradição doutrinária e moral do catolicismo. Essa oposição confere aos catequistas diferenciação frente a outros discursos e, ainda, é tomado pela maioria dos leitores participantes da pesquisa como chave de leitura da realidade eclesial e de suas próprias experiências na Igreja. Nesse sentido, Paulo é um dos mais inflamados opositores a TL. Seja em seus comentários no blog ou nas nossas conversas por e-mail, normalmente, sua análise sobre os problemas da Igreja e dos fiéis está sempre ligada ao fato do pensamento marxista ter “deturpado” o catolicismo. Nessa lógica, a internet e o blog surgem para ele como a única alternativa para escapar dessa influência:

A influência que os sites católicos exercem vai ao encontro com aquilo que as pessoas em nosso país estão esperando acontecer nas suas paróquias: aprender sobre as coisas da fé sem influência da teologia da libertação em seu lado marxista ou influência protestante. [...]só pela internet que tenho acesso a coisas que, infelizmente, deveria ter na paróquia ao qual pertença, mas não tem e se depender das coisas como andam, nunca terá. Pela internet tenho acesso a comentários bíblicos feito por padres que prezam pela salvação das almas ao invés da famigerada luta de classes (Paulo).

Já Camila entende que a sua busca “por aquilo que é certo”, fez com que na internet ela encontrasse explicações sobre os “erros” da teologia da libertação que confirmaram a sua percepção inicial de não identificação com esse setor da Igreja:

Não gosto muito da teologia da libertação. Eu não me identifico nem um pouco... quando eu via determinadas coisas aqui, eu não sabia..., mas assim, pela minha experiência né, a experiência que eu trago assim da minha família, do meu avô que era católico e tudo... parecia muito distante daquilo ali sabe, do pouco assim que eu sabia, eu achava meio estranho. Então quando eu comecei a ver, a entender melhor, a buscar, a conhecer, e eu comecei pela internet, pelas páginas católicas, aí eu comecei a entender um pouco melhor o que é a Igreja (Camila).

Mais uma vez, a ideia da verdade se apresenta como estruturante da atuação dos blogueiros e também da experiência dos leitores. Nesse caso, a oposição aos pensamentos e movimentos considerados como não coerentes com os fundamentos teológicos, filosóficos, espirituais e morais do catolicismo é tomada como elemento de distinção e compromisso com a verdade. Assim, mais uma vez, acredito ser possível compreender o processo de identificação dos leitores com a proposta de reinstitucionalização católica (CARRANZA, 2011) por meio do consumo de conteúdo de O Catequista.

Frente a essa rede formada por leigos identificados entre si por compartilharem da mesma catequese digital, das mesmas opiniões e participarem das mesmas dinâmicas na internet, o distanciamento entre as propostas de vivência do catolicismo discutidas na web e aquela ofertada nas paróquias e comunidades faz com que as lideranças locais e membros da hierarquia, percam autoridade em comparação com lideranças da internet como O Catequista. A relação entre mídias digitais e a perda da autoridade de setores hierárquicos das religiões é uma tendência apontada por vários autores (MILLER e SLATER, 2001; HOOVER, 2014, SBARDELOTTO, 2016). No caso de O Catequista, a construção de sua autoridade se dá, principalmente, pela ideia de que a grande parcela dos padres e lideranças paroquiais, devido à influência da TL, não estão comprometidos com “o que a Igreja diz”, costumando relativizar ou tratar superficialmente questões doutrinárias, litúrgicas e morais. Sobre isso, a maioria dos participantes da pesquisa admite ter assuntos sobre os quais considera que os blogueiros e outras páginas católicas têm mais autoridade para abordar do que clérigos e outras lideranças pertencentes a suas comunidades locais. Para eles, assuntos como liturgia, teologia, história da Igreja, apologética, matrimônio, paternidade e maternidade responsável, por exemplo, são tratados com mais profundidade e embasamento nos ensinamentos da Igreja, em O Catequista, do que em suas realidades eclesiais locais. Retomando as categorias propostas por Campbell (2010) sobre a autoridade religiosa on-line, entendo ser possível afirmar que, nesse caso, a autoridade textual, ideológica e estrutural dos blogueiros torna-se mais relevante do que a autoridade hierárquica dos padres paroquiais.

Como é de se esperar, esse quadro de comparação entre diferentes tipos de autoridade, visões de Igreja e de mundo dá margem para críticas públicas de leigos a clérigos na internet, prática pouquíssimo usual na Igreja Católica. No blog, as

críticas mais diretas a membros do clero limitam-se a algumas piadas envolvendo nomes reconhecidos da teologia da libertação no Brasil como Frei Beto, chamado de Frei Bé; críticas a padres cantores como Fábio de Melo, normalmente considerado muito inconsistente em suas participações em programas de televisão, e de forma mais geral, a sacerdotes que costumam celebrar as chamadas missas inculturadas como sertanejas. Entretanto, em outras páginas católicas a prática de apontar erros e corrigir o que são considerados desvios doutrinários, litúrgicos e pastorais de sacerdotes é mais comum. Até o Papa Francisco é alvo de avaliações negativas. Questões dessa natureza costumam gerar muita polêmica e envolver significativo número de leigos na discussão. Assim, a crítica e a vigilância aos membros da hierarquia acontecem como processo colaborativo, passando a se configurar em disputas de autoridade entre leigos, clero e diferentes posições ideológicas e doutrinárias.

Quando perguntados sobre suas percepções em relação a esses fatos, todos os leitores participantes da pesquisa declararam ser contrários a críticas públicas a membros do clero. Contudo, algumas falas admitem que, em determinados casos, apesar das questões hierárquicas, a crítica seria aceitável. Gabriel comenta que alguns padres “fazem por merecer” as análises negativas que recebem na internet. Igualmente, Pedro e Paulo concordam com a ideia de que um leigo pode corrigir um sacerdote caso este esteja realmente errado.

Já ao comentarem sobre críticas feitas ao papa, os leitores são unânimes em se pronunciar contrários a tais posturas consideradas desrespeitosas. Nessa questão, é notável que em O Catequista, cada vez que existe alguma polêmica ou controvérsia envolvendo algum ato ou declaração do Papa Francisco, levando em consideração que há alas dentro da Igreja que não reconhecem o atual papado, há uma movimentação de leitores nos comentários questionando e até desafiando diretamente os blogueiros a discordarem ou corrigirem o pontífice. Apesar da pressão, o casal de catequistas mantém a postura de respeito a Papa, fato que muitas vezes é interpretado como uma falta de autonomia dos blogueiros, tendo em vista o credenciamento de Alexandre na sala de imprensa da Santa Sé. De certo modo, essas controvérsias sobre autoridade evidenciam alguns pontos sobre a visão de Igreja que blogueiros e seus leitores colocam em prática nas suas experiências religiosas. Ou seja, até é admissível que haja discordâncias e embates entre diferentes grupos dentro da Igreja, mas a contestação sobre os fundamentos da

doutrina e na instituição católica, como o dogma da infalibilidade papal por exemplo, não devem ser toleradas, segundo os leitores. Uma declaração de Camila parece ser bem ilustrativa desse tipo de pensamento:

Eu acho que para ser católico, a gente tem que ter duas virtudes, que são inerentes ao católico, que é obediência e a humildade. Porque não tem jeito de ser católico se você não for obediente. Porque a Igreja não é democrática, é uma hierarquia, ela é uma monarquia.... Então a gente precisa ser obediente, né. [...] porque, às vezes, assim, eu vejo as pessoas falando: eu sou católico, mas eu não concordo com isso. Mas, assim, tem que ter humildade para entender que muitas pessoas já passaram por nós, que aquele assunto já foi debatido, rebatido e se a Igreja chegou a essa conclusão.... Agora, eu vou querer arrumar briga porque eu penso diferente, né? Porque a Igreja, ela é guiada pelo Espírito Santo né... (Camila)

Frente a controvérsias institucionais, a crença na dimensão espiritual da instituição eclesial mostra-se como resposta coerente e contundente para os leigos participantes da pesquisa, apaziguando relações e mantendo relativamente a unidade da Igreja.

Nessa perspectiva, a disputa por autoridade também passa a ocorrer entre os próprios leigos que, com argumentações doutrinárias, filosóficas, teológicas e morais, tentam ensinar e corrigir-se mutuamente, revelando impasses e contradições dessa cruzada católica digital em defesa do “verdadeiro catolicismo”. Sobre isso, a experiência de Camila é a mais significativa sobre os sentidos atuantes nessa prática. A leitora mineira diz que gosta muito de analisar os comentários nos sites católicos que acompanha, pois aprende muito com as publicações dos outros leitores. Entretanto, confessa que nunca se engajou nas conversações no site ou Facebook de O Catequista por “ter a sensação de que se fizer, estarei sendo intrometida”. Quer dizer, a valorização das fundamentações teóricas da religião faz com que a conversação dos leitores no blog seja mais do que apenas socialização e trocas de experiências, mas também se constitua em disputa. Com isso, além das preocupações convencionais da experiência de qualquer pessoa que decide posicionar-se publicamente sobre um assunto, entre os leigos católicos também parece haver uma pressão para que os comentaristas demonstrem algum tipo de expertise em religião para que suas declarações sejam consideradas relevantes. Nessa busca por mostrar domínio teórico sobre os assuntos de fé, com frequência os leitores afirmam suas posições a partir da contestação das declarações dos outros. Tais contestações nem sempre são feitas com questionamentos muito honestos, como declara Camila: “tem gente que não quer entender seu ponto de

vista, quer te pegar em um ponto falho pra provar que ele tava certo”. Para ela, quando um leitor corrige o outro “sem caridade”, sua intenção verdadeira seria apenas “mostrar que sabe mais”, “aparecer” e não colaborar para o esclarecimento da questão. Nessa perspectiva, a argumentação e a troca de ideias dão lugar para a “lacrção na internet”.

Dessa forma, a conversação entre os católicos na internet muitas vezes transforma-se em enfrentamento, hostilidade e pouco diálogo. As práticas da “zoeira” e da “treta” se mostram muito significativas nesse sentido. Tomadas inicialmente como formas de descontrair a catequese e chamar a atenção para alguns assuntos relevantes aos católicos, seu uso “sem limites” acaba fomentando posturas muito inflexíveis, o que faz com que os leigos percam o seu interesse em tais conversações como relataram Camila, Gabriel e Rebeca. Compreendo que tais sentidos mobilizados nessas conversações evidenciam pretensões de notoriedade de alguns leitores na rede. Como afirma Miller et al (2016, p.6) grupos bastante específicos tendem a demonstrar usos padronizados de plataformas digitais. No caso dos católicos, infiro que as piadas, as polêmicas e as incessantes argumentações transformam-se em performance midiática e, assim, passam a funcionar como modelos de atuação que acabam despertando o interesse e servindo de inspiração para a ação dos leigos. Letícia enxerga nessa padronização de posturas um desejo de muitos católicos de conseguirem notoriedade, tornando-se “influenciadores digitais”, o que criaria disputa de poder entre os fiéis e, ao invés de gerar “bons frutos”, acabaria dando espaço apenas para “a crítica, a ofensa, o ar de superioridade”. Essas avaliações evidenciam conceitos existentes acerca do papel do leigo na internet. Ao mesmo tempo em que todos os leitores consideram que a atuação dos católicos na internet deve deixar evidente as suas convicções e valores, inclusive até “usando” a internet para catequizar e esclarecer, a busca pela promoção pessoal não é bem vista. Além disso, os leitores também dão a entender que é preciso um “saber-fazer” dos católicos na internet que, na prática, pode relativizar o “poder-dizer emergente dos leigos” (SBARDELOTTO, 2016). Na fala dos participantes da pesquisa, características como maturidade e até vocação foram citadas como necessária para desempenhar tal apostolado digital.

Letícia considera ainda que a atuação de O Catequista tem parcela de contribuição para a formação desse quadro. Para exemplificar, a leitora lembra da gíria “católico jujubinha” criada pelos blogueiros e que, na sua visão, em muitos

momentos é usada por outros leigos como forma de desqualificar alguns tipos de espiritualidade e experiências de fé. Para a leitora, os blogueiros foram amadurecendo durante os anos de trajetória do blog, depois de um período de certa empolgação com o crescimento da audiência do projeto: “e aí até eu fiquei meio preocupada, mas logo eu vi que eles tomaram rumo de volta porque era tanto, tanto, tanto na zoeira que chegou um ponto de menosprezo de certas vivências, de certas áreas de dentro da igreja, de certos comportamentos”. Em minhas conversas com os blogueiros, eles também confessaram que ao longo do tempo de existência do blog foram mudando algumas posturas e que, a treta e a zoeira, muitas vezes, se tornaram práticas pouco produtivas no meio dos católicos por esvaziar a mensagem catequética.

Ainda nessa perspectiva, Pedro e Letícia mostram uma preocupação mais ampla com essas visões intransigentes, entendendo-as não apenas como comportamentos de afirmação individuais, mas como tendência a visões unilaterais e autoritárias sobre a realidade. “Criticar com respeito não é problema, mas em alguns casos as pessoas não debatem um assunto, comentam algo como donas da verdade e não aceitam sequer analisar o ponto de vista alheio; agem como donas da verdade”, afirma Pedro. Por sua vez, Letícia considera que esse problema também é agravado pela valorização excessiva que as supostas fundamentações teóricas e doutrinárias vêm ganhando entre os católicos. Na tentativa de embasar teoricamente posturas e condutas pessoais, muitos leigos acabam utilizando superficialmente “o que a Igreja diz”:

Eu me preocupo muito com isso, com esta questão de uma unilateralidade na visão da Igreja que não existe e nunca existiu, na verdade. Essa questão de jogar texto, ela me irrita muito na verdade. Porque para justificar qualquer coisa jogam lá um texto “desse tamanho” do Bento XVI. Meu Deus, o cara tem cinco doutorados. Eu já li livro dele. Ele coloca centenas de citações para colocar os argumentos dele que são muito bem organizados, muito bem fundamentados para que depois ele possa tirar uma conclusão. Aí a pessoa vai lá e tira lá do meio do nada uma citação... como muitas vezes reclamam dos protestantes: “ah, mas os protestantes usam versículos aleatórios e fora do contexto”... Pois é, nós também usamos tanto os textos bíblicos quanto textos de papas, quanto palavra de santos de forma descontextualizada. Só para tentar justificar o seu argumento. Mas me desculpa, isso é uma mentira para mim, isso é uma desonestidade, é uma desonestidade intelectual. Como diz, agora o nosso mundo está cada vez mais polarizado e essa mentalidade está entrando na Igreja (Letícia).

Além de chamar a atenção para os riscos de reflexões teórica e doutrinária superficiais se transformarem em fundamentalismo, com a fala acima entendo ser

possível afirmar que a autoridade que está em disputa entre os leigos católicos na internet é a de se auto-proclamar mais católico ou um católico melhor que os outros. Dessa forma, assim como os blogueiros precisam constantemente provar sua fidelidade à Igreja, os leitores também são vigiados e precisam reafirmar a sua catolicidade.

Nessa perspectiva, entendo ser possível afirmar que da internet dos leigos emerge também uma ideia de moralidade católica. Ou seja, minha compreensão é de que para além do conservadorismo moral doutrinário que caracteriza a Igreja Católica e o projeto do catolicismo midiático, as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso revelam percepções, sentidos e padrões de comportamento atribuídos a quem deseja ser considerado “católico de verdade” na rede. Essa moralidade parece se constituir da fusão entre a constante afirmação da moralidade doutrinária proposta pela Igreja em sua historicidade e a emergência de alguns comportamentos que passam a ganhar destaque e serem reforçados pelos discursos e atuações dos leigos na internet.

Frente a esse quadro, ganha força na internet a defesa de posturas tradicionais de vivência da fé e de modos de vida. Nesse contexto, uma das temáticas mais debatidas são os ritos litúrgicos e práticas de piedade. Os princípios e regras da liturgia deixam de ser assunto exclusivo dos clérigos e passam a inflamar discussões entre parcela numerosa de leigos que dedicam muito tempo e argumentação na defesa da missa em latim ou do uso do véu para mulheres na igreja, por exemplo. Em O Catequista, a maioria dos artigos que tratam sobre a temática da liturgia tem como objetivo defender o zelo litúrgico e combater aquilo que é considerado abuso ou desvio como: modificações e simplificações no rito, músicas muito animadas, danças e palmas. Levando em consideração que no Brasil, as chamadas show-missas ganharam grande visibilidade midiática e se multiplicaram pelo país, o uso de elementos da cultura popular nas celebrações litúrgicas também marca a prática de muitas comunidades, o crescimento do número de fiéis com uma postura mais rígida e tradicional de piedade nas paróquias é uma das evidências mais visíveis de como o consumo de conteúdo religioso na internet mudou a experiência vivida pelos leigos. Gabriel é um deles. Segundo o pernambucano, depois que ele começou a ler na internet sobre o sentido de sacrifício contido na missa, passou a achar inadequado e desrespeitoso o ato de bater palmas durante a celebração. Assim, ele relata ter deixado de acompanhar o

ritmo das músicas da missa com palmas ou aplaudir alguma situação, como é costume em sua comunidade. Já Pedro, que pessoalmente não vê problemas nos comportamentos mais animados durante as celebrações, também diz notar que algumas pessoas em sua comunidade mudaram de hábitos durante a missa e que, na percepção dele, foi porque “andaram lendo coisas na internet”.

Figura 7: Meme de O Catequista sobre palmas na missa.



Fonte: www.facebook.com.br/ocatequista

Os relatos dos leitores e a recorrência com que o assunto é tratado no blog ajudam a ilustrar como as palmas na missa se tornaram uma questão de distinção na internet dos leigos. Na imagem acima, a sugestão de que é preciso esforço para perder o hábito de bater palmas durante a celebração, dão a entender como a prática se torna mal vista para alguns modelos de piedade e como o “policimento moral” acontece na forma de humor (MILLER et al, 2016).

Outro tema em alta entre os católicos na internet diz respeito a ideia de modéstia feminina, a qual se refere ao pudor que, segundo o magistério da Igreja, deve caracterizar a vestimenta das mulheres católicas. O anacronismo deste conceito com os práticas e discursos da maioria das mulheres, inclusive católicas, na atualidade é evidente. Contudo, o trabalho de campo e a minha vivência pessoal,

mostram que nos últimos anos, houve um ressurgimento do debate e da prática da modéstia por mulheres, principalmente jovens católicas. Além disso, vislumbro que esse ressurgimento pode ser entendido como uma reação a popularização do feminismo nos últimos anos. Dentro da lógica de combate aquilo que é considerado contrário a fé, o feminismo é enquadrado como discordante do catolicismo devido as diferenças históricas de posição frente ao aborto e demais questões sexuais e reprodutivas. Dessa forma, a concordância ou não ao feminismo como discurso e prática é tomada como indicativo do “nível” de catolicidade entre as leigas: quanto mais alinhadas as posturas tidas como feministas, menos fiéis ao catolicismo são consideradas. Mesmo que a exposição do corpo não seja uma questão que contrarie diretamente a doutrina católica como o aborto, por exemplo, sua aceitação sem os limites do pudor e da modéstia podem ser considerados como pouco católica. Letícia narra alguns constrangimentos nesse sentido. Ao comentar comigo que acha as campanhas contra o assédio sexual importantes, apesar de considerar que muitas mulheres se vestem de forma inadequada, ela afirma não se sentir à vontade para externar tal posição em alguns ambientes por receio de ser tachada de feminista: “questão é de liberdade humana, entendeu? Realmente se a pessoa está se vestindo ou deixando de se vestir, não quer dizer que eu tenho direito sobre o corpo dela, entendeu? [...] mas se tu falar isso, é porque isso é feminismo, mas não é! Isso é de humano!”. Como avalia a própria participante da pesquisa, quando o foco principal está em combater um discurso considerado contrário, como o feminismo, e não em explicar as diferenças entre os posicionamentos, acaba-se contrariando a própria doutrina católica sobre dignidade da pessoa humana.

A popularidade atual da ideia de modéstia também tem relação com práticas consolidadas na internet como as “blogueiras de moda”, ou seja, amadores que se tornam curadores de moda, publicando diariamente suas escolhas de roupas e dando dicas de estilo. Tal quadro, certamente influencia as leigas católicas a também se apropriarem das plataformas digitais para discutirem moda dentro do que entendo como nicho de mercado católico, unindo justificativas morais e fashionistas para um estilo de vestir feminino e recatado. Essa prática se torna tão difundida, que até Viviane já postou fotos suas no perfil do Instagram de O Catequista exibindo seu “look fashion e modesto” para ir à missa. Contudo, é o exemplo de Camila que me parece ilustrativo. Ela afirma que mudou seu estilo de vestir depois que passou a

acompanhar blogs sobre modéstia porque encontrou nesses sites as explicações que não tinha recebido em sua família e paróquia:

Eu sou de uma família que assim, uma família tradicional, né, uma família antiga e tal...então por exemplo, essa questão de se vestir decentemente eu sempre aprendi. Mas eu não sabia um fundamento para isso, sobre modéstia, sobre essas questões de pudor e tudo. Então aí ficou claro para mim, entendeu? Então, assim, os sites me ajuda muito (CAMILA).

Ao ressaltar a importância da fundamentação doutrinária na sua experiência, Camila ressalta seu entendimento de que a modéstia não pode ser algo só “externo”, mas resultado de reflexão individual. Por isso, ela afirma investir nas explicações e conversas com os jovens da sua turma de catequese. Utilizando inclusive textos publicados em O Catequista, Camila busca também influenciar as outras catequistas da paróquia a ter uma abordagem, a qual segundo ela, não seja apenas de cobrança, mas explique as razões da modéstia.

Ainda sobre esse assunto, vale a pena pontuar a percepção de outros leitores participantes da pesquisa. Em nossas conversas, a popularização do tema da modéstia acabou servindo de exemplo para que os leigos externassem suas insatisfações com algumas posturas consideradas exageradas. Rebeca diz ficar espantada com alguns blogs sobre modéstia tão restritivos “que daqui a pouco era uma burca, as sugestões de roupas, né?”. Pedro também pontua sua insatisfação com alguns sites que “davam receitas de como as mulheres deveriam se vestir” ao invés de explicar os princípios da modéstia. Nos dois casos, os leitores concluem que o problema é uma confusão entre o que eles entendem ser a moral católica, baseada em princípios explicativos e que respeita o livre-arbítrio dos indivíduos, e a moral protestante, baseada apenas em restrições e permissões e que pode abrir espaço para comportamentos considerados farisaicos, como descreve Pedro:

Tem horas que eu vejo umas tentações de farisaísmo nesse tipo de coisa. Os fariseus foram aqueles que pegaram mandamentos e criaram mais de 600. Não é que a pessoa queira fazer isso. É mais como parte de um processo. O sujeito se converte, começa a estudar, vira quase especialista em normas e regras e, na tentativa de salvar os outros, cria mais normas e regras ainda. Isso atrai algumas poucas pessoas e espanta a maioria. Não porque a maioria não queria seguir Deus, mas porque o exagero acaba sendo ridículo (PEDRO).

Nesse sentido, apesar de blogueiros e leitores mostrarem-se, de maneira geral, como adeptos a comportamentos e princípios conservadores, eles expressam

sua reprovação a discursos considerados tradicionalistas radicais. Grupos que mostram descrédito quanto aos rumos e governo da Igreja após o Concílio Vaticano II, descritos por Paulo como aqueles que “se acham mais católicos que Jesus Cristo”, causam desconfiança e são entendidos pelos leigos como uma ameaça a unidade do catolicismo por se aproximarem de ideias cismáticas.

Sendo assim, entendo que as dinâmicas, posicionamentos e tensões descritos até aqui, se constituem tanto em um investimento pessoal do leigo em construir um universo simbólico coerente para a sua fé através do consumo de conteúdo religioso na internet, quanto em negociações mais amplas que moldam coletiva e publicamente os sentidos em torno do que é ser católico, conforme já pontuado por Sbardelotto (2016), ou do que é ser um “verdadeiro católico” como evidenciado na fala dos leitores. Dessa forma, a experiência vivida na internet dos leigos se insinua como sendo, em certa medida, contraditória. Ao mesmo tempo em que o blog O Catequista possibilita aos leigos uma atmosfera de identificação e acolhimento onde é possível encontrar outros fiéis com os mesmos interesses, trocar ideias e informações sobre assuntos que não são tratados na comunidade local e confirmar gostos pessoais, o projeto também é uma vitrine que deixa à mostra os conflitos e disputas internas do catolicismo. Assim, a aparente unidade da instituição eclesial representada pelo seu discurso oficial vai sendo desnaturalizada e complexificada. A ideia que associa “o verdadeiro católico” à obediência “ao que a Igreja diz” não é neutra e os leigos tem arcado com os desdobramentos dessa filiação.

6.3 – INTERNET QUE ENSINA A SER ATIVISTA

Quando iniciei essa pesquisa, em 2014, eu não cogitava como os desdobramentos políticos da vivência religiosa se tornariam estruturantes da experiência dos leigos católicos na internet. Obviamente, eu já tinha a percepção de que o posicionamento conservador dos católicos costumava participar do jogo de forças na internet em época de eleições, como tinha acontecido na disputa presidencial de 2010 em que a temática da legalização do aborto exigiu que os candidatos se posicionassem frente a demanda dos eleitores cristãos (RAMOS, 2016). Entretanto, no período da pesquisa, diversos foram os temas e momentos que fizeram com que os católicos, juntamente com os evangélicos, se mostrassem

como um grupo social articulado a ser considerado nos debates públicos que movimentaram o país.

Como explica Cunha (2017), esse quadro de mobilização dos cristãos na defesa de seus princípios e valores ganha força pela atuação de políticos eleitos por tais grupos religiosos. Com mandatos marcados pelo conservadorismo moral, pessoas eleitas para os mais diversos cargos públicos, mas principalmente deputados tem atuação chave:

Eles trouxeram para si o mandato de defesa da família e da moral cristã contra a plataforma dos movimentos feministas e LGBTIs, desta vez em reação as suas conquistas no âmbito das políticas públicas e da legislação, valendo-se de aliança até mesmo com parlamentares católicos que passam a integrar a Frente Parlamentar Evangélica e outras frentes temáticas conjuntamente, diálogo historicamente impensável no campo eclesialístico (CUNHA, 2017, p. 90).

Nesse panorama, o blog O Catequista, na maioria das vezes, não chegou a liderar nenhuma mobilização e nem a declarar apoio a nenhum político, mas se mostrou engajado em pautas que movimentavam os católicos na rede como as oposições aos partidos de esquerda, à legalização do aborto e às discussões de gênero. Os leitores, ao se engajarem nessas causas e, a partir de seus posicionamentos individuais, colaborarem para o tensionamento dos debates sociais, acabam incluindo o ativismo como parte de suas experiências católicas na internet.

Se o posicionamento dos leigos pode ser entendido como resposta para acontecimentos políticos e sociais ocorridos no Brasil no período da pesquisa, é preciso atentar que a inspiração desse ativismo católico é anterior aos fatos atuais, tendo origem em encíclicas assinadas pelos papas Paulo VI e João Paulo II. Vaggione (2012) credita a ideia de “cultura da vida”, apresentada na encíclica *Humanae Vitae* (1968) e *Evangelium Vitae* (1995), como o grande impulso para a articulação e atuação dos católicos na sociedade civil. Quer dizer, entendendo a cultura como esfera constituinte de sua missão evangelizadora, a Igreja busca propor e defender uma “cultura da vida”, baseada na dignidade da pessoa humana da concepção até a morte natural e da família como base da sociedade, frente aos avanços da “cultura da morte”, tomada como visões de mundo e movimentos que buscam modificar tais fundamentos. Dessa forma,

a defesa por parte da Igreja Católica da sua concepção de família e sexualidade é posta como a defesa de uma visão de mundo cultural ameaçada. Não está em jogo (somente) uma tradição religiosa, mas a Igreja sustenta que é a cultura em geral está em risco (VAGGIONE, 2012, p. 63, tradução nossa).

A cultura da vida mostra-se assim, como elemento operador do catolicismo social e, conseqüentemente, de um projeto de recatolização da sociedade. Frente a esse panorama, o ativismo católico em defesa da cultura da vida ganha ares de obrigação moral para quem busca viver a sua fé “de verdade”. Nessa perspectiva, mais uma vez, a produção e o consumo de conteúdo religioso na internet se mostram como elementos estratégicos para que esse apostolado católico ativista se torne prática acessível e popularizada entre os fiéis. Ao acompanharem sites e lideranças católicas se posicionando politicamente na internet e se engajando em discussões sociais, os leigos também se sentem motivados a contribuir de forma mais ativa com o debate. Para os participantes da pesquisa, apesar dos católicos “estarem acordando agora para a política” suas participações nos debates públicos são legítimas e garantidas por um Estado que é laico, mas não ateu e que, por isso, deve assegurar liberdade religiosa e conseqüente direito a manifestação pública de grupos de todas as crenças. Apesar dessa busca por uma conscientização e legitimação, é perceptível certo desconforto dos leigos ao falar sobre política partidária. Em minhas conversas com os leitores, além das respostas reticentes, a primeira reação deles ao serem abordados sobre política, normalmente, era esclarecer a sua não filiação ou preferência a nenhum partido ou candidato. O dado etnográfico relevante que emerge de tais constatações, me parece ser o fato de que os leigos articulam seu engajamento nas discussões públicas, menos como um posicionamento político e mais como uma consequência da sua fé. Tal perspectiva pode ser percebida em falas como de Letícia que afirma: “não sou de direita, nem de esquerda, sou evangelho”, nas falas de Camila ao declarar que os princípios pelos quais realiza suas escolhas políticas são os seus valores pessoais e a sua fé, pois “não posso votar naqueles que são inimigos da minha fé” e até na interpretação que Rebeca dá para o seu interesse pelo catolicismo: “o que me fez aproximar da Igreja Católica foi justamente a percepção de que os valores que são importantes para mim, os valores cristãos, tem sido defendidos a eras pela Igreja”.

Ainda nessa lógica de perceber os posicionamentos políticos como uma consequência da fé, o fato de todos os leitores declararem que concordam com as

posições políticas expressas em *O Catequista*, porque elas se limitam “ao pensamento da Igreja”, evidencia uma naturalização da oposição ao marxismo/socialismo/comunismo. Imbuídos das condenações ao pensamento marxista contidas em documentos da Igreja, os leigos parecem perceber as críticas aos regimes socialistas e aos partidos de esquerda, principalmente o Partido dos Trabalhadores, feitas no blog como uma premissa de atuação para os católicos e não como uma questão em debate. Da mesma forma, discursos em circulação na internet como “católico não vota em socialista”, também não são tomados como controversos. Diante disso, entendo que a visão atuante entre os católicos considera o socialismo mais como um sistema filosófico e ideológico que como um sistema econômico. Parece ser essa a razão pela qual, discursos de combate ao socialismo e marxismo conseguem mobilizar tantas pessoas, mesmo em países de economia capitalista e políticas neoliberais como o Brasil.

Dessa forma, o interesse e a ação dos leigos católicos se dá a partir de agendas específicas, ligadas a ideia de defesa da cultura da vida e que, no período de duração dessa pesquisa, se deram nas discussões em torno da legalização do aborto e dos debates sobre gênero, principalmente, em relação a sua inclusão nos currículos escolares. Diante disso, a internet apresenta-se como lugar apropriado para tais posicionamentos e articulações. O envolvimento dos leigos com essas causas efetiva-se no compartilhamento de informações nas mídias sociais, na participação através dos espaços de comentários e também no engajamento em petições on-line e campanhas de boicote. A ideia de informar e alertar as pessoas sobre temas como aborto, ideologia de gênero e marxismo orientam a ação de Gabriel que, entre os participantes da pesquisa, é o que mais compartilha esse tipo de conteúdo no Facebook.

Já Pedro e Paulo, cada um ao seu modo, buscam exercer seu ativismo principalmente através do engajamento nas discussões através dos comentários em diversos sites, não apenas católicos, mas em plataformas digitais dos principais jornais e revistas nacionais. Pedro considera que a defesa dos valores cristãos deve ser feita de forma argumentativa, sutil e irônica. Segundo ele, não adianta só ficar “gritando por aí que é católico”, é preciso entender as estratégias usadas pelos grandes jornais e buscar “destruir os argumentos”, além de tentar mostrar a verdade de forma pedagógica e irônica. Já a atuação de Paulo é de defesa. Para ele, o

importante parece ser se fazer presente na discussão, pois a omissão pode acabar em “algum político anti-católico tomando conta do país”.

Além dessas atividades rotineiras na internet como comentar e compartilhar, ações mais articuladas como petições on-line e boicotes a empresas e emissoras de televisão também fazem parte da experiência de ativismo digital dos participantes da pesquisa. A presença dessas ferramentas de mobilização no cotidiano dos católicos na internet pode ser entendida como indício de posicionamentos mais estratégicos e coletivos. Como exemplo disso, é interessante atentar para a plataforma digital CitizenGo¹⁴, citada por metade dos participantes da pesquisa como referência na prática de petições on-line. A CitizenGo é uma fundação criada na Espanha por um grupo de ativistas cristãos e tem sua ação focada na defesa de pautas conservadoras por meio de petições on-line. Em ocasiões de votação de alguma lei ou projeto considerado contrário aos valores cristãos, os leigos lançam mão dessa plataforma como forma de reivindicação e rapidamente, essas petições passam a ser compartilhadas entre suas redes de contatos, atingindo milhares de pessoas. Camila, Rebeca, Paulo e Pedro afirmam participar com frequência de tais petições e apontam os grupos na plataforma WhatsApp como locais privilegiados de disseminação dessas ações.

Juntamente com as articulações, esse tipo de mobilização torna visível também a profissionalização do ativismo católico. Ao fazer pressão sobre legisladores, os ativistas mostram conhecimento dos trâmites legais, fiscalização em relação a atuação dos políticos e capacidade para interpretação dos projetos de lei que recebem petições contrárias ou a favor, mesmo quando não se referem declaradamente aos temas sensíveis a moral cristã.

As mobilizações envolvendo os planos e bases educacionais, conforme afirma Cunha (2017) ficaram conhecidas como “movimentos contra a ideologia de gênero” e são exemplos de mobilizações que aconteceram coordenando ações on-line e off-line. Camila foi uma das católicas que, motivada pelas discussões on-line, se engajou em ações organizadas também na sua cidade. Ela conta que a partir de um grupo de WhatsApp e da liderança de um amigo seu, um grupo expressivo de católicos se mobilizou para estar presente na Câmara Municipal de Vereadores de Ubá durante o processo de votação do Plano Municipal de Educação. Depois de

¹⁴ Disponível em < <http://www.citizenngo.org/pt>>

conseguirem a retirada do termo “gênero” do documento, o grupo seguiu se encontrando com o objetivo de estudar sobre essa temática e também chegou a fazer visitas a paróquias e comunidades para tratar sobre o assunto. Segundo Camila, esse trabalho de conscientização é importante porque a maioria dos católicos não sabe o que é ideologia de gênero e porque há muitas tentativas, principalmente na internet, de convencimento sobre essa questão. Reafirmando o entendimento defendido pela Igreja da preponderância biológica sobre o gênero dos sujeitos, a discussão proposta pelos “defensores do gênero” é entendida como uma tentativa de “mudar os valores das pessoas a força da lei”.

Levando em consideração o caráter sensível de questões como aborto e gênero, me parece que a relação da maioria dos entrevistados com esses temas é mais teórica que vivencial. Entretanto, confesso que a condução das nossas conversas não proporcionou oportunidades para que os leigos externassem suas experiências pessoais com casos de aborto e com pessoas LGBT. Com isso, questões como preconceito e intolerância acabaram não sendo explorados, se restringindo a declarações genéricas sobre a condenação aos discursos violentos, sobre o respeito a qualquer pessoa e a constatação de que as posturas intolerantes à diferença também figuram entre os católicos.

A crítica mais direta ao ativismo católico na internet foi feita por Letícia e se referia às consequências pastorais que esse tipo de atuação politicamente engajada pode trazer. Por mais que ela concorde com as mobilizações, a leiga considera que é preciso atenção para que as “outras bandeiras” não se tornem mais importantes que a evangelização. Nesse sentido, Letícia chama a atenção para o fato de que, muitas vezes, a defesa da cultura da vida se torna mais um slogan que um interesse ou comprometimento efetivo, o que, além de incentivar que as pessoas “apenas repitam coisas como papagaios” ainda poderia desviar o foco da vivência espiritual. Nessa lógica, Letícia afirma: “precisa ser contra [o aborto e a ideologia de gênero], mas também precisa sentir a dor do outro”, ressaltando assim a necessidade que a defesa da vida não seja só teórica, mas também venha do exercício da empatia.

As declarações de Letícia fazem um alerta lúcido dos riscos que o ativismo digital tem de ser esvaziado pela performance midiática e se transformar em violência e intolerância. Se a empatia ainda não é um princípio central no ativismo de muitos leigos, pelo menos a minimização de conflitos tem sido uma preocupação e uma orientação de ação para os participantes da pesquisa. Muitos declararam que

diminuíram a frequência de publicações na internet sobre temas considerados polêmicos depois de terem experimentado discussões e controvérsias que não acharam produtivas. Sendo assim, diante de visões de mundo e projetos de sociedade distintos e em disputa, a esperança parece estar na experiência vivida capaz de ultrapassar teorias e de nos confrontar com a verdade da alteridade.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impulso inicial dessa pesquisa teve como objetivo estudar as pessoas. Inspirada por leituras um pouco entusiasmadas demais sobre cultura da participação, internet e todas as suas “novidades”, minha intenção era continuar colaborando para os estudos sobre mídia e religião, mas tentando deslocar-me das análises dos macroprocessos sociais para tentar refletir sobre aquilo que as pessoas realmente fazem com a religião e a mídia. Nessa lógica, a atuação do fiel na internet, o seu protagonismo em “empreender” por conta própria dentro do catolicismo, de antemão, parecia indicar caminhos que levavam ao fluxo, a fragmentação, às ressignificações. O objeto empírico escolhido, o blog da “catequese de boteco”, prezava por jovialidade e humor, pistas que indicavam a tendência ao entretenimento, tão marcante nas análises sobre os discursos religiosos midiáticos. O caminho a ser percorrido parecia claro.

Entretanto, ao me aproximar do campo e de suas dinâmicas, o foco de pesquisa necessitou ser ajustado para dar conta da ação de blogueiros católicos, leigos e autônomos, mas que tinham seu projeto estruturado numa ideia de institucionalidade eclesial ou, conforme o slogan que eles mesmo criaram: uma nova catequese para a Igreja de sempre. Nesse ponto, a contribuição do catolicismo midiático (CARRANZA, 2011) foi fundamental trazendo à tona os contextos e investimentos que sustentam o projeto de reinstitucionalização católica que, entre outras iniciativas midiáticas, permeia também O Catequista. Com isso, as filiações eclesiais, ideológicas e políticas dos leigos foram adquirindo cada vez mais importância na análise e a ideia de um protagonismo leigo como algo inovador, foi sendo redimensionada. Ao invés de discussões sobre humor e religião ou sobre novas identidades dentro do catolicismo, a pesquisa exigia cada vez mais entendimento sobre as tensões entre diferentes setores da Igreja e suas tendências políticas, sobre diferentes visões de liturgia, doutrina e moral, ou sobre debates que movimentam a opinião pública como descriminalização do aborto e questões relacionadas ao gênero.

Diante da tendência de conservadorismo perante o mundo e de tradicionalismo perante a Igreja, busquei não basear a análise em conclusões correntes que costumam entender tais características apenas como

fundamentalismo e retrocesso. Na tentativa de compreender os leigos nos seus próprios termos, interpreto os posicionamentos bem definidos e as posturas de embate contra aquilo que eles consideram errado, como um desacomodar-se daqueles que “de algum modo se dispuseram a chegar no fundo do poço de sua própria cultura” (DA MATTA, 1987, p 157 - 158). Nesse sentido, a experiência dos participantes da pesquisa, tanto o casal de blogueiros como dos seis leitores, não é centrada em uma religiosidade emocional ou intimista, mas tem a ver com discussões teóricas sobre doutrina, liturgia, tradição, moral e ética e com mudança de pensamentos e hábitos, tomadas de decisão e de posicionamento. Um processo que, entre os informantes privilegiados da pesquisa, não se dá na superficialidade, mas demanda deles o enfrentamento e negociações, tensões e disputas na família, na paróquia, no trabalho e na internet para manter, justificar e explicar as exigências de quem quer ser um verdadeiro católico, viver “o que a Igreja diz”.

Na internet dos leigos, a centralidade da experiência não está no transcendente, mas na vivência prática da fé desdobrada em posicionamentos morais e sociais. A mídia não é vista como meio de encontro com Deus, mas com a Igreja e suas exigências, lógicas, historicidade, cosmovisão. Contrariando interpretações correntes nos estudos sobre mídia e religião que entendem o deslocamento e a tendência à desmediação da instituição eclesial como uma das características da experiência religiosa midiaticizada, a vivência dos leigos participantes dessa pesquisa evidencia uma retomada do papel da Igreja como mediadora da experiência religiosa e de outros aspectos da vida dos fiéis.

Entretanto, é preciso ponderar que a Igreja procurada e defendida pelos leigos é uma instituição idealizada, teórica, canônica. Na prática, o que a própria internet proporciona é a visão de uma Igreja setorizada e cheia de disputas internas. Inclusive, entendo a atuação dos leigos na rede como um elemento de visibilidade para tais controvérsias e contradições institucionais, pois trouxeram à tona assuntos que normalmente eram tratados “dentro de casa”. Ao mesmo tempo que a ação dos leigos evidencia e até fomenta disputas entre diferentes alas do catolicismo, seu discurso se constrói com base na ideia da Igreja como instituição una, santa e universal. Ao demandarem tais características do clero e não encontrarem tal correspondência, se voltam à perenidade dos cânones e da tradição.

Nessa perspectiva, entendo que a questão-problema que norteou essa tese: “como as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet se

constituem em experiência vivida por leigos católicos? ” é respondida pela constatação de que a busca dos leigos na internet é sobretudo por uma experiência de afirmação de sua catolicidade. É para “caçar as tretas” das críticas contra a Igreja presentes no senso comum e na mídia, para responder as dúvidas e assim colaborar no aprofundamento da fé daqueles que já são fiéis, e para se posicionar com uma visada católica diante dos apelos da sociedade e da vida cotidiana que o blog O Catequista atua. Da mesma forma, é para entender melhor “o que a Igreja diz” e, a partir disso, tentar agir como um verdadeiro católico não apenas em relação a questões religiosas, mas também morais, políticas e sociais, que os leigos passam a incluir o consumo de conteúdo religioso na internet como parte de suas vivências cotidianas de fé.

Se o catolicismo midiático via a mídia como a melhor estratégia para recuperar a hegemonia perdida, os leigos entendem que o primeiro passo para isso é o reforço da adesão pessoal à instituição e, para tanto, a internet tem se mostrado como estratégia privilegiada. Tendo em vista que o consumo de conteúdo religioso mostrou-se muito impactante na trajetória dos leigos enquanto prática de construção de um universo simbólico significativo e coerente (ROCHA, 2004; DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004), espero que essa pesquisa contribua para a superação de visões que entendem o consumo apenas como vetor de esvaziamento da experiência religiosa. Especialmente na internet, as dinâmicas de produção e consumo mostraram-se instâncias interligadas, complementares, criativas e geradoras de sentido.

Em relação ao primeiro objetivo específico traçado para esse estudo, definido como “mapear as rotinas e dinâmicas de produção de conteúdo de O Catequista”, os indícios etnográficos que respondem a essa proposição referem-se tanto às práticas dos blogueiros como aos seus posicionamentos e intencionalidades. A rotina de trabalho dos blogueiros na produção de conteúdo não é fixa, apenas com algumas subdivisões de tarefas entre o casal e com auxílio esporádico de um designer e um historiador. O blog e todos os seus desdobramentos, perfil no Facebook, canal no Youtube, programas de rádio e livro, são gerenciados pelos blogueiros como uma marca e, por isso, características de expertise e diferenciação são impressas no projeto. Além disso, o conteúdo de O Catequista evidencia a influência da formação dos blogueiros no movimento Comunhão e Libertação.

Os conteúdos são produzidos de forma a explicar a fé, a doutrina e a tradição da Igreja Católica e a responder a questões da atualidade, buscando uma visada católica para cada tema. Os textos se constroem com objetivo de trazer a “voz da Igreja” sobre os assuntos tratados, buscando responder dúvidas dos fiéis, explanar sobre questões consideradas polêmicas e defender a instituição de críticas. Entendendo a verdade como uma realidade objetiva, a lógica que rege o projeto é de que o discurso da Igreja contém a verdade, o que acarreta esforços para que os católicos assumam e pratiquem tais orientações e ações de combate a outros discursos que são considerados falsos ou formados por meias verdades, como é o caso de movimentos moralmente progressistas, de outras religiões e do marxismo, por exemplo. Assim, o foco de O Catequista está em atingir quem já é católico, tomando a instituição eclesial como parâmetro central para todas as esferas da vida e valorizando a catolicidade pela catolicidade (SBARDELOTTO, 2016).

O segundo objetivo específico “mapear a relação dos leitores com O Catequista” refere-se aos laços que o consumo de conteúdo proporciona entre blogueiros e seus leitores. De maneira geral, os seis leigos participantes da pesquisa desenvolvem uma relação de proximidade e credibilidade com o projeto de O Catequista. Todos os leitores declaram acompanhar o blog há, no mínimo, três anos e acessar quase semanalmente seus conteúdos. Apesar da frequência e da continuidade desse consumo, a relação dos leitores se constrói quase que exclusivamente com o conteúdo e a proposta do projeto e não com os blogueiros em si. Dessa forma, para alguns, O Catequista faz parte do processo de retorno ou reaproximação com o catolicismo - por ter apresentado explicações consideradas convincentes sobre a fé e a Igreja - para outros, o blog se constitui em referência de formação religiosa e fonte confiável de consulta para assuntos de doutrina, liturgia, moral e comportamento. Outra questão relevante é que a relação dos leitores com O Catequista se constrói majoritariamente através do blog e do Facebook, as demais iniciativas como vídeos, programas de rádio e até o livro se mostram pouco impactantes na vivência dos leigos.

Já o terceiro objetivo específico “analisar como as dinâmicas de produção e consumo de conteúdo religioso na internet geram tensões entre os leigos e a instituição” desvelou contextos centrais na experiência vivida pelos leigos. Para os blogueiros, as tensões com a instituição se dão pela sua atuação independente na internet, pela abordagem direta e informal dos assuntos, e pelos posicionamentos

políticos. Diante dos constantes questionamentos sobre a legitimidade de suas iniciativas de interpretação da doutrina católica, a estratégia dos blogueiros é trazer referências explícitas sobre documentos oficiais da Igreja ou textos de autoridades como papas e santos e buscar criar relações diferenciadas com a hierarquia eclesial. Dessa forma, o relacionamento dos catequistas com o cardeal do Rio de Janeiro mostra-se como um importante respaldo para o trabalho do casal que, mesmo recebendo críticas e sendo alvo de desconfiança do clero local, passam a desfrutar de certa blindagem pela proximidade com Dom Orani que garante a eles continuar com o trabalho na internet, além de proporcionar visibilidade e oportunidades de expansão de atuação, como a participação em programas de rádio na emissora da arquidiocese. Além disso, o credenciamento de Alexandre na sala de imprensa da Santa Sé, também torna-se um elemento de diferenciação e de respaldo institucional. Apesar de todas essas estratégias proporcionarem ao projeto de O Catequista relevância e credibilidade, é inegável que a desvantagem histórica de autoridade dos leigos em relação ao clero persiste. Sendo assim, proponho o entendimento de uma “fidelidade tática” dos leigos em relação a hierarquia da Igreja. Até agora, O Catequista conseguiu ser considerado fiel a instituição e, por isso, digno de crédito. Todavia, a fidelidade é um recurso que não lhe é próprio e, por isso, está sempre em negociação, precisando ser constantemente renovada. Assim, entendo a ação dos blogueiros como um “protagonismo oficioso” pois, mesmo que a atuação do casal se construa com liberdade de iniciativa, o que garante a continuidade do projeto é a reafirmação de sua adesão à Igreja.

Do ponto de vista da experiência dos leitores, as tensões com a hierarquia são mais difusas. Apesar de nenhum dos leitores relatarem controvérsias ou embates diretos com o clero e reafirmarem entendimentos acerca da necessidade de respeito e obediência aos consagrados, o consumo de conteúdo católico na internet impacta diretamente a percepção dos leigos sobre a atuação e os posicionamentos de membros da hierarquia. Nesse caso, as tensões geradas ficam por conta das críticas dos leigos a falta de rigor litúrgico dos padres, às falhas no processo de formação cristã oferecido nas paróquias e dioceses e, principalmente, à adesão de alguns clérigos a Teologia da Libertação e a ideias de esquerda. Assim, a tensão entre leigos e membros da hierarquia se dá nas dinâmicas de construção de autoridade que envolvem tanto filiações teológicas, doutrinárias e políticas quanto questões hierárquicas.

Em relação ao quarto objetivo específico “identificar qual a percepção dos leigos sobre o seu papel na internet”, tanto blogueiros como leitores entendem suas ações na internet como forma de promover visões de mundo e projetos de sociedade centrados no catolicismo. Para Viviane e Alexandre a internet é o lugar de exercer a missão de catequista, ensinando os católicos a serem fiéis a doutrina da Igreja, e de protagonismo. Nessa perspectiva, o papel dos blogueiros é de catequizar e de exercer liderança, buscando agir ativamente para a popularização e a consolidação das visões de mundo e de Igreja a qual eles se filiam. O papel de liderança do casal também se dá quando suas práticas na internet como o investimento em argumentações teóricas, o uso do humor e das polêmicas como estratégias de produção e consumo de conteúdo se tornam inspiração para o fazer de outros leigos. Os blogueiros não ensinam só o que fazer, mas também como fazer.

Já a visão dos leitores participantes da pesquisa é que o seu o papel na internet passa pelo testemunho de fé, pois, ao deixarem evidentes suas convicções e valores em concordância com a doutrina da Igreja Católica, eles ajudariam a evangelizar outras pessoas, a corrigir entendimentos e impressões erradas sobre o catolicismo e a defender a Igreja dos ataques daqueles que são contrários aos seus princípios. Nesse sentido, o papel do leigo também seria de ensinar e corrigir outros leigos na internet. Por meio de posturas de vigilância e autoafirmação da catolicidade, os leigos fomentam o crescimento de uma moralidade conservadora entre os católicos.

Além disso, blogueiros e leitores entendem como parte integrante do papel do leigo na internet posicionar-se politicamente e se engajar em discussões públicas como representantes da verdade contida nas posições defendidas pela Igreja. Mesmo com o risco de serem instrumentalizados pelas disputas político-partidárias, o comprometimento dos leigos em defender as causas ligadas à sua fé como a “cultura da vida” é preponderante na tomada de decisão em relação a filiações e opiniões.

Sobre o quinto objetivo “compreender qual o papel da internet na vivência religiosa dos leigos”, além de ser um elemento incorporado e cotidiano que se torna naturalizado como recurso e realidade integrante da vivência religiosa, a internet tem função de ampliação da atuação e da visão dos leigos sobre a própria Igreja. Mesmo que o protagonismo dos blogueiros seja considerado oficioso e que os leitores

tenham um consumo de internet que colabora com iniciativas já criadas, mas não chega a encabeçar algo novo, é inegável que as redes formadas a partir da produção e o consumo de conteúdo religioso na internet colaboram para que os leigos, cada vez mais, tenha status de sujeito eclesial chegando a realizar atividades e a participar de debates a que dificilmente teriam acesso se não fosse a relevância que as iniciativas católicas digitais vêm adquirindo.

Na vivência religiosa dos leigos, a internet também tem papel de ampliar a visão sobre a Igreja. Como relatado pelos leitores, o consumo de conteúdo católico na rede proporcionou mais conhecimento sobre as diferentes alas da Igreja, oportunizando aos fiéis entrar em contato com outras formas de espiritualidade e de organização, para além das opções disponíveis nas paróquias. A internet também tem papel central no crescente interesse de leigos a assuntos ligados a doutrina, tradição e liturgia. Seja pela facilidade de acesso a documentos da Igreja e a vastidão de literaturas na experiência vivida dos leigos, a internet tem colaborado para que eles tenham mais domínio teórico sobre o catolicismo, sintam-se mais seguros sobre a própria fé e, assim, se compreendam como católicos melhores que antes.

Por fim, trago algumas considerações sobre a relevância que a etnografia e a etnografia para a internet tiveram para a construção dessa tese. Conforme afirmei no início desse texto, o impulso inicial do trabalho foi estudar as pessoas e, como é sabido, o método etnográfico presta-se com exatidão para tanto. Mesmo que esse trabalho se constitua como uma pesquisa de inspiração etnográfica, acredito que consegui me apropriar das técnicas e princípios orientadores do método de forma a garantir que a os leigos não fossem apenas objetos empíricos, mas interlocutores que, junto com as preposições teóricas e meus questionamentos, ajudaram a conduzir os rumos desse estudo. Rumos esses que passam por caminhos controversos, questionáveis, mas nem por isso merecedores apenas de interpretações a priori que explicam tudo e nada. Nesse sentido, espero que essa tese, além de colaborar com os estudos sobre mídia e religião, seja um incentivo de superação de polarizações para se chegar nas pessoas e suas experiências vividas.

Referências

AGUIAR, C.S. Sacralidade digital: a mística tecnológica e a presença do sagrado na rede. 285p. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

ALMEIDA, Antonio José. Leigos em que? Paulinas Editorial (Ed. Digital), 2006.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, C. (Orgs.). **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, Carla. Trocas, hierarquia e mediação: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas. 259p. **Tese** (Doutorado em Administração). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

BOYD, d., ELLISON, N. B. *Social Network Sites: Definition, History and Scholarship*. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Oxford, v13, n 1, p. 210– 30. 2007.

BROUGH, Melissa; SHRESTOVA, Sangita. *Fandom meets activism: Rethinking civic and political participation*. **Transformative Works and Cultures**. New York: Vol 10, 2012. Disponível em <http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/303> Acesso em 26 jun 2015.

BROUNZTEIN, Karla Patriota. Nação dos 318: a religião do consumo na Igreja Universal do Reino de Deus. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, ano 11, vol. 11, n. 30, p. 125-142, jan./abr. 2014

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CAMPBELL, Heidi. *Religious Authority and the Blogosphere*. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Oxford,. vol. 15, n.2 p. 251–276, jan 2010.

_____. *Understanding the Relationship between Religion Online and Offline in a Networked Society*. **Journal of the American Academy of Religion**. Los Angeles, p. 1-30, 2011. Disponível em <<http://jaar.oxfordjournals.org/>>. Acesso em mai 2015.

_____. (Orgs) **Digital Religion; understanding religious practice in new media worlds**. Londres: Routledge, 2013.

_____. *Surveying theoretical approaches within digital religion studies*. **New Media & Society**. Volume: 19 issue: 1, p. 15-24. Jan. 2017

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo Midiático**. Aparecida, SP: Idéias & Letras: 2011.

_____. e MARIZ, Cecília. Novas comunidades católicas, por que crescem?. In: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (Orgs.). **Novas**

comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Idéias e Letras, 2009.

CASANOVA, José. A globalização do catolicismo e o retorno a uma igreja universal.. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, pp. 17-45, dez. 2010.

CELAM, Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2007.

Cheong, P. *Tweet the Message? Religious Authority and Social Media Innovation*. **Journal of Religion, Media and Digital Culture**. Estocolmo, ano 3, vol. 3, p.1-19. [online]. Dez 2014 Disponível em: <<http://jrmdc.com/papers-archive/volume-3-issue-3-december-2014>>. Acesso em mar de 2015.

COMBLIN, José. Os "Movimentos" e a pastoral latino-americana: 4. Características sociais dos movimentos; 5. As vantagens dos Movimentos. In: **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, (170), vol. 43, junho 1983, pp. 244-255

CUNHA, Magali Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

_____ **Do púlpito às mídias sociais:** evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba, PR: Editora Prisma, 2017.

De Certeau, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 20. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens:** para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004

FANTONI, Franciele Jordão. Amém? Compartilhe! A análise da interação e da circulação do discurso de Macedo, Santiago e usuários no Facebook e Twitter. 162p. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. Mídiação da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo signifiante. In: J.J JUNIOR (et al) (orgs) **Mediação e Mídiação**. Salvador: EDUFBA ; Brasília : Compós, p. 297-322, 2012

FLORES, A.C.P. Práticas midiáticas da Canção Nova na internet: afetação de lógicas comunicacionais católicas e midiáticas. 126p. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

_____ **Dos cliques à participação criativa:** a presença dos fiéis católicos na internet. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - **INTERCOM**, 37, 2015, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2015.

_____. Religião digital e reinstitucionalização católica: a catequese de leigos blogueiros na internet. In: **Simpósio Internacional Religiões, políticas e mídias na América Latina**, 2016, São Paulo e São Bernardo/SP. Anais... v. 1. p. 1-14, 2016.

_____ e SILVA, Sandra Rubia. Mídiação da religião como experiência vivida. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologia da Comunicação., São Leopoldo, v. 5, p. 43-50, jan – jun, 2017.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, 1999.

FRAGOSO, S. RECUERO, R.; AMARAL, A. **Método de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOMES, Pedro Gilberto. Mídiação: um conceito, múltiplas vozes. **Revista da FAMECOS**, Porto Alegre, v. 23, n.2, p 1-15, 2016

GRACIA, Juan Pecourt. *La esfera pública digital y el activismo político*. **Política y Sociedad** Madri. V.52, n.1, p.75-98. 2015. Disponível em <<http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/45423> > Acesso em jan 2018.

GROSSI, Mirian Pillar. A dor da tese. **Ilha Revista de Antropologia**. Florianópolis v. 6, n. 1, 2, p. 221-228, 2004.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de São Paulo, ano 5, n.2, p. 53 – 91, jan- jun 2012

_____. **A mídiação da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

HINE, Cristine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

_____. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Londres: Bloomsbury, 2015

_____. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: B. CAMPANELLA. e C. BARROS. (Orgs) **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, p 11-29. 2016

HOJSGAARD,M e WALBURG,M. **Religion and cyberspace**. Londres: Routledge,2005.

HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 41-68, jan./jun. 2014

JENKINS, Henry . **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

_____, GREEN. J, FORD, S. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio de mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2013.

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica **Christifidelis Laici** sobre vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1989.

JOHNSON, T. **Pesquisa social mediada por computador**: questões, metodologias e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LEMOS, Andre. Cibercultura como território recombinate. In: TRIVINHO, E., CAZELOTO, e. (Orgs). **A cibercultura e o seu espelho**. São Paulo: ABCiber/Itaú Culturak, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. SP: Abril Cultural, 1984.

MARTINO, Luis M. S. Mediação e midiatização da religião em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas. In: J.J JUNIOR (et al) (orgs) **Mediação e Midiatização**. Salvador : EDUFBA ; Brasília : Compós, p. 219-244, 2012.

_____. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____; SLATER; Don. **The Internet: an ethnographic approach**. Oxford: Berg, 2000.

_____; HORST, Heather. O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital. **Revista Parágrafo**, v.2, n.3, p. 91-105. Jul-dez 2015.

_____ et. all. **How the world changed social media**. Londres: UCL Press, 2016.

MIKLOS, Jorge. A construção do vínculo religioso na cibercultura: a ciber-religião. 145p. **Tese** (Doutorado em Comunicação). Pontífice Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEIRANO, Mariza. A teoria vivida: reflexões sobre a orientação em antropologia. **Ilha Revista de Antropologia**. Florianópolis, v.6, n.1 ,2, p. 209-218, julho de 2004.

_____ Etnografia ou teoria vivida, **Ponto Urbe** [Online], v. 2, 2008 <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>; DOI: 10.4000/pontourbe.1890> Acesso em 16 jan 2018

RECUERO. Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Everardo. Os bens como cultura: Mary Douglas e a antropologia do consumo. In: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p. 7-18.

SANCHOTENE, C.R.S. Religião 2.0: interação entre igreja e fiéis no blog de Edir Macedo. 170p. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo,RS, 2011.

SBARDELOTTO, M. **E o verbo se fez bit**: a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida/SP: Editora Santuário, 2012.

_____. La reconstrucción de lo religioso en la circulación en redes socio-digitales. **La Trama de la Comunicación**, Rosario, v. 18, p. 151-170, 2014. Disponível em <<http://migre.me/jFhMt>>. Acesso em 19 mai. 2014.

_____. “E o verbo se fez rede”: uma análise da circulação do católico em redes comunicacionais on-line. **Tese** (Doutorado em Comunicação). 496 p. Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, RS, 2016.

SHIRKY, Clay. A cultura da participação. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Ney. AÇÃO CATÓLICA, MILITÂNCIA LEIGA NO BRASIL: MÉRITOS E LIMITES. São Paulo, **Revista de Cultura Teológica** - v. 14 - n. 55 - abr/jun 2006 p 39-59.

STRATE, Logan. A queda das nações: o destino dos sistemas sociais no novo ambiente midiático. **E-compós**. Revista da Associação Brasileira dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v.14, n.3 (set – dez 2011), 2011.

TEIXEIRA. Faustino. A história da CEBs no Brasil. **Revista Concilium**, Petrópolis,RJ v. 296, n. 3, pp. 38-46, 2002.

TESTA, Sabrina. "Communion and Liberation" Movement: Transnational Practices and Discourses **Sociology and Anthropology** 4(12): 1054-1065, 2016

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2a. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

VAGGIONE, Juan Marco. *La “Cultura de la vida”: desplazamientos estratégicos del activismo católico conservador...* **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v,2, n2, p. 57 – 80. 2012.

VELHO, Gilberto. Orientação e parceria intelectual: dilemas e perspectivas. Florianópolis v. 6, n. 1, 2, págs. 134 - 143, 2004.

VÉRON, Eliseo. Esquemas para análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la comunicación**, Lima, v. 48, p. 9-17, 1997.

_____. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**. São Paulo, v. 8, n. 1, 13-19, 2014.